

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS COMPARADOS, CULTURAIS E
INTERDISCIPLINARES EM LITERATURA

André Vítor Silva Lima

**O HORROR DE ENCANTARIAS NA AMAZÔNIA:
Figurações do monstruoso nas narrativas orais de Gurupá-PA**

Marabá - PA

2021

André Vítor Silva Lima

**O HORROR DE ENCANTARIAS NA AMAZÔNIA:
Figurações do monstruoso nas narrativas orais de Gurupá-PA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – POSLET do Instituto de Linguística, Letras e Artes – ILLA da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Orientador: Dr. Dirlenvalder do Nascimento Loyolla.

Marabá - PA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa

Lima, André Vítor Silva

O horror de encantarias na Amazônia: figurações do monstruoso nas narrativas orais de Gurupá-PA / André Vítor Silva Lima ; orientador, Dirlenvalder do Nascimento Loyolla. — Marabá : [s. n.], 2021.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes, Programa de Pós- Graduação em Letras (POSLET), Marabá, 2021.

1. Narrativa (Retórica) - Gurupá (PA). 2. Cultura popular - Amazônia. 3. Ficção fantástica. 4. Contos de terror. I. Loyolla, Dirlenvalder do Nascimento, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD: 22. ed.: 808.8023

Elaborada por Adriana Barbosa da Costa– CRB-2/994

André Vítor Silva Lima

**O HORROR DE ENCANTARIAS NA AMAZÔNIA:
Figurações do monstruoso nas narrativas orais de Gurupá-PA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – POSLET do Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem e Sociedade.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dirlenvalder do Nascimento Loyolla (Orientador)

Prof. Dr. Paulo Eduardo Benites de Moraes (UNIR) – UNIFESSPA (Membro externo)

Prof^ª. Dr^ª. Simone Cristina Mendonça – UNIFESSPA (Membro interno)

Para Silvia, com amor.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho se concretiza por meio de sonhos, pesadelos, medo, suor e perseverança. Dedico a todos com quem convivi, os quais, de diversas formas, mesmo que inconscientemente, contribuíram para o meu crescimento e fortalecimento. A todos que se colocaram disponíveis, me apoiando, ensinando, criticando, mas, acima de tudo, fazendo com que eu conseguisse superar todas as dificuldades e receios.

Aos meus amados irmãos *Ana Luiza, Afonso Vítor, Ana Clara, Tobias, Lucy (in memoriam), Kiara, Robin e Nala*, que sempre acreditaram na minha capacidade, e que representam minha base de amor irrestrito, pela bondade e entendimento por meu distanciamento e ausência para me dedicar aos meus sonhos.

À minha querida amiga e amada mãe *Heloisa*, por toda dedicação e apoio, exemplificando a cada dia a importância do amor e sabedoria generosa.

Ao meu querido amigo e grande pai, *Gilson*, modelo de trabalho duro, perseverança e estudo, que me fazem lutar todos os momentos para me tornar uma pessoa melhor.

À minha eterna melhor amiga e cúmplice desta jornada fantástica e monstruosa, *Silvia Cruz Peixoto*, minha companheira; aos nossos filhos maravilhosamente animais, *Tico, Tiara e Garfield (in memoriam), Bruce, Selina, Mika, Tyrion e Berlim* por todo o amor, carinho e apoio de todas as horas, nos momentos de lutas, vitórias, fortalecendo nossos laços de respeito mútuo e amor.

Ao Prof. Dr. *Dirlenvalder do Nascimento Loyolla*, competentíssimo professor e Orientador, um profissional culto, compreensivo, generoso, humilde e dedicado, o qual tive o privilégio e honra de conhecer, admirar e também compartilhar aprendizados deste caminho de pesquisa e curiosidades. Por acreditar e me incentivar neste trabalho, meu mais sincero obrigado.

Ao Prof. Dr. *Alexander Meireles da Silva*, fantástico mentor, um profissional há muito já admirado, o qual tive o privilégio de conhecer e ter a oportunidade de compartilhar as trilhas do medo, do insólito e do monstruoso. Obrigado por me mo(n)strar novos conhecimentos e me guiar pelas tortuosas trilhas do fantástico.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, e a todo o corpo docente.

Ao Prof. Dr. *Luís Antônio Contatori Romano*, por todo o aprendizado, paciência, dedicação e oportunidades concedidas.

À Prof.^a Dr.^a *Simone Cristina Mendonça*, pelo aprendizado, atenção sincera, doação, carinho e empatia para com seus alunos.

Ao Prof. Dr. *Paulo da Silva Lima*, por toda a contribuição e atenção a nós proporcionadas.

À Prof.^a Dr.^a *Patrícia Aparecida Beraldo Romano*, pela dedicação, compreensão, carinho e extrema competência na tarefa de mediadora e proporcionadora de conhecimento.

Às amigas que foram feitas na UNIFESSPA. Que nossos laços jamais esmaçam e que, por mais que nossos caminhos se distanciem, sempre possamos carregar conosco as boas recordações (e as ruins também).

Aos queridos amigos *Dr. Richard Pace*, (Tia) *Olga Pace*, *John Bennett* (John Ben) *Soileau III* e *Glenn Harvey Shepard*, sem os quais este estudo não teria se concretizado. Muito obrigado.

A todos os amigos de Imperatriz e Gurupá, cidades que, assim como eles, me acolheram de braços abertos quando necessitei. Dedico esta, especialmente, aos amigos *Henrique Sousa*, *Luiz Silva*, *Stephany* e *Midiane Moraes* e a todos os demais amigos destas cidades que não caberiam em apenas um parágrafo. Muito obrigado, vocês são muito especiais.

Aos amigos de estrada, *Eliseu*, *Pedro*, *Verlí* e *Rômulo*, meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço também aos *Deuses* e demais entidades cósmicas esquecidas, por todos os pesadelos e dificuldades desta fantástica jornada, mas principalmente pelos momentos de pânico, depressão e ansiedade. Todos esses assombros me fortaleceram para que eu pudesse aceitar e enfrentar os desafios como oportunidades de aprendizagem, aprimoramento e, assim, buscar nos momentos mais difíceis a força e inspiração necessárias para arquitetar meus planos malucos e levá-los adiante. Obrigado pela insanidade. Obrigado!

“Não dá pra ser cético na Amazônia; aqui tem muita visagem! ”

(Voz popular)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado é um trabalho desenvolvido nos limites entre os estudos literários e os estudos culturais, que envolve práticas metodológicas de caráter descritivo, qualitativo e bibliográfico. Nossa pesquisa consiste em uma abordagem de narrativas orais recolhidas através de pesquisas de campo empreendidas pelo pesquisador numa determinada comunidade da Amazônia brasileira: a cidade de Gurupá, no estado do Pará, entre os anos de 2012 e 2015. O objetivo do estudo é analisar tais narrativas, as quais versam necessariamente sobre fenômenos sobrenaturais, mágicos, e/ou encantatórios a partir das teorias sobre o Horror e sobre o Monstruoso produzidas na esteira das discussões acerca do Fantástico na literatura. Dentro dessa perspectiva, dada a complexidade e a singularidade do fenômeno no referido espaço amazônico, o trabalho também propõe a criação de um conceito próprio para lidar com a questão, qual seja: o de *Horror de encantarias*, fruto da mescla constante de narrativas provenientes de contextos indígenas e ribeirinhos com elementos midiáticos. Por meio dos dados coletados em entrevistas na comunidade, constituiu-se o presente estudo. As narrativas obtidas representam um pilar principal desta dissertação para melhor ilustrar o conceito proposto. Para a concretização do mesmo, lançamos mão de um suporte teórico que conta com os seguintes autores: Cohen (1991), Corso (2004), Galvão (1955), Lovecraft (2007), Monteiro (2012), Pace (1998), Wagley (2014), Eco (2014), Silva (2019), Douglas (2012) e Sady e Loyolla (2017).

PALAVRAS-CHAVE: Horror. Monstro. Fantástico. Narrativas orais. Amazônia.

ABSTRACT

This dissertation is a work developed in the boundaries between literary studies and cultural studies that involves descriptive, qualitative and bibliographic methodological practices. Our research consists of an approach of oral narratives collected through fieldwork undertaken by the researcher in a particular community of the Brazilian Amazon: the city of Gurupá, in the state of Pará. The objective of the study is to analyze such narratives, which necessarily deal with supernatural, magical, and / or enchanting phenomena from the Horror theories produced in the wake of discussions about the Fantastic in the literature. Within this perspective, because of the complexity and uniqueness of the phenomenon in the aforementioned Amazonian space, the work also proposes the creation of the concept of "Horror of enchantments", that is, the result of the constant mixture of narratives from indigenous and riverine contexts with media elements. Through the data collected in interviews in the community, the present study was constituted. The narratives obtained represent a main pillar of this dissertation to better illustrate the proposed concept. To carry out this study, we use a theoretical support that has the following authors: Cohen (1991), Corso (2004), Galvão (1955), Lovecraft (2007), Monteiro (2012), Pace (1998), Wagley (2014), Eco (2014), Silva (2019), Douglas (2012) and Sady and Loyolla (2017).

KEYWORDS: Horror. Monster. Fantastic. Oral narratives. Amazon.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Professor Dr. Richard Pace e bolsista André Vítor Silva Lima preparam o equipamento para a gravação de uma entrevista com um dos antigos moradores de Gurupá – PA (2015).....	14
FIGURA 2 – Bolsista André Vítor Silva Lima entrevista um dos antigos moradores de Gurupá – PA (2015)	15
FIGURA 3 – Bolsista André Vítor Silva Lima e equipe aguardam transporte fluvial para a Vila do Carrazedo, na região de Gurupá – PA (2015).....	15
FIGURA 4 – Vista parcial de Gurupá a partir da Hidroviária municipal	58
FIGURA 5 – Vista da Vila do Carrazedo, na região de Gurupá.....	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 QUAL É A HISTÓRIA DO MONSTRO?	23
2.1 MONSTROS CLÁSSICOS: ENTRE A TRANSGRESSÃO E A DESTRUIÇÃO.....	28
3 O MONSTRO BRASILEIRO	45
3.1 O MONSTRO DA REGIÃO NORTE.....	50
4 AS FIGURAÇÕES DO MONSTRUOSO NAS NARRATIVAS ORAIS DE GURUPÁ - PA.....	57
4.1 ESTUDO DE RELATOS DOCUMENTADOS	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXOS	91

ANEXO 1 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS REALIZADOS DURANTE A PESQUISA ENTRE 2012 E 2015.

ANEXO 2 – RELATOS DE MORADORES DE GURUPÁ ENTREVISTADOS ENTRE 2012 E 2015.

ANEXO 3 – NARRATIVAS ORGANIZADAS A PARTIR DOS RELATOS DE MORADORES DE GURUPÁ ENTREVISTADOS ENTRE 2012 E 2015

1 INTRODUÇÃO

Segundo o escritor norte-americano H. P. Lovecraft (2008, p. 13), para quem “a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo”, pode-se compreender o terror como aquilo que prepara o espectador para o horror. O terror está ligado ao sentimento de medo, de ansiedade em relação àquilo que está por vir; é por isso que, para Lovecraft (2008), “o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido”. Trata-se da angústia experimentada pela mente ao ouvir ruídos misteriosos, passos na escuridão quando se tem a plena certeza de que se está sozinho. Ou seja, o terror se aloja, se desenvolve e trabalha na mente humana, exercendo seu poder no psicológico. É um sentimento mais elaborado e complexo.

Já o horror, por sua vez, é uma resposta física (e rápida) à percepção de uma determinada aparição monstruosa, violenta ou asquerosa. Ela se localiza, portanto, num patamar diferente do terror, que é o sentimento de apreensão e medo permeados por questionamentos tais como “o que está acontecendo? ”, ou “o que vai acontecer? ”, ao passo que o horror é o acontecimento propriamente dito: é a aparição, a visão assustadora para a qual o medo anterior preparou o espectador. Considerando isto, pode-se afirmar que o terror pende mais para a dimensão psicológica da plateia ao passo que o horror está ligado ao sentido da visão.

Por isso seria correto afirmar que a maioria das obras cinematográficas hollywoodianas denominadas popularmente como “filmes de terror” adequar-se-iam mais fidedignamente ao rótulo de “filmes de horror”, pois, apesar de gerarem certos momentos de tensão e apreensão, possuem o seu foco principal em momentos de horror – isto é: momentos nos quais os espectadores visualizam criaturas sobrenaturais, monstros, cenas grotescas de assassinatos, mutilações, jorro de sangue etc., de modo a gerar sustos intensos. Assim sendo, o principal foco de tais filmes está na exploração do monstruoso, o qual se materializa através de recursos como maquiagem e efeitos especiais.

Há, por certo, grande fascinação na cultura popular por obras literárias e cinematográficas que unam terror e horror. Histórias sobre monstros, assassinos cruéis, demônios e assombrações alimentam a imaginação de milhões de pessoas ao redor do mundo. E mesmo que livros e películas dessa natureza não sejam mais novidade há muitos e muitos anos, o público em geral ainda não se cansou de se assustar com demônios, *serial killers*, zumbis ou *poltergeists* importunando a vida de

peças inocentes. Como afirma Vasconcelos (2014, p. 9): “monstros, fantasmas, seres sobrenaturais, casas mal-assombradas, pactos com o demônio... As histórias de horror existem há milênios e fazem parte do folclore e das tradições religiosas de povos do mundo inteiro”. Para o autor, na Antiguidade, chineses, gregos e romanos já eram afeitos a relatos arrepiantes, “mas foi na Idade Média, por meio dos contos de fadas, que essas narrativas começaram a se popularizar” (VASCONCELOS, 2014, p. 9).

O tema desta dissertação de mestrado surgiu justamente a partir da reflexão acerca da manifestação do horror nas narrativas orais tradicionais – isto é: a partir da constatação de que o horror também se manifesta para além da fisicalidade da visão, uma vez que pode ser ativado pela figuração mental (isto é, pela imaginação do leitor ou do ouvinte através da leitura ou audição de relatos). As narrativas orais tradicionais escolhidas, neste caso, são aquelas pertencentes ao imaginário amazônico – cenário este no qual faz-se perceptível que a própria caracterização física dos seres apresentados sempre apela para imagens grotescas que promovem reação imediata no ouvinte/leitor (a exemplo do Mapinguari, que possui uma enorme boca no meio da barriga). Nesse sentido, digno de nota também é o fato de que nos relatos amazônicos aqui analisados também há um apelo muito forte no que tange à construção de “cenas” com muitas imagens brutais (membros decepados, sangue, dentes enormes, machadadas nas costas etc.). Tal “fisicalidade” nas narrativas, portanto, denuncia a presença do horror do qual trata a teoria do Fantástico.

Este estudo, portanto, busca investigar o fenômeno do horror a partir de figurações do monstruoso contidas em narrativas orais do município de Gurupá – cidade paraense situada às margens do Rio Amazonas na região nordeste do estado do Pará. Importante notar que essa região tornou-se palco de investigações ligadas a tais manifestações desde a primeira metade do século XX, após a publicação de estudos como *Amazon Town: a study of man in the tropics* (1945), do antropólogo norte-americano Charles Wagley.

Nossa pesquisa tem como *corpus* principal narrativas orais coletadas entre 2013 e 2015 durante entrevistas com moradores de Gurupá. Nosso objetivo, portanto, é analisar tais relatos traçando um paralelo entre registros da literatura oral amazônica e as noções do horror – temática esta que, no Brasil, ainda carece de maior aprofundamento na esfera dos estudos acadêmicos.

Entre 2012 e 2015, o autor desta dissertação participou de pesquisas de campo realizadas na cidade de Gurupá (PA), quando ainda era graduando e bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPq) da Coordenação de Ciências Humanas (CCH) do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). A pesquisa em questão era coordenada pelo antropólogo norte-americano Dr. Richard Pace, professor da Middle Tennessee State University (MTSU). A viagem para Gurupá como parte da equipe do professor Pace a fim de auxiliá-lo em sua pesquisa sobre os impactos das mídias eletrônicas naquela sociedade acabou chamando a atenção do aprendiz quanto aos mistérios ligados aos efeitos retóricos por trás da construção das narrativas orais ao longo dos anos.

FIGURA 1 – Professor Dr. Richard Pace e bolsista André Vítor Silva Lima preparam o equipamento para a gravação de uma entrevista com um dos antigos moradores de Gurupá – PA (2012).



Fonte: Acervo do pesquisador.

FIGURA 2 – Bolsista André Vítor Silva Lima entrevista um dos antigos moradores de Gurupá – PA (2012).



Fonte: Acervo do pesquisador.

FIGURA 3 – Bolsista André Vítor Silva Lima e equipe, em uma vila próxima, aguardam transporte fluvial de volta para Gurupá – PA (2012).



Fonte: Acervo do pesquisador.

Por meio de entrevistas e diálogos com os moradores da região de Gurupá, reuniu-se um apanhado de narrativas orais, as quais foram coletadas ao longo dos anos de visitas a Gurupá (2012 a 2015). Já o conhecimento prévio em relação a algumas narrativas orais amazônicas, bem como a peculiaridades culturais de Gurupá foi realizado a partir de leitura de obras como *Amazon Town: a study of human life in the tropics* (1945), de Charles Wagley; *Santos e Visagens* (1955), de Eduardo Galvão; e *Visagens e Assombrações de Belém* (2012), de Walcyr Monteiro. A obra de Walcyr Monteiro faz um levantamento a partir de relatos da Belém da década de 1970, tendo usado como fonte os livros de Galvão e Wagley.

Assim como a pesquisa do autor de *Visagens e Assombrações de Belém*, esta pesquisa sobre narrativas sobrenaturais em Gurupá também se tratou, inicialmente, apenas de uma coleta de dados sobre histórias de assombrações que eram contadas na comunidade. Porém, tal qual no livro de Walcyr Monteiro, logo esta pesquisa mostrou ter potencial para ser estudada pelas mais diversas abordagens interpretativas, seguindo várias ramificações. Diante disto, com o intuito da presente pesquisa não se resumir a apenas uma reunião de contos orais daquela comunidade, decidiu-se estudá-los sob a ótica do horror.

Isto se deve ao fato de se ter observado, em Gurupá, o potencial da figura do monstro enquanto agente fóbico, ou seja, um agente causador de medo dentro da comunidade. Observando nas obras de H. P. Lovecraft, os traumas causados em seus personagens, levados inclusive à loucura, pelo seu contato com criaturas monstruosas antiquíssimas, em algumas narrativas obtidas em Gurupá, se notou algumas semelhanças entre estas características da *Weird Fiction* e do *Horror Cósmico* divulgados por Lovecraft, e os relatos aqui comentados.

Nesse caso especial, vale lembrar que o horror presente em tais narrativas e a noção de monstruoso estão intimamente ligados, uma vez que, para Cohen (1996), o monstro nada mais é do que um produto cultural que existe para ser mostrado (etimologicamente, *monstro* vem de *monstrum*: “aquilo que se mostra”). E o que chamou a atenção de pesquisadores como Charles Wagley, na primeira metade do século XX e que ainda chama a atenção de estudiosos na atualidade é o fato de existir em Gurupá um processo de “naturalização” dos relatos de encantaria.

Desse modo, durante as pesquisas de campo, percebeu-se que as narrativas orais de Gurupá se estendiam além das fronteiras do terror, já que nos relatos dos membros da comunidade há momentos de horror vividos pelos envolvidos nos casos,

já que os mesmos supostamente depararam-se com seres monstruosos ou “encantados”.

Importante notar que, em muitas ocasiões, as narrativas dos moradores de tal município não se limitam simplesmente a reproduzir relatos de outrem, histórias de assombração do passado ou causos de assombração. O referido processo de “naturalização” de tais fenômenos faz com que os próprios entrevistados envolvidos na pesquisa tratem as narrativas fantásticas ou os seres mágicos como coisas comuns do seu dia a dia (casos acontecidos com pessoas próximas ou com os próprios entrevistados). A temática sobrenatural, nesse caso, envolve a presença de seres de natureza mítica, encantada e monstruosa, e também compõe grande parte da cultura da comunidade – onde atuam como agentes fomentadores do medo. Sendo assim, é justamente devido à tentativa de analisarmos narrativas orais pertencentes à cultura amazônica sob a perspectiva do horror que usamos neste estudo a expressão “horror de encantarias”. Trata-se de uma abordagem de tal repertório de narrativas orais amazônicas sob a ótica do horror e do monstruoso nos seus sentidos mais amplos.

O imaginário amazônico, em geral, tem sido abordado de maneiras variadas com o passar das décadas nos mais diversos estudos, sejam eles literários, antropológicos ou de outra natureza. Autores como Charles Wagley (1953), Eduardo Galvão (1955), Walcyr Monteiro (1972), dentre outros estudiosos, realizaram investigações sobre efeitos de miscigenação e sincretismo das populações ribeirinhas oriundas dos brancos europeus, índios da região e negros africanos. De modo geral, chegaram à conclusão que muitos dos mitos e lendas que sobreviveram ao tempo são resultado de tais diálogos culturais.

Ao tratar de temas como o *folk horror* e o horror cósmico, Howard Phillips Lovecraft, escritor norte-americano das primeiras décadas do século XX, ficou conhecido principalmente como divulgador de uma das expressões do fantástico chamada de ficção *Weird*. Em seu ensaio *O horror sobrenatural em literatura* (1927), o autor de “*O chamado de Cthulhu*” (1928) procura tecer uma definição para o subgênero *Weird* ao afirmar que este necessita de:

Uma certa atmosfera inexplicável e empolgante de pavor de forças externas desconhecidas [...]; e deve haver um indício, expresso com seriedade e dignidade condizentes com o tema, daquela mais terrível concepção do cérebro humano – uma suspensão ou derrota maligna e particular daquelas leis fixas da Natureza que são nossa única

salvaguarda contra os assaltos do caos e dos demônios dos espaços insondáveis (LOVECRAFT, 2007, p. 17).

Desse modo, podemos constatar que o *Weird* diz respeito a uma faceta da Literatura Fantástica onde há a presença de uma inquietação por parte do leitor, um sentimento crescente de uma angústia proveniente de um ambiente externo que, ainda de acordo com Lovecraft (2007, p. 11) “...tem algo mais que um assassinato secreto, ossos ensanguentados, ou algum vulto coberto com um lençol arrastando correntes”. Assim sendo, a temática *Weird* assume o posto de entre-gêneros podendo se relacionar a aspectos do Gótico, da Fantasia e da Ficção Científica.

Apesar de estabelecer diálogos com gêneros literários diferentes, é no Horror que a ficção *Weird* encontra seu maior destaque, porém, não fazendo uso de seus principais elementos agentes do medo, como monstros e fantasmas. Nesse sentido, a *Weird Fiction* prioriza a angústia causada pelas transformações sociais da época vigente, ou seja, suas inseguranças e inquietudes.

O termo Ficção *Weird* foi primeiramente usado pelo escritor irlandês Joseph Sheridan Le Fanu, autor da obra *Carmilla: a vampira de Karnstein* (1872). Le Fanu procurava uma nova abordagem da ficção sobrenatural, pois o contexto social em questão estava marcado por inovações científicas e tecnológicas que viriam a causar significativas transformações no mundo e, por conseguinte, na literatura. Para Alexander Meireles da Silva (2018), naquele contexto:

[...] não havia mais espaço para a crença disseminada no sobrenatural de origem religiosa, como demônios, anjos, fantasmas e afins. E esse mesmo ritmo de mudanças crescentes também afetou a cultura e dentro dela a Literatura, impactando os próprios limites do gênero literário (SILVA, 2018, p. 1).

Por ser o primeiro a tentar traçar uma definição mais adequada do que seria a *Weird Fiction*, H. P. Lovecraft teve seu nome associado a este subgênero de tal modo que ambos se tornaram sinônimos durante o início do século XX.

Devido ao ensaio *O horror sobrenatural em literatura* (1927), onde Lovecraft define o conceito de *weird*, seu nome passou a ser vinculado a outra expressão do *Weird Fiction* que é o Horror Cósmico ou Cosmicismo, muito presente em seus contos.

Segundo Lovecraft, o Horror Cósmico trata-se de um aspecto da ficção na qual o horror é proveniente do encontro do ser humano com forças externas e não de sua

própria psique. Estas forças externas seriam conhecimentos ancestrais que iriam muito além da capacidade humana de suportá-los e, devido a isto, muitos dos personagens dos contos de Horror Cósmico perderiam a sanidade ou, diante de tamanhas revelações, recorreriam ao suicídio.

Por sua vez, este conhecimento ancestral viria de um espaço desordenado, de um caos universal, ou seja, para o autor, este horror tem sua origem em mitos de civilizações antigas e perdidas, em divindades cuja existência há muito foi esquecida, devido a um processo gradual de negação desta porção maligna e cruel do universo.

Estes seres divinos seriam deuses extradimensionais, entidades cósmicas que já vieram à terra em tempos imemoriais e durante sua estadia em nosso pequeno planeta, exerceram domínio sobre a raça humana. A raça humana, em seguida, em um lento processo, procurou esquecer a cruel soberania outrora sofrida e buscou outras divindades para venerar enquanto as antigas criaturas aguardariam pacientemente o momento de retornar ao nosso plano terreno.

Neste ponto entrariam em cena os deuses gregos, celtas, nórdicos e de outras culturas que, ainda que pudessem ocasionalmente ser egoístas e cruéis para com os humanos, também poderiam ser bajulados e idolatrados para que desta maneira a raça humana pudesse receber algum benefício das esferas superiores. (SILVA, 2018)

Este último caso não aconteceria no Horror Cósmico, pois os seus contos são marcados pelo aspecto da indiferença cósmica por parte destes seres ancestrais para com a raça humana cuja existência nenhum valor teria perante a grandeza do cosmos e, o conhecimento desta insignificância legitimaria o fato de que todas as crenças religiosas do homem estariam erradas. Partindo deste pressuposto o homem, ao deparar-se com esta dura realidade, cairia em loucura, desespero e morte.

Na expressão aqui proposta, o “horror de encantarias”, muitos aspectos podem ser vistos como semelhantes ao Cosmicismo Lovecraftiano. Porém, outros pontos diferem-se por questões culturais provenientes da região amazônica. Para melhor elucidação destas diferenças entre termos, o Horror de Encantarias será melhor descrito a seguir.

Assim como nas obras ficcionais do Cosmicismo, no Horror de Encantarias o fator que provoca o horror também é oriundo de forças externas ao ser humano que as confronta, porém, estas forças não são provenientes de divindades há muito esquecidas, mas sim de figuras mitológicas amazônicas. Tais seres, como o Curupira, o Boto, o Mapinguari, a Cobra Grande e afins, assim como as divindades do Horror

Cósmico, também representariam conhecimentos ancestrais acima da compreensão de muitos seres humanos, o que mediante um confronto entre ambos, facilmente conduziria uma pessoa a perder sua sanidade, sofrer traumas irreversíveis ou até mesmo morrer. Durante as pesquisas realizadas em Gurupá foi possível coletar narrativas acerca de pessoas que, diante de fatos sobrenaturais, segundo os moradores “passaram a se comportar como loucas para o resto de suas vidas”. Estes efeitos causados aos ribeirinhos por seres sobrenaturais são chamados geralmente de “malinações” e podem ser comparados aos traumas ocorridos com pessoas no Horror Cósmico no período de pós encontro com as divindades cósmicas, as quais, não raras vezes as conduzem à morte.

Muitos seres provenientes de narrativas ribeirinhas podem ser causadores das temíveis “malinações”: Botos, Cobras Grandes, Mães D’água, Companheiros do Fundo e Curupiras são especialmente temidos por esse motivo. Segundo moradores de Gurupá, as “malinações” também podem ser chamadas de “assombração”, ou seja, quando você fica “assombrado” pela entidade e também muitos ribeirinhos se referem a este fenômeno como o momento em que o ser “rouba a sua sombra”. As causas para isso podem ser variadas. Pessoas podem ser “malinadas” ou “assombradas” por uma entidade quando estas se sentem desrespeitadas por um indivíduo, quando alguém entra em seus domínios sem pedir permissão, quando desmatam ou caçam predatoriamente na floresta, quando não respeitam os dias e horários santos, quando estas simplesmente não simpatizam com a pessoa ou, no caso do boto, quando as pessoas resistem às suas investidas sexuais. Os resultados disso geralmente são os mesmos: febre altíssima, delírios, convulsões e ataques que só podem ser curados mediante a presença de um pajé, curandeiro ou rezador. Em muitas ocasiões, nem estes obtêm sucesso na cura da vítima, a qual, inevitavelmente, vem a falecer em seguida. Eduardo Galvão narra um destes episódios em sua obra *Santos e Visagens* (1955):

Raimundo, outro morador de Itá, relata uma experiência que ele e a família tiveram com um bôto. Residiam nêsse tempo em um barracão de comércio, situado na beira do Amazonas, pouco acima de Itá. Uma noite ouviram um assobio como se alguém estivesse chamando do lado de fora. A irmã que dormia no quarto dos fundos começou a cantar uma cantiga estranha. Não se percebia o sentido das palavras. Suspeitaram que fôsse uma *cantiga do fundo* (próprias dos *companheiros do fundo*) despertados pelo fato dos assobios. Correram ao quarto justamente a tempo de agarrar a jovem que se

preparava para atirar à água. Ela fez tudo para livrar-se. Seu corpo, desnudo, estava escorregando como peixe. Só deixou de resistir quando lhe esfregaram alho. Raimundo e o irmão foram olhar fora do barracão e perceberam alguém correndo pela praia para logo cair no rio. Parecia um homem vestido de branco, mas era um bôto porque saiu bufando. A moça passou a sofrer de ataques, durante os quais entoava cantigas que agora todos sabiam ser dos *companheiros do fundo*. Um pajé tentou inutilmente curá-la. Morreu alguns anos depois daquela noite (GALVÃO, 1955, p. 95).

É importante ressaltar que a Itá narrada por Galvão, trata-se da própria cidade de Gurupá da década de 1950, cujo nome em sua obra foi alterado propositalmente em seu livro. Portanto, percebe-se que em Gurupá as narrativas de seres que “como os Curupiras e os Anhangás, são malignos e capazes de assombrar o homem” (GALVÃO, 1955), são antigas, porém permanecem vivas na comunidade até os dias atuais. Percebe-se também, por meio das histórias contadas sobre os mesmos, que estes seres, apesar de sua grande maioria ser composta por protetores da natureza, “são, como os demais, extremamente suscetíveis a qualquer provocação” (GALVÃO, 1955). Este fato, por si só, já é o suficiente para instigar medo aos seres humanos, os quais, temendo encontros com tais criaturas, geralmente procuram ao máximo respeitar seus espaços, para que não acabem sendo vítimas de seus terríveis assombros e malinações.

Desta forma, o Horror de Encantarias seria proveniente do encontro dos seres humanos com as forças misteriosas do imaginário amazônico que, na maioria das vezes, segundo os relatos, causam terríveis consequências para o homem ou mulher. O medo da população com relação a estes seres, por mais que nunca tenham o visto, também seria uma característica do Horror de Encantarias, pois este legitima estas criaturas enquanto agentes do medo em Gurupá, assombrando o imaginário de seus moradores.

O fato de que, durante entrevistas na comunidade, estas entidades míticas, tenham sido denominadas de “monstros”, foi um dos fatores principais os quais levaram o presente estudo a ser observado sob a ótica do monstruoso pois, enquanto o Horror Cósmico é permeado de deidades há muito esquecidas, o Horror de Encantarias é povoado e caracterizado pelos inúmeros monstros que o homem amazônico não consegue esquecer. Para a concretização deste estudo, lançamos mão de um suporte teórico que foi aqui representado em três dimensões, as quais

são, em primeiro lugar, teóricos sobre o Horror e o Fantástico, em seguida, os teóricos sobre a origem do monstro e por último, os teóricos sobre mitos amazônicos.

Sobre o Horror e do Fantástico usamos os seguintes autores: Lovecraft (2007), Kristeva (1982), Silva (2013) Eco (2014) e Sady e Loyolla (2017).

Quanto à questão das origens do monstro, os autores consultados foram: Cohen (1991), Corso (2004), Costa (2010), Del Priore (2000), Eco (2014), Fonseca (1992), Gândavo (2008), Kappler (1994), Silva (2019) e Lima (2012).

Já quanto à questão dos mitos amazônicos, o suporte teórico contou com os seguintes autores: Cascudo (2002), Galvão (1955), Monteiro (2012), Pace (1998), Wagley (2014), Corso (2004), Douglas (2012) e Laraia (1986).

Nos capítulos seguintes, os quais compõem o presente estudo serão abordadas questões referentes à história dos conceitos do horror e do monstruoso, assim como a sua subsequente extensão até o território brasileiro. Em seguida serão abordados traços de como o monstruoso se manifesta nas narrativas orais da cidade de Gurupá (PA), assim como os resultados obtidos nesta pesquisa.

2 QUAL É A HISTÓRIA DO MONSTRO?

Primeiramente, ao se traçar um estudo acerca do monstruoso, a primeira questão a ser levantada deve ser: *O que é um monstro?* Segundo Jeffrey Jerome Cohen (1996):

O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural — de uma época, de um sentimento e de um lugar. O corpo do monstro incorpora — de modo bastante literal — medo, desejo, ansiedade e fantasia (ataráxica ou incendiária), dando-lhes uma vida e uma estranha independência (COHEN, 1996, p. 26-27).

Como afirmado, o monstro se adequa ao momento social e cultural no qual está inserido; ele absorve os medos da humanidade em determinada circunstância e os reflete, fazendo com que se veja no monstro uma representação física de seus próprios anseios. Sobre esta teoria, Silva (2019) argumenta que:

Todo monstro incorpora o momento cultural no qual está inserido. Ele é a corporificação de uma época, de um sentimento e de um lugar. É nesta tese que temos o sentido primeiro do monstro como "aquele que revela", "aquele que adverte". Temer a criatura, dentro desta tese, reflete as angústias, ansiedades e inseguranças do ser humano em relação a algo ou alguém do seu mundo que lhe provoca incômodo (SILVA, 2019, p. 05).

Deste modo, pode-se afirmar que, independente do cenário social no qual esteja introduzido, o monstro sempre será aquilo que fomentará desconforto perante os padrões e paradigmas considerados socialmente aceitos. O monstro, ou melhor, o monstruoso, é tudo aquilo ou aquele que é considerado diferente, anormal, incomum ou insólito. Desde os primórdios de sua existência, o ser humano foi habituado a identificar o “diferente” e, conseqüentemente, a temê-lo. Fato este pode ser corroborado ao se observar o grau de espanto ou curiosidade manifestado por uma criança que, em sua inocência, observa pela primeira vez um portador de deficiência física ou uma pessoa que não compartilhe de sua mesma cultura, religião ou afins.

Assim sendo, o ser humano tende a reagir com aversão, preconceito, estranhamento ou medo a tudo o que considera diferente ou fora do normal, e tal situação permite que um monstro seja criado. À vista disso, podemos afirmar que um monstro é um agente do medo, ou, uma manifestação física do medo, preconceito e

ódio humanos. Na prática, isso nos permite afirmar que o medo é o fator criador de monstros. Essa afirmação é corroborada por Lovecraft (2008, p. 13), para quem "a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido". Qual seja: o medo é causado pelo desconhecido, e o monstro é exatamente isto: é aquilo que não conhecemos, que não possui coisas em comum conosco e que nos causa perturbação. Esse medo pode ser concebido de duas formas.

Em primeiro lugar, temos o monstro que vive fora, ou seja, fora de nosso círculo familiar, fora de nossas esferas sociais, fora de nosso vilarejo, cidade ou país. Assim sendo, este "monstro" causa medo, aversão ou angústias por desempenhar o papel daquilo que não conhecemos, e daquele com o qual não convivemos. Ele torna-se um promotor fóbico a partir do ponto em que não o vemos, não conhecemos seus costumes, não sabemos suas intenções e, portanto, reagimos com receio.

O segundo lugar é ocupado pelo monstro interno, o monstro que vive dentro de nossas comunidades, dividindo conosco espaços cotidianos e nos causando algum sentimento de fobia ou repulsa. Neste segundo tópico é importante percebermos o conceito de teratologia (de *Teratos* [monstro] + *Logia* [estudo]), o qual define-se pelo estudo dos monstros, mas que, no âmbito científico, é o ramo destinado aos estudos das anomalias congênitas. Esse termo é um vocábulo que necessita atualmente ser empregado com a devida cautela, pois é uma palavra carregada dos preconceitos de outrora. Porém, é interessante constatar o quanto esta palavra confabula com os preconceitos presentes no contexto social da Idade Média, onde muitas doenças que afetavam o corpo humano eram consideradas monstruosidades, assim como as pessoas portadoras destas doenças eram consideradas como "monstros".

De acordo com a *Bíblia*, no livro do *Gênesis*, observamos a ideia transmitida durante séculos de que o homem deveria ter um padrão físico a ser seguido, um exemplo de perfeição que seria a própria imagem de Deus. "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra" (GÊNESIS, 1:26). Neste versículo é possível identificar a ideia de que o corpo do homem tem um padrão divino a ser obedecido, que o corpo humano é um dos componentes fundamentais da cristandade ou seja, a perfeição da constituição física era uma manifestação da graça de Deus. Mary Douglas, em seu livro *Pureza e Perigo* (2012), afirma que:

O Levítico faz muitas alusões à perfeição física. A Lei exige-a a todas as coisas apresentadas ao Templo e a todas as pessoas que dele se aproximam. Os animais oferecidos em sacrifícios não podem ter deformidades, as mulheres têm de ser purificadas após o parto, os leprosos devem estar separados dos outros homens e, uma vez curados, ser ritualmente lavados antes de entrarem no Templo. Todas as secreções corporais são consideradas poluentes e interditam o acesso ao templo. Os padres só podem entrar em contato com a morte quando um de seus parentes próximos morreu. Mas o sumo-sacerdote não poderá nunca ter contacto com a morte. Quem aspira a ser padre deve, por outras palavras, ser um homem perfeito. Esta noção de plenitude física tão frequente encontra-se na vida social e em particular no acampamento dos guerreiros. A cultura israelita alcança o seu apogeu na oração e no combate. O exército não pode vencer sem a benção divina e o acampamento deve ser santo se quiser conservar a benção. Há que preservar o acampamento, bem como o Templo, longe de todas as impurezas. As secreções corporais interditam o acesso tanto ao acampamento como ao Templo. Um guerreiro que tenha sofrido uma excreção corporal durante a noite deve permanecer o dia seguinte fora do acampamento e retornar ao crepúsculo, depois de se ter lavado (Deut XXIII, 10-15). Em suma, a ideia de santidade exprimia-se de um modo exterior, físico, na exigência da integridade do corpo considerado como um receptáculo perfeito (DOUGLAS, 2012, p. 41-42).

Considerando o fato de que a perfeição, a plenitude física do homem, era correspondente a um padrão deífico, qualquer fator que se desviasse desse ideal era interpretado como um elemento monstruoso. Consequentemente, percebemos o quanto que as doenças que traziam deformações à compleição física foram consideradas fomentadoras da origem dos monstros.

Ao enveredarmos em uma busca do percurso do monstro na história e as funções exercidas pelo mesmo durante esse trajeto, podemos notar o quanto o conceito do monstruoso era atribuído à ira dos deuses, ou seja, os monstros eram considerados produtos da cólera divina. Em uma época onde tais criaturas eram ligadas apenas a questões de natureza sobrenatural, foi Aristóteles um dos primeiros, senão o primeiro, a procurar elaborar uma explicação lógica e plausível para a monstruosidade.

Sendo um dos mais expressivos pensadores ocidentais, o filósofo estagirita fez uso de uma análise racional para buscar compreender o papel do monstro dentro da ordem cósmica. Em sua obra *Da geração dos animais* (*De Generatione Animalium*), Aristóteles iniciou um processo de desmistificação dos monstros analisando como se dá o processo de desenvolvimento embrionário das espécies e realizou um estudo acerca das anomalias que se encontravam ocasionalmente em certas espécies.

Ao tratar da semelhança que se espera haver entre a prole e seus progenitores, Aristóteles observou que, eventualmente, algumas crias apresentam certas deformidades e, por isso, tais más-formações distanciam a forma dos filhos da forma dos pais; daí o fato de que eles sejam considerados monstruosos. Sob a ótica desse pensador grego, essa diferença apresentada por tais indivíduos indica que a natureza sofreu um desvio, apenas. Assim, o “ser monstruoso” não deveria ser considerado uma criatura contrária à natureza, pois tudo aquilo que ocorreria na natureza, ainda que no sentido oposto ao comum, acontecia de acordo com suas regras e leis. Desse modo, ainda em sua obra citada anteriormente, Aristóteles buscou uma maneira racional de estudar as chamadas “criaturas híbridas” e sua existência.

Tais criaturas, muito presentes nas narrativas mitológicas, como o Minotauro, foram estudadas pelo filósofo macedônio que, por meio da observação de diversos animais e do estudo de seus diferentes períodos gestacionais, chegou à conclusão de que seria impossível que um animal ou pessoa, pudesse ter a cabeça de outro animal. Segundo ele, mesmo que um ser humano ou um animal, apresentasse uma parte do corpo semelhante à de outro animal, isto seria apenas uma questão de aparência. Aristóteles, então, conclui seu pensamento sustentando a hipótese de que estes tipos de monstruosidades seriam nada mais, nada menos que deformidades da própria natureza.

Para Silva (2019), ao fazer essa remoção do monstruoso dos campos do sobrenatural e da mitologia, Aristóteles desenvolveu estudos que só se realizariam novamente por pensadores do século XVI e naturalistas do século XVIII, quando a ciência reduziu o mundo natural a um mero mecanismo causal. Ainda que seus estudos tenham influenciado uma gama de outros pensadores, como Lucrécio (Séc. I a.C.), Cícero (Séc. I a.C.), Plínio – O Velho (Séc. I d.C.) e Santo Agostinho (426 d.C.), os mesmos não encontraram o devido acolhimento durante a Idade Média, onde os monstros eram considerados instrumentos de Deus.

O fato de “o monstro” ter sido utilizado como argumento para se tecer considerações sobre o “outro” faz com que percebamos o quanto desse olhar diz sobre o próprio povo europeu. Seus medos, anseios, ideologias, crenças religiosas e inseguranças eram provenientes das mais diversas fontes.

Sobre tais fontes é importante mencionar o legado dos pensadores da Antiguidade para com os estudiosos da Idade Média. A respeito das principais mentes do período greco-romano é relevante mencionar nomes como Ctésias de Cnido,

historiador e médico cujo manuscrito *História da Pérsia* (398 a.C.) influenciou a Índia a ser encarada como um *locus* do monstruoso sob a ótica greco-romana.

Desta forma, para a Índia migraram todas as criaturas monstruosas, prodígios e portentos conhecidos pelo mundo civilizado desde os tempos homéricos. Em seus documentos, Ctésias de Cnido registra e descreve animais maravilhosos e monstruosos como as mantícoras, os unicórnios, os grifos e as gigantescas formigas voadoras que, segundo o pensador, habitavam a região do Sul da Ásia. Tais registros causaram tanto impacto e tiveram tal recepção a ponto de paleontólogos como o francês Georges Cuvier, no século XIX, utilizarem a obra para estudos científicos. Neste último caso, Cuvier procurou usar os estudos de Ctésias de Cnido para discutir se os registros contidos neles sobre o unicórnio, na verdade, não seriam apenas uma visão da época sobre o rinoceronte.

Outra das fontes mencionadas que causaram fortes influências sobre o imaginário do homem medieval foi Plínio, O Velho, naturalista romano que em seu compêndio *História Natural* (77 d.C.) cria uma enciclopédia a respeito dos conhecimentos humanos. Esses estudos exerceram grande influência em estudiosos no decorrer dos séculos e inspiraram muitas pessoas que realizavam esta conexão entre o Ocidente e o Oriente durante eras até as navegações do século XVI. Uma destas pessoas foi o explorador veneziano Marco Polo (1254-1324) que, enveredando em suas jornadas ao Oriente, afirmou ter avistado figuras monstruosas como os cinocéfalos, terríveis monstros híbridos que possuíam corpo humano e cabeça de cachorro e se comunicavam por meio de latidos e rosnados (ECO, 2014).

A crença na existência de monstros e seres fantásticos foi muito recorrente por toda a Europa até meados do século XVIII (DEL PRIORE, 2000, p. 102). Além das mencionadas anteriormente, uma outra obra que também agiu sobre a formação do imaginário medieval foi a obra apócrifa *O romance de Alexandre* (de autoria desconhecida / século V), onde se narram as grandes campanhas do conquistador macedônio em formato de cartas destinadas ao seu mentor Aristóteles. Como supostamente essas cartas foram redigidas pelo próprio Alexandre, O Grande, o conteúdo das mesmas era inquestionavelmente tido como verdadeiro, inclusive o seu encontro com homens selvagens que possuíam o corpo coberto de pelos, dragões, leões de três olhos, porcos voadores e os blêmios, homens sem cabeça que possuíam o rosto na região torácica.

Estes relatos de Alexandre Magno se tornaram uma leitura fundamental durante o medievo, assim como o ajudaram a conquistar uma imagem mais “cavaleiresca” durante a época. Interessante mencionar que desde que as descrições de seres fantásticos fossem portadoras de uma razoável dose de realidade, eram facilmente aceitas pela população (DEL PRIORE, 2000, p. 19).

Considerado um dos primeiros historiadores da cultura ocidental, Heródoto (485-425 a.C.), estudioso grego da segunda metade do século V a.C. realizou diversas viagens e pesquisas pelo mundo antigo que resultaram em sua obra *História*, um compêndio formado por nove livros que narra a invasão do território heleno pelos persas, assim como a guerra destes com os gregos. Mesmo que não tenha sido a temática central de sua obra, Heródoto descreveu em seu estudo a existência de raças de seres monstruosos, habitantes de terras longínquas, como os grifos, serpentes voadoras da Arábia e os arimaspos da Cítia, povo guerreiro que, assim como os ciclopes, apresentavam apenas um olho na face.

2.1 MONSTROS CLÁSSICOS: ENTRE A TRANSGRESSÃO E A DESTRUIÇÃO

Os primeiros registros de lugares monstruosos deram-se na região da Índia, pois era neste local que os gregos acreditavam que existiria toda a sorte de monstros. Segundo os registros atribuídos a Alexandre o Grande, em *O Romance de Alexandre* (séc. V), o próprio conquistador macedônio teria enfrentado as monstruosidades da região indiana:

Chegamos então a uma terra acinzentada, habitada por selvagens semelhantes a gigantes, totalmente redondos, que têm olhos de fogo e parecem leões. Com eles havia também outros seres que se chamam Óklitos: não têm um só pelo no corpo, são altos quatro cúbitos e compridos como uma lança (...). No dia seguinte, resolvi explorar as cavernas: lá encontramos amarradas às portas, feras que se pareciam com leões, mas que tinham três olhos (...). Partimos em seguida e chegamos ao país dos Papamel: havia um homem coberto de pelos em todo o corpo; ele era enorme e tivemos medo (ECO, 2014, p. 110).

Enquanto isso, os primeiros registros de monstros no Ocidente serão encontrados dentro da mitologia grega, principalmente por historiadores como Plínio, o Velho, que coloca o lugar do monstro em terras longínquas, distantes da civilização. Esse fato se deve à antiga crença de que o monstro é o oposto do civilizado, então seu habitat também deveria ser um lugar longe de cidades, que eram sinônimo de civilização.

“*Sic mortuus mundo, vivus iterum Deo*”. Esta frase, que significa “morto para o mundo, renascido em Deus” (MATTOS; FORNAZARI, 2019) era proferida por clérigos dos séculos XII e XIII no rito conhecido como *Separatio Leprosarium*. Esta cerimônia consistia na representação da morte física de um cidadão, e no subsequente “nascimento” de um leproso. Quando uma determinada pessoa era acometida pelo infortúnio da lepra em uma cidade ou vilarejo, a mesma era imediatamente encaminhada à igreja onde o sacerdote responsável a conduziria, junto com a população até o cemitério, onde o infeliz cidadão era encoberto com uma mortalha negra e inserida em uma cova aberta. Naquele lúgubre ambiente, terra era jogada em sua cabeça para representar sua morte, enquanto o padre recitava a frase cerimonial que selaria sua sentença. A partir daquele ponto a pessoa em questão perdia seu nome, identidade, família, posses e direitos, passando a ser chamada apenas como “o leproso”, um genuíno morto-vivo medieval, um não-ser, uma não-pessoa. Como atesta Silva (2013):

A origem da palavra “lepra” se encontra na Antiguidade, tendo sido cunhado pelo médico grego Hipócrates para descrever manchas brancas na pele e no cabelo que se assemelhavam a escamas (léprêã). A ligação deste termo médico com o universo espiritual se deu quando da passagem para o grego dos textos do Antigo Testamento por volta do século 3 a.C. Ao se realizar a tradução do hebraico *tsara'ath* (“ímpio”, “profano”) para o grego optou-se pela palavra “lepra”. “*Tsara'ath*” passou a designar então a pessoa com a pele de aparência estranha e as construções que de algum modo haviam sido espiritualmente contaminados. O que era *tsara'ath* só podia ser purificado por ritual religioso. Desta forma se deu a ideia de que os acometidos de lepra eram impuros física e espiritualmente (SILVA, 2013, p. 129).

Sobre a *Bíblia*, observam-se no livro de *Levíticos* algumas regras muito incisivas com relação à figura do leproso e as restrições que o envolviam, pois, de acordo com o terceiro livro de Moisés, esta moléstia transgredia a sacralidade do

corpo humano, estabelecendo assim, sua condição como abjeto, ou seja, tudo o que se afasta dos valores de um grupo social até o ponto da evocação da repulsa (KRISTEVA, 1982, P. 4):

Falou mais o SENHOR a Moisés e a Aarão, dizendo: Quando um homem tiver na pele, inflamação, um furúnculo, ou qualquer mancha que produza suspeita de lepra, então será levado diante do sacerdote Aarão, ou a um de seus filhos, os sacerdotes. E o sacerdote examinará a parte afetada; se no lugar doente o pêlo se tornou branco, e a doença se tornou mais profunda na pele, é caso de lepra. Depois de examiná-lo, o sacerdote o declarará imundo. [...]. Quem for declarado leproso, deverá andar com as roupas rasgadas e despenteado, com a barba coberta e gritando: “Impuro! Impuro!”. Ficará impuro enquanto durar sua doença. Viverá separado e morará fora do acampamento (LEVÍTICOS, 13:1-45).

Após o *Separatio Leprosarium*, o leproso era conduzido novamente à igreja, onde recebia uma matraca, para que sempre anunciasse a sua aproximação. Em seguida, era afastado da cidade, indo viver nas florestas. Devido a isso, as florestas passaram a ser *locus* do monstruoso, pois eram a oposição entre a civilização e a lepra. Isso fez com que bosques e florestas densas, em geral, passassem a ser uma promotora do monstruoso na literatura, uma fomentadora do monstro. Toda a relação do homem com o monstruoso vai ser intermediada pela natureza, de certo modo. Lugares ligados à natureza como florestas, montanhas, rios e desertos são *loci* essencialmente ligados ao monstruoso, pois, como dito anteriormente, representam sempre fronteiras em relação ao *habitat* do homem.

Quando se discorre acerca da presença do monstruoso na Idade Média, é de suma importância reconhecer o modo como o legado das obras de Aristóteles, Plínio, O Velho, Heródoto e as demais citadas anteriormente penetraram na cultura medieval, sendo estudadas, revistas, acreditadas e contestadas nos mais variados aspectos. Tratando-se deste período histórico, é imprescindível estudarmos o monstro sob a ótica de Santo Agostinho (354-430 d.C.), um dos principais filósofos, teólogos e pensadores da Igreja Católica na era medieval. Agostinho de Hipona buscou definir uma função para os monstros naquele período, pois segundo ele, Deus, que sempre procura a perfeição de suas obras, teria criado as criaturas monstruosas, que são seres imperfeitos, para desempenharem um importante papel no plano terreno. Do contrário, qual outro motivo para Deus permitir que tamanhas monstruosidades se

fizessem presentes em seu mundo perfeito? Segundo José Adil Blanco de Lima (2012):

A crença em monstros foi rapidamente adaptada também à religião cristã. Santo Agostinho (354-430), em pleno século V, foi um dos primeiros intelectuais cristãos a perceber a importância destes seres fantásticos no imaginário das populações. Refletindo sobre a questão “seriam os monstros simultaneamente homens e criaturas de Deus? ”, o autor de *Cidade de Deus* respondia que estas criaturas prediziam e anunciavam antecipadamente tudo o que Deus ameaçava realizar futuramente aos corpos humanos. Apoiado no livro do Gênese, Agostinho conclui que, se o dilúvio renovou toda a população da Terra, as raças monstruosas descendiam também da arca montada por Noé. Portanto, os monstros passaram a ser considerados como expressão da vontade divina, eram eles também criaturas de Deus (LIMA, 2012, p. 7-8).

Assim sendo, a intenção de Santo Agostinho era manter o monstro dentro dos planos de Deus, ou seja, a ideia de os monstros serem erros da natureza deveria ser descartada, pois os mesmos serviriam como anunciadores, como uma advertência enviada por Deus para que servisse de aviso aos pecadores. Tal fato é corroborado por Paulo Roberto de Núñez Soares (2011), que afirma ser a palavra latina *monstrum* “aplicada a seres ou objetos que anunciam a vontade dos deuses”:

Etimologicamente, aproxima-se de ‘*monstro*, -as, -are’, que significa mostrar, indicar. [...]. O monstro é a criatura que mostra e, assim como o portento e o prodígio, expõe um sinal ou aviso. É uma figura de advertência. Seu exagero, tamanho ou estranheza garantem um senso de urgência a sua interpretação. O monstro é um sinal divino que não deve ser ignorado. A vontade divina ou suas indicações são mais claras quando apresentadas em forma monstruosa (SOARES, 2011, p. 189).

Mesmo considerando-os instrumentos da obra divina e não erros da natureza, Santo Agostinho não excluiu de seus manuscritos a aparência monstruosa destes seres. Pelo contrário, o teólogo preocupou-se bastante com a forma que assumiria o monstruoso e foi um dos primeiros que buscou fazer uma classificação mais exata e adequada para a época em questão a respeito da dismorfia corporal apresentada pelas criaturas. Isto pode ser observado em sua obra *Cidade de Deus*:

Existem relatos na história pagã de certas raças monstruosas de homens. Se é realmente possível acreditar na existência de monstros,

a pergunta a ser feita diz respeito à possibilidade de considera-los como descendentes dos filhos de Noé, ou então daquele homem primeiro dos quais descendem também estes últimos. Dizem de alguns desses monstros que têm apenas um olho, no meio da testa; outros têm a característica dos dois sexos, e tem o lado direito do peito masculino, e o esquerdo feminino, e variam o seu relacionamento sexual entre inseminar e conceber. E existem homens sem bocas, que vivem apenas absorvendo odores pelo nariz; e outros que têm apenas um cúbito de altura – os gregos os chamam de “pigmeus”, palavra derivada da expressão para “cúbito” em grego. Conta-se que em certos lugares há mulheres que concebem aos cinco anos de idade e não vivem mais do que oito anos. Existe ainda a história de uma raça que tem uma única perna e dois pés: não conseguem dobrar o joelho, e nem por isso deixam de ser extremamente velozes. São denominados *sciopods* (‘pés de sombra’) porque no calor do verão, protegem-se do sol na sombra de seus pés. E existem ainda homens sem pescoço, e com olhos nos ombros; e outras espécies de homens ou seres semi-humanos como aqueles representados em mosaico na exposição náutica de Cartago, originária de livros de ‘curiosidades’, que é como podem ser chamados (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 662).

Assim sendo, pode-se notar o seguinte: o monstro é aquele que se difere do considerado “normal” ou “padrão”. Como o monstro é aqui marcado pela “deformidade de uma parte” ou pela “divergência em relação à norma”, é normalmente possível estabelecer uma tipologia do monstruoso, apesar da dificuldade, em certos casos, de uma precisão classificatória absoluta (BELLEI, 2000, p. 12). De acordo com os estudos de David Williams sobre a cultura europeia medieval, durante aquele cenário social, buscou-se muito classificar e categorizar aquilo que era considerado monstruoso e insólito, porém, tal empreitada era cheia de dificuldades pois o monstruoso “parece existir precisamente para confundir as claras categorias da normalidade” (BELLEI, 2000, p. 12).

Posteriormente, o bispo espanhol Isidoro de Sevilha (576-636 d.C.) desenvolveu e aperfeiçoou tais ideias em *Etimologias*, um compilado de seus estudos onde dedicou alguns capítulos à classificação das criaturas bestiais e raças monstruosas. As *Etimologias* foram traduzidas para língua vulgar e constituíram fonte fecunda de informações nas quais vários autores se abasteceram (LIMA 2012, p. 08). Em seu trabalho, o pensador espanhol busca descrever e organizar uma estruturação para o monstruoso em doze distintas categorias:

(1) hipertrofia do corpo, (2) atrofia do corpo, (3) excrescência de partes corporais, (4) ausência de partes, (5) mistura de partes humanas e de

animais, (6) animais gerados por mulheres humanas, (8) deslocamento de órgãos ou partes do corpo, (9) perturbações do processo de crescimento (nascimento em idade avançada), (10) seres compostos, (11) hermafroditas, (12) raças monstruosas (WILLIAMS, 1996 *apud* LIMA, 2012, p. 08).

Sobre estas classificações do monstruoso, podemos levar em conta os seguintes aspectos. Em primeiro lugar, o monstro é um ser de desvio. Um ser desviante ao qual circunda o ar do incerto, enquanto o mundo ao seu redor é tido como certo. O monstro é aquilo que é tido como anormal quando o mesmo é analisado sob os parâmetros do considerado normal. O monstro é um ser antitético, ou seja, um ser de antíteses, um oposto aos padrões. O monstro aparece como o indicador do mundo ao contrário, que é o problema dos Antípodas (FONSECA, 1992). Neste caso podemos citar monstros que representem o oposto ao humano em questões físicas como os mencionados Antípodas, seres semelhantes ao homem que apresentam os pés na direção contrária, como o brasileiro Curupira.

A imputação do adjetivo “monstruoso” ao outro, como podemos adivinhar, está ligada a diferenças que vão desde a cor da pele, passando por práticas culturais e deficiências físicas. O monstro com um ser do qual falta alguma parte do corpo mostra-se, aliás, muito forte na visão medieval. Em seu estudo *De natura rerum*, onde narra o início do mundo, Lucrécio (94-50 a.C.) afirma que:

Numerosos também foram os monstros que a terra nessa época esforçou-se por criar e que nasciam com aspecto e membros estranhos – tal como o andrógino, intermediário entre dois sexos, que não é um nem outro e não pertence a nenhum –, seres privados de pés ou desprovidos de mãos, ou ainda mudos e sem boca, ou que ocorria serem cegos e sem olhar, ou cujos membros cativos permaneciam inteiramente grudados ao corpo e nada podiam fazer, nem se mover, nem evitar o perigo, nem prover às suas necessidades. (LUCRÉCIO *apud* KAPPLER, 1994, p. 167).

Sob esta perspectiva, podemos notar vários tipos de monstros que permearam o imaginário europeu durante séculos, como os Blêmios. Outro aspecto seria o monstruoso devido às modificações das partes do corpo. Este tipo é exemplificado por criaturas que apresentam alterações físicas relacionadas ao tamanho de determinadas partes do corpo ou pela quantidade de membros. Neste caso, podemos citar a hipertrofia de certas partes do corpo, como os Panotos, seres humanoides que apresentavam orelhas gigantescas. Segundo Umberto Eco (2000), os Panotos:

(...) disseste que na província moram panotos. Sei o que são os panotos, é uma gente muito parecida conosco, só que possuem duas orelhas tão grandes que descem até os joelhos, e quando faz frio costumam envolver o corpo com elas, como um manto (ECO, 2000, p. 287).

Nesta categoria podemos incluir também os Ciápodes, que correm, velocíssimos, num só pé (ECO, 2000). Os Ciápodes, seres que povoaram o imaginário medieval, seriam humanoides velocíssimos, mesmo que não tivessem nenhuma articulação nas pernas. Sua principal peculiaridade seria o fato de apresentarem um pé tão grande que, ao se cansarem, se deitariam ao chão para dormir e se protegeriam do sol na sombra produzida pelo seu próprio pé, erguido para o alto.

Outra categoria de monstro representada segundo a Teratologia medieval diz respeito às criaturas que receberam o título de monstros devido ao seu tamanho ou idade. No aspecto do tamanho, podemos classificá-los pelo gigantismo ou nanismo do corpo em questão. O exemplo mais famoso deste caso são os gigantes que, sob a ótica medieval, suas enormes proporções físicas estariam ligadas à ferocidade, selvageria e ao canibalismo. Um monstro que se encaixa perfeitamente neste perfil é o gigante ciclope Polifemo, presente no canto IX de *A Odisseia*, poema épico de Homero (Século XIX a.C). O referido monstro devora os companheiros do herói Ulisses até que o mesmo arquitetou um plano para cegar o monstro e escapar de sua caverna.

Tal categoria monstruosa já permeou o imaginário humano nas mais variadas culturas e esteve presente nas telas de cinema desde as suas primeiras décadas. Esse tipo pode ser representado também por monstros de tamanho reduzido, ideia esta, concebida pelo racismo e preconceito da Idade Média, como é o caso dos pigmeus do imaginário medieval, que não teriam mais de três palmos de altura e viveriam cerca de sete anos de idade. Em se tratando de monstros relacionados à idade, além dos já citados pigmeus e sua curta expectativa de vida, teríamos também aqueles que se destacam por sua longevidade, como certos tipos de monges bicentenários supostamente avistados por Marco Polo em suas jornadas, que deveriam sua longevidade a uma poção miraculosa cuidadosamente ingerida duas vezes por mês.

Outro tipo de monstro muito presente na mitologia da Idade Média seria o monstro no qual se evidencia a substituição de partes do corpo por partes insólitas, ou seja, um ser no qual um de seus elementos habituais dá lugar a outro elemento incomum. Este caso pode ser exemplificado pelos viajantes europeus que nos tempos medievais afirmavam avistar galinhas na região da China que não apresentavam penas e sim, lã, como as ovelhas.

Durante a Idade Média, muitos estudiosos da Teratologia se questionavam a respeito de seres que ultrapassassem as fronteiras entre os reinos animal, vegetal e mineral. Estes tipos de monstros apresentariam aspectos de dois ou mais reinos, fundindo-os em apenas uma criatura, como é o caso cordeiro vegetal, descrito por Odorico de Pordenone (1286-1331) e Jean de Mandeville (1300-1371). Este ser fantástico se trataria de um cordeiro que brotaria de uma planta tal qual um fruto, e que permaneceria a ela ligado por meio de uma espécie de cordão umbilical.

Os monstros que se caracterizam por mistura de sexos ou dissociação dos mesmos serão os componentes desta próxima categoria. Isto provém da necessidade preconceituosa de categorizar os seres que observa, ou seja, do ponto de vista humano, todos os seres devem pertencer a uma categoria classificatória. Devido a isto o monstro causa incômodos, pois trata-se de um ser entre categorias, uma criatura que permanece na fronteira entre classes, afinal, como dito por Cohen (1996), o monstro é um ser de fronteiras, quer sejam estas, reais ou metafóricas. Dentre a mistura de sexos, temos aqueles conhecidos como andróginos que remontam à cultura medieval, como os presentes nos relatos de Santo Agostinho:

Dizem de alguns desses monstros (...) têm a característica dos dois sexos, e tem o lado direito do peito masculino, e o esquerdo feminino, e variam o seu relacionamento sexual entre inseminar e conceber (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 662).

No aspecto da dissociação dos sexos, as concepções medievais relatam uma espécie de monstruosidade mais relacionada à cultura, falando de um ponto de vista etnocêntrico. Exemplo disso seria um grupo de pessoas consideradas monstruosas por viverem em um lugar onde só existem membros do sexo masculino ou feminino. Este é um tipo de monstruosidade comportamental. Neste quadro poderíamos mencionar a mítica tribo das Icamiabas brasileiras, ou as gregas Amazonas.

Outra classe monstruosa que adquiriu muita popularidade no decorrer dos séculos foi a dos monstros por hibridismo. Nesta situação, temos a presença de monstros cuja compleição anatômica é distinta da considerada normal, pois, seu corpo físico é formado por partes díspares. Esta disparidade pode ser constituída por partes humanas misturadas a partes de animais, como é o caso dos famosos centauros e do minotauro, mas também pode ser formada por uma mistura de partes pertencentes unicamente a animais como, por exemplo, a terrível Quimera, com corpo de bode, cabeça de leão e cauda de serpente.

Somando-se às anteriores, uma outra espécie monstruosa de grande valor, é a dos monstros definidos pelo seu notável grau de ferocidade, animalidade e selvageria. Esta categoria gira em torno principalmente do mito medieval do homem selvagem:

Tinha a cabeça que parecia de um urso, peludo e feroz, com dentes em gancho, capaz de tascar numa pedra um morso; a garganta escamosa e a língua em fancho. (...) toda hirsuta a barba, como os cabelos, e os ouvidos eram de asno ao vê-los; o braço, longo chegava quase ao chão e o peito e o corpo tudo era peludo; com unhas em garra no pé e na mão, não tinha tamanco para andar no enxuto, ia nu e descalço, a latir como um cão; nunca vi monstro mais feio em tudo; na mão leva um bastão de sorbo, todo crestado, negro como o corvo (PULCI *apud* ECO, 2014, p. 118).

Esta categoria de monstro atravessou os séculos e encontrou moradia nas mais diversas culturas e, atualmente, quase todos os lugares do mundo apresentam suas próprias versões do homem selvagem. Sendo assim, este mito tomou diversas formas ao se espalhar pelo globo e hoje todas as suas versões residem dentro do campo da pseudociência conhecida como Criptozoologia, ou seja, o estudo de criaturas míticas, extintas ou cuja existência ainda não foi comprovada pela ciência. Desta forma, dentre as várias facetas do homem selvagem presentes nos dias de hoje, as mais famosas são o Pé Grande (segundo relatos, habitante das florestas norte-americanas), o Sasquatch (florestas canadenses), o Yeti das montanhas geladas do Nepal e também, em terras brasileiras temos o Mapinguari, na região da Floresta Amazônica.

Outro tipo de criatura pertinente a este estudo é o monstro que se caracteriza pelos seus hábitos destrutivos, ou seja, pela sua capacidade de destruição ou pela prática de ações tidas como destruidoras. Uma das características desta expressão do monstruoso dá-se por meio das épocas de descobrimento nas grandes

navegações onde o medo de seres antropofágicos foi transportado para o Novo Mundo. Dessa forma, a antiga crença a respeito de povos canibais se transplantou para as terras longínquas recém-descobertas, pois, para os antigos gregos e romanos, todos os povos bárbaros eram suspeitos da prática de canibalismo. Devido a isto, este receio foi herdado pelas gerações vindouras até a época medieval.

Ainda dentro deste aspecto destrutivo dos monstros, podemos observar também o Basilisco. Segundo Plínio (23-79 d.C) em sua obra *História Natural*:

A serpente basilisco é gerada pela província Cirenaica, não tem mais que doze dedos de comprimento e pode ser reconhecida por uma mancha branca na cabeça, como um diadema. Com seu silvo, afugenta todas as serpentes e não move o corpo como as outras através de uma série de volutas, mas avança alta e ereta sobre a metade do corpo. Seca os arbustos não só ao tocá-los, mas seu bafo queima a relva e despedaça as pedras, tal é a potência desse perigoso animal. Uma vez, é o que se conta, um exemplar foi morto por um homem a cavalo com uma lança e pelo veneno que subiu por ela não somente o cavaleiro, mas também o seu cavalo foram aniquilados. E para semelhante monstro – muitas vezes os reis quiseram vê-lo extinto – é mortal o veneno das doninhas: assim a natureza determinou que nada fosse destituído de um igual. Então os homens colocam doninhas nas tocas dos basiliscos, facilmente reconhecíveis pela contaminação do solo (PLÍNIO *apud* ECO, 2014, p. 121).

O Basilisco adquiriu muitas formas durante os séculos. Em muitos casos ele será apresentado como um galo com cauda de serpente, ou uma víbora alada, ou como uma serpente com uma espécie de coroa à cabeça. Muitas vezes será dito que é uma criatura que cospe veneno, ou que seu olhar é mortífero para quem o retribui, ou também que seu hálito é maligno, porém todas as histórias concordam em um único ponto: o caráter destrutivo desta pequena criatura é gigantesco.

Outra característica bastante curiosa a respeito do monstruoso é o caso dos monstros que, primariamente, não manifestam nenhuma alteração morfológica. Esse monstro é destituído de uma aparência que apresente aspectos especiais, portanto, a característica monstruosa a ser observada no mesmo resume-se à cor da pele, ao habitat e à linguagem.

Como os *loci* do monstruoso diziam respeito a terras longínquas, os habitantes dessas distantes regiões, com fenótipos e hábitos tão diferentes dos europeus, eram considerados monstruosos e isso também incluía a sua cor de pele. No seu livro *Viagens de Jean de Mandeville* (2007), o mesmo relata acerca de sua jornada ao

Extremo Oriente, onde o mesmo teria avistado a “Terra Santa, as terras circundantes e os muitos caminhos que há para se chegar até lá, (...) e outros muitos lugares, (...) ilhas, animais e povos que estão muito além da Terra Santa” (MANDEVILLE, 2007, p. 145).

Além disto, Mandeville descreve as “ratazanas que são tão grandes como cães” (MANDEVILLE, 2007, p. 160), “terras em que as mulheres se barbeiam, mas os homens não” (MANDEVILLE, 2007, p. 163), países em que existe o “nocivo costume (de se) comer carne humana com mais prazer do que comer qualquer outra”, sobretudo a de crianças, por aí se considerar ser esta “a melhor e mais deliciosa carne do mundo” (MANDEVILLE, 2007, p. 170), ou ainda, a passagem por diversas ilhas em que os nativos “bebem com prazer o sangue de suas vítimas” humanas (MANDEVILLE, 2007, p. 179).

Ainda no campo da monstruosidade, sem relação às questões morfológicas, lidamos com a dimensão do comportamento social ou antissocial. Neste caso, mesmo que em um determinado agrupamento, onde todos compartilham da mesma cultura, se uma pessoa se destacasse por se isolar socialmente, ela também poderia passar a ser vista como monstruosa. Neste caso, devemos levar em consideração o próprio medievo, o qual era uma época onde as pessoas deveriam viver em comunidade para superar as adversidades impostas pelo próprio meio onde viviam.

Nesse contexto social, um indivíduo que preferisse se manter isolado dos seus demais seria encarado com desconfiança e receio, pois, segundo a teratologia medieval, o isolamento também era uma das características do monstruoso. Tal fato pode ser visto até os dias atuais nos contos onde, geralmente, quando há uma pessoa que vive solitária na floresta, a ela são atribuídas as características da bruxaria e do canibalismo. Outro ponto no qual a monstruosidade se revela sem ser por meio da aparência física é através da linguagem. Quando grupos sociais distintos falam o mesmo idioma, uma conexão é estabelecida por meio da compreensão mútua. Porém, quando não é gerada tal conexão por meio da linguagem, a comunicação não é estabelecida, o que por sua vez gera estranhamento e desconfiança para com o povo desconhecido.

Este desconhecimento por si só já se torna um instrumento a ser olhado pela ótica do monstruoso, pois, como bem observou Lovecraft (2008), o medo mais poderoso é o do desconhecido, e o medo por sua vez está incluso dentro das “angústias, ansiedades e inseguranças do ser humano em relação a algo ou alguém

do seu mundo que lhe provoca incômodo” (SILVA, 2019, p. 05), características estas que são fomentadoras do monstruoso.

Outra manifestação monstruosa a ser mencionada nestas tipologias é a própria natureza. Esta categoria está ligada aos fenômenos naturais que causam medo e destruição, ou seja, tratam-se de uma manifestação excepcional dos elementos naturais. Dentre os desastres naturais mais temidos na Idade Média por seu poder de impacto e violência figuravam os terremotos e os vulcões, os quais passaram a ser considerados manifestações do monstruoso, tendo sido estes últimos, tidos pelos cronistas medievais como passagens para o próprio inferno. Outra ocorrência natural muitas vezes tida como monstruosa no período medieval era a própria água. As águas eram consideradas fontes do monstruoso sobretudo quando causavam destruições e avarias nos vilarejos e demais habitações medievais.

Sobre o conceito de monstruosidade atribuída a um elemento natural como a água, assim como o impacto causado por esta relação entre o monstruoso e a natureza no mundo antigo, é interessante observar o quanto um fenômeno pertencente ao mundo natural pode ser tão temido ao ponto de tornar-se um monstro genuíno. Isidoro de Sevilha (560-636 d.C), em sua obra *Etimologias* (Séc. V d.C), nos esclarece a procedência do mito da terrível criatura Hidra:

[...] Dizem igualmente que a Hidra era uma serpente com nove cabeças, chamada em latim *excetra*, porque ao *caedere*, isto é, *cortar*, uma cabeça, nasciam-lhe três. Consta, todavia que a Hidra fosse um lugar que vomitava águas, que iam devastar uma cidade vizinha: ao fechar uma das bocas, abriam-se muitas outras. Vendo isso, Hércules secou esses locais [...] A *Hidra*, de fato, tomou seu nome da água (SEVILHA *apud* ECO, 2014, p. 41).

Enquanto a categoria anterior fez uma abordagem sobre os monstros enquanto fenômenos da natureza, a classe a seguir diz respeito aos monstros como fenômenos que interrompem a natureza e seu curso normal. Sobre esta manifestação do monstruoso, podemos afirmar que uma de suas principais expressões figurava-se pelo fenômeno do eclipse. Tal acontecimento astronômico, cujo simbolismo, interpretação e significado varia em diferentes culturas, será compreendido no contexto da Idade Média como um acontecimento de ruptura, um fenômeno de interrupção que interfere no curso natural do dia.

Como os eclipses causavam uma ruptura no ciclo habitual do dia, ele era tido como monstruoso, assim como todos os fenômenos que interrompiam o segmento quotidiano da natureza. Esta classe monstruosa está em diálogo com a noção de que o monstro é um ser de desvio, como já citado anteriormente.

Constituindo uma das expressões do fantástico mais utilizadas, o monstro que se caracteriza pela sua capacidade de se metamorfosear é um dos mais recorrentes do imaginário medieval e atual. A habilidade de transformar o próprio corpo geralmente é atribuída, no sentido do monstruoso, a maldições sofridas, a habilidades adquiridas ou herdadas, ou a penitências a serem pagas (MONTEIRO, 2012, p. 31).

No medievo, essa capacidade era tida como profana e monstruosa, pois segundo se acreditava, o único ser que teria capacidade de induzir os outros a mudarem de forma seria o próprio Satanás. Devido a isso, as bruxas, que teriam estreita ligação com Satã, seriam capazes de assumirem a forma de gatos. Em consequência de tal crença, um grande contingente de felinos havia sido exterminado junto às mulheres durante o famigerado período conhecido pelo epíteto de “caça às bruxas”. Durante essa época, os gatos costumavam ser aprisionados em gaiolas e queimados vivos, ou então eram estrangulados, por causa da desconfiança e do temor que se tinha de que os mesmos pudessem ser, na verdade, bruxas disfarçadas.

Além das bruxas, outro ser bastante famoso por sua metamorfose é o lobisomem. Na crença medieval, sua transformação dar-se-ia, principalmente, por meio de pactos com forças diabólicas. As transformações monstruosas também estão presentes na literatura moderna, como podemos observar na obra de Franz Kafka (1883-1924), *A Metamorfose* (1915), onde é narrado que o caixeiro viajante Gregor Samsa, após uma noite de terríveis pesadelos, desperta na sua cama e encontra-se metamorfoseado em um horrendo inseto. Neste conto, Kafka pretendia abordar o sentimento do homem perante a avalanche de mudanças que o mundo estava sofrendo no fim do séc. XIX e início do XX, as quais conduziriam o ser humano da época a sentir-se minúsculo e insignificante e desumanizado como um inseto. A metamorfose é um tema bastante amplo e poderá ocorrer das mais diversas formas, sendo estas literais ou metafóricas.

Em virtude disso, seu principal ponto comum é que a metamorfose sempre acarretará em alterações não apenas físicas, mas também na personalidade do indivíduo, como o ocorrido na obra de Robert Louis Stevenson (1850-1894), *O Médico e o Monstro* ou *O Estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1886), em que nos é

apresentado um perfeito exemplo disto, onde há a presença do culto *gentleman* vitoriano, o Dr. Henry Jekyll, que sofre um terrível processo de involução e assume a forma do odioso Mr. Hyde. Temos, assim, a metamorfose atravessando diferentes vertentes como a fantasia, o gótico, o horror e a ficção científica através dos séculos.

Durante o início do século XVI, algumas nações europeias, incentivadas pela prática expansionista, lançaram-se aos mares para conquistar novos mundos. Exemplos de tais nações foram Portugal e Espanha que, dentre vários outros motivos, também enveredaram nas grandes navegações a fim de encontrarem as terras maravilhosas e miraculosas descritas na *Bíblia*. Isto é: parcela significativa dos grandes navegadores engajaram-se na busca pelo paraíso terrestre, o Jardim do Éden.

Esta figura do jardim, que hoje aceita-se como uma bem engendrada metáfora bíblica, foi tida naquela época como o destino real de uma busca terrestre. Assim, acreditava-se na possibilidade de o mesmo vir a ser encontrado no Oriente. Dessa forma, tais nações desejaram comprovar os relatos e escritos dos antigos estudiosos, filósofos, historiadores e etnógrafos, como Ctésias de Cnido (Séc. IV a.C.), Heródoto (Séc. V a.C.), Santo Agostinho (354-430 d.C.), dentre outros. Assim sendo, os navegadores desejavam testemunhar as maravilhas das terras distantes e ver com seus próprios olhos todo aquele repertório mítico descrito nos livros.

Ao mesmo tempo em que a visão religiosa de mundo ainda se fazia bastante presente, durante essa época o ser humano passou a olhar o mundo sob uma ótica mais empírica e racionalista. Foi por isso que as explicações teológicas que antes eram usadas para justificar aspectos e fenômenos da natureza, gradualmente cederam lugar às explicações obtidas por meio de comprovação empírica.

Sobre tais visões mais racionalistas que passaram a ser utilizadas durante esse período, é importante ressaltar o resgate que se teve do pensamento aristotélico, onde o monstro deve a sua aparência a questões de deformidade. Apesar disso, essa época não deixava de ser um período de transição de pensamentos entre o teológico e o científico. Assim, podemos observar um dos grandes pensadores do monstro no Séc. XVI, Ambroise Paré (1510-1580 d.C.) que em sua obra *Monstros e Prodígios* (1573) elabora uma lista de possíveis causas da monstruosidade. Nessa obra, Paré se divide entre as justificativas científicas e religiosas para a monstruosidade. Segundo ele, as causas que poderiam originar um monstro são as seguintes: a glória de Deus; a ira de Deus; a quantidade excessiva de semente; a quantidade diminuta de semente; a

imaginação; a pequenez e estreitamento do ventre; a postura indecente da mãe enquanto grávida (sentar-se demasiado tempo com as pernas cruzadas ou pressioná-las contra o ventre); quedas ou choque contra o ventre da mãe grávida; doenças hereditárias ou acidentais; semente podre ou corrupta; má mistura da semente; artifício de pedintes cruéis; através de demônios.

Dentre os motivos listados, podemos observar a indiscutível abordagem religiosa (a glória de Deus; a ira de Deus) dividindo espaço com justificativas mais racionais para explicar as causas das deformidades na compleição humana (quedas ou choque contra o ventre da mãe grávida). De acordo com Costa (2010):

Paré propõe, portanto, a combinação de causas sobrenaturais e naturais na explicação dos nascimentos monstruosos. É também de assinalar que a existência de causas naturais não impedia necessariamente os monstros de serem encarados como prodígios. Assim, os monstros com características híbridas, e que supostamente são o resultado do cruzamento de homens e animais, devem ser vistos como prodígios que anunciam o pecado da bestialidade e o seu iminente castigo(...)A naturalização dos monstros, ou seja, a sua explicação através de causas naturais, tinha sido já proposta por Aristóteles e autores da Idade Média. Ela passa, no entanto, a ter uma importância crescente a partir dos finais do século XVI, o mesmo ocorre na literatura médica portuguesa. Assim, em *De universa muliebrium morborum medicina...* (1622), Rodrigo de Castro (1546--1627), embora sem negar a «suma sabedoria, sumo poder e inefável bondade do criador», tenta explicar a origem dos seres monstruosos a partir de causas naturais, tais como «a deficiência ou inépcia da matéria» geradora (COSTA, 2010, p. 71).

Como afirmado acima, pode-se notar o quanto Ambroise Paré retoma o pensamento aristotélico acerca das monstruosidades, mas ao mesmo tempo ainda se apoia e se embasa em Isidoro de Sevilha (560-636 d.C.) e Santo Agostinho (354-430 d.C.) para traçar suas definições e teorias sobre as mesmas.

A respeito destas figurações do monstruoso, é importante também observar o deslocamento que o *locus* do monstro sofreu do ponto de vista dos povos europeus. Em tempos anteriores, o *habitat* do monstro era o Oriente, porém, conforme o Império Otomano aumentou seu poderio e se fortaleceu, o mesmo passou a criar bloqueios nas antigas rotas comerciais usadas pelos europeus, o que forçou Portugal, Espanha e Itália a buscarem novos territórios.

Com a “descoberta” do Novo Mundo, ocorreu um fascínio dos europeus para com as novas terras conquistadas. Deslumbrados com os territórios recém adquiridos,

os povos conquistadores deslocaram as suas criaturas e mitos para as novas regiões. Dessa forma, terras e lugares fantásticos como a mítica cidade de *El Dorado* e a lendária “fonte da juventude” passaram a se localizar dentro desse novo espaço.

Dentro dessa nova conjuntura, criaturas como os Blêmios, que antes povoavam a região da Líbia no imaginário popular, encontraram nas Américas sua nova moradia, assim como muitas outras monstrosidades que antes se localizavam na Ásia, transferiram-se para o Novo Mundo. Esse deslocamento influenciou profundamente a literatura.

Em sua peça *Othello, o Mouro de Veneza* (1604), Shakespeare (1564-1616) nos relata, pela voz do personagem Otelo, o deslumbramento manifestado pelo povo europeu perante a possibilidade de descoberta de novas raças por meio das navegações. Isto pode ser notado na cena em que Otelo está diante da corte de senadores, narrando aos mesmos como a personagem Desdêmona veio a se apaixonar por ele. O general mouro afirma que, ao frequentar a residência do pai de Desdêmona, lhe contava histórias e episódios de viagens distantes onde avistara:

[...] cavernas descomunais, rochedos escabrosos, ilhas desertas, montes cujos picos no céu iam tocar. E assim por diante, no mesmo tom dos canibais falava, que uns aos outros se comem, de antropófagos e de homens com cabeça sob os ombros (SHAKESPEARE, 2000, p. 30).

Pela narrativa de Otelo é possível vislumbrar o encantamento que os habitantes do continente europeu sentiam a respeito destas longínquas terras, assim como o seu fascínio pelas criaturas monstruosas, como os antropófagos e blêmios mencionados em seu discurso. É importante citar, também, o quanto Shakespeare era um dramaturgo popular, ou seja, sempre inseria em suas obras temáticas que o povo apreciava comentar e discutir. Dessa forma, a presença de elementos fantásticos em suas peças teatrais era uma prova do quanto os mesmos fascinavam a população da época.

Esse fato pode ser corroborado em sua última peça, *A Tempestade* (1611), onde somos reapresentados ao mito do lugar distante e mágico habitado por seres fantásticos. Nesta obra, observamos um naufrágio no qual seus sobreviventes vão parar em uma ilha misteriosa, habitada pelo mago Próspero e sua bela filha Miranda. Nessa ilha também habita Caliban, representação do mito medieval do homem

selvagem, e criaturas mágicas como Ariel, um espírito servil a Próspero. Em obras como esta é possível perceber toda a fascinação presente na Europa para com os mitos provenientes da Ásia que, com sua migração para o Novo Mundo, renovaram tal encantamento sentido pelo público proporcionando a criação de grandes clássicos universais.

3 O MONSTRO BRASILEIRO

Foi causa tão nova e tão desusada aos olhos humanos a semelhança daquele feroz e espantoso monstro marinho que nesta Província se matou no ano de 1564, que ainda que por muitas partes do mundo se tenha notícia dele, não deixarei, todavia, de dá-la aqui outra vez de novo, relatando por extenso tudo o que acerca disto passou; [...] Os índios da terra lhe chamam em sua língua ipupiara, que quer dizer demônio da água. Alguns como este se viram já nestas partes, mas acham-se raramente. E assim também deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo desse largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração; e tudo se pode crer, por difícil que pareça: porque os segredos da natureza não foram revelados todos ao homem, para que com razão possa negar, e ter por impossível as cousas que não viu nem de que nunca teve notícia (GÂNDAMO, 2008, p. 129).

Com os relatos do historiador português Pero de Magalhães Gândamo, os quais foram posteriormente compilados no volume *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, publicado em Portugal no ano de 1576, podemos ver o seu parecer acerca da suposta aparição de um monstro marinho que fora abatido por índios e portugueses na costa brasileira. Considerando-se o fato de que o monstro, até então, era desconhecido aos olhos portugueses; porém, fora reconhecido, e inclusive nomeado, pelas testemunhas indígenas que se encontravam no local. A Ipupiara em questão fora avistada por uma mulher indígena que, ao surpreender semelhante criatura, alertou o português Baltasar Ferreira, afirmando-lhe e repetindo-lhe uma vez e outra que andava ali uma coisa tão feia, que não podia ser senão o Demônio. A partir daí, percebe-se que a criatura em questão já pertencia ao imaginário nativo desde antes da chegada dos portugueses, atuando como um agente fóbico para as populações indígenas deste solo, de maneira que pode-se afirmar que quando os povos do Continente Europeu aqui chegaram, o monstruoso já encontrava-se aqui e havia fincado suas raízes na região muito antes do grito “Terra à vista!” ser proferido ante à visão do Monte Pascoal pelas naus de Cabral.

Outro ponto cuja relevância merece ser notada neste estudo diz respeito às marcas do intercâmbio cultural presentes no relato de Gândamo, onde são observadas nos portugueses, como já mencionado anteriormente, por parte de sua aquisição do mito da Ipupiara, sendo este de origem indígena, e também marcas estas são observadas nos povos indígenas, onde pouco mais de sete décadas da chegada dos

portugueses em seu solo, já haviam absorvido aspectos da religiosidade cristã advinda da Europa. Fato este pode ser corroborado no trecho do relato onde a mulher que primeiro avistou o ser mítico perambulando pelas proximidades, relata a um cavaleiro português a aparição comparando-a ao Demônio.

Os monstros que povoavam o imaginário do homem medieval possuíam na antiga Ásia o seu *habitat*, o seu espaço a ser protegido, o seu templo, entre outras palavras, o seu *locus*. Posteriormente, com a ocupação do Novo Mundo pelos colonizadores provenientes do solo europeu, os monstros deslocaram o seu espaço para além do Oceano Atlântico. Qual seria o motivo de semelhante êxodo? Para responder a tal questionamento, em primeiro lugar deve-se compreender e refletir sobre a relação entre os seres de natureza monstruosa e os seres humanos. Há aí uma ligação simbiótica na qual seus agentes recebem uma espécie de benefício mútuo. Ou seja, enquanto o monstro necessita do homem para existir, habitando a sua mente, o ser humano, por sua vez, precisa do ser monstruoso para lhe servir de advertência, um perigo a ser desafiado, um enigma a ser desvendado.

Dessa forma, percebe-se que o monstruoso sempre estará instalado na psique humana, atuando nas mais variadas funções, pelos mais variados motivos. Sendo assim, é válido observar que em todas as diferentes culturas que existem e já existiram na história da humanidade, sempre houve a presença dos mitos monstruosos. Sendo assim, quando os europeus, por conflitos com povos otomanos, foram obrigados a procurar novas rotas para alcançar as Índias Orientais e, conseqüentemente, “descobriram” novos continentes, o monstro, habitando a mente e o imaginário do homem da Europa, também se deslocou de sua região asiática e encontrou nos continentes americanos seu novo reduto.

Devido à carência de acesso a informações daquela época, as únicas formas de saber sobre as terras além-mar estavam contidas em livros, descritas em relatos publicados e encadernados, como os de Marco Polo. Fora isto, as grandes expedições marítimas eram permeadas por um grande sentimento de incerteza por parte dos navegadores, os quais lançavam-se às cegas além dos oceanos, guiados apenas por tais relatos abarrotados de mitos e superstições. Como afirma Souza (2007):

Essa informações míticas e supersticiosas pertenciam quase todas à tradição grega: Ctésias de Cnido em 398 antes de Cristo, já escrevia sobre a existência de raças fantásticas como os ciápodas que possuíam um único e grande pé, os homens peludos, sem cabeça, e

que tinham os olhos nos ombros, etc; Plínio, em 77 depois de Cristo, também escrevia sobre os monstros e maravilhas que foram avistadas na Índia, como seres antropófagos (que comiam carne humana), seres andrógenos (que possuíam os dois sexos), etc. E tais informações foram sendo adaptadas ao longo do tempo. Porém, em geral, mantiveram-se quase sem alterações até o século XVI. Dessa forma pode-se entender o fato de os navegadores europeus terem visto sereias, antípodas (criaturas com os pés virados para trás), cinocéfalos (criaturas com corpo humano e cabeça de cachorro que comiam carne humana), ciclopes (monstro caracterizado por ter um único olho no meio da testa), e outras tantas criaturas monstruosas e maravilhosas, quando viajaram por regiões desconhecidas (SOUZA, 2007, p. 1).

Desse modo, os navegadores europeus, carregando essa bagagem cultural de natureza supersticiosa, chegaram às terras que viriam a ser chamadas de continente americano e ali identificaram tudo que lhes era desconhecido com base nas narrativas fantásticas que já conheciam e, assim, o monstruoso europeu chegou ao Novo Mundo. Sobre esse pensamento europeu que foi projetado sobre toda aquela nova realidade encontrada, pode-se afirmar que não apenas o monstruoso transportou-se para os solos americanos, mas também o fantástico maravilhoso, como, por exemplo, o mito do paraíso na terra:

Foi também por causa dessa identificação que os europeus acreditaram ter chegado ao Paraíso Terrestre (que era o lugar onde se encontrava o estado original do mundo, ou seja, onde se encontravam a ausência do pecado original, a pureza e a liberdade). A natureza exuberante e os bons ares eram características que contribuíam para que o “Novo Mundo” fosse associado ao Paraíso. Comparando-se as características das novas terras com as paradisíacas e encontrando semelhanças entre elas, os europeus logo fizeram uma associação. Dessa forma, ficava mais fácil entender a existência dessas novas terras. Mas o Paraíso nem sempre foi identificado com o Novo Mundo. Ele migrava de uma região para outra, conforme os europeus iam descobrindo e conhecendo lugares novos: ele esteve no oriente, no meio do oceano, no Novo mundo etc. (SOUZA, 2007, p. 2).

Assim sendo, pode-se dizer que junto com o monstruoso, o sagrado europeu também se deslocou para o Novo Mundo. Com sua mente extremamente religiosa marcada pela dicotomia entre o Bem e o Mal, o divino e o profano, os europeus não tardaram a relacionar suas novas “descobertas” tanto a representações do paraíso, quanto a figuras malignas/diabólicas.

Enquanto que à flora exuberante da região foram atribuídas características paradisíacas advindas do mito cristão do Jardim do Éden, aos povos indígenas habitantes do mesmo espaço foram relacionados ao mito do “Homem Selvagem”, devido ao fato de percorrerem livremente as florestas, sobrevivendo de seus instintos e desprovidos de religião, linguagem e indumentárias aceitas pelo povo europeu. Tendo como padrão a ser seguido, o modelo do homem branco, cavalheiro e cristão, os colonizadores consideraram os hábitos dos povos indígenas como práticas heréticas, o que os motivou a criar uma grande campanha de evangelização dos mesmos, sobrepujando e tentando ao máximo extinguir seus costumes e crenças.

Assim sendo, apesar do convívio majoritariamente violento por parte dos europeus para com os povos nativos das Américas, o que ocorreu tratou-se de um grande compartilhamento cultural entre ambos os lados, intercâmbio este que, somado às práticas culturais dos povos africanos forçadamente trazidos como escravos ao continente, originou a atual cultura brasileira.

Atualmente, esse intercâmbio entre marcas culturais pode ser observado com bastante clareza entre os povos ribeirinhos habitantes da região norte do país, pois em suas práticas religiosas e superstições, podem ser constatadas as influências advindas tanto de sua ancestralidade indígena, quanto de sua ascendência portuguesa. Segundo Cascudo (2002):

Na população branca e mestiça vivem os mitos europeus, com suas nuances locais. A massa gigantesca das tribos vem, continuamente, carreando modificações que se divulgam, assimiladas, noutros mitos. Estórias da catequese confundem-se com tradições religiosas amerabas. O Mapinguari, invulnerável, morre com um tiro de cera de vela de altar onde se tenha rezado a Missa do Galo, a Missa do Natal. A cruz feita com a palha benta do Domingo de Ramos afugenta do casebre todos os duendes da mata. De toda a parte descem rumorejando as águas que avolumam o rio do Pavor. Os medos de cem tribos se espalham na noite quente e capitosa povoando de assombros a floresta sem fim e os rios enormes. A incrível facilidade com que o indígena ouve, retém e transmite, já inconscientemente modificada, qualquer estória, multiplica o mundo fantástico, alargando as fronteiras móveis da imaginação criadora (CASCUDO, 2002, p. 11).

Dessa maneira, as relações estabelecidas entre os europeus colonizadores, o povo africano trazido ao Brasil sob regime de escravidão e os indígenas nativos, resultou na cultura brasileira, na cultura ribeirinha e, conseqüentemente, em expressões monstruosas tipicamente brasileiras. Ainda de acordo com Cascudo:

Nas lendas indígenas do Brasil não há vestígio de um ser humano que se transforme em animal para devorar seus semelhantes. Os registros em contrário, que vamos deparando, são outras tantas afirmativas apressadas, deduções apriorísticas, ante material pouco estudado. A influência negra e branca é poderosa e complexa. Nos contos e superstições independe mesmo de maior e prolongado contato. Pode ser levada por um outro elemento, índio evadido ou preso, negro quilombola. E o mundo se modifica com a chegada de monstros e de visões novas, adaptados rapidamente ao fabulário primitivo da tribo. Desta forma, a presença de um Versipélio nas matas e capoeirões do Brasil denuncia o prestígio do etnos alienígena. Um exame dos tipos fabulosos mostra a hibridez de todos, sua confusão fisiológica, dando-os como somas espontâneas de reminiscências diversas. (CASCUDO, 2002, p. 203).

De acordo com registros publicados referentes ao Brasil colonial, há nos mesmos a presença de relatos acerca de figuras monstruosas que no período pré-cabraliano se diziam habitar a longínqua Ásia Oriental e que, porém, após a chegada dos colonizadores, vieram a habitar as novas terras descobertas, tais como os Blêmios, seres humanoides desprovidos de cabeça e que possuíam os seus olhos localizados nos ombros e a boca na altura do estômago. Este mito, trazido às Américas por colonos, assim como muitos outros, após séculos de transformações ainda se mantém presente no imaginário contemporâneo brasileiro, mesmo assumindo uma nova forma. Com base nisso, podemos observar a característica marcante dos Blêmios, ou seja, a boca localizada na região do tronco, a qual ainda pode ser observada em mitos brasileiros, como é o caso do Quibungo, horrendo ogro antropófago baiano com predileção pela carne de crianças. Este mesmo aspecto da bocarra no abdome, herdado das narrativas europeias pode também ser identificado na figura do Mapinguari, monstro amazônico humanoide, com uma enorme boca na barriga, cuja dieta também dá prioridade a seres humanos.

Ainda sobre o Mapinguari, podemos observar sua característica face monocular e sua constituição robusta, ambas claramente herdadas das narrativas sobre os Ciclopes remetentes à Grécia antiga, e passadas de geração a geração até serem transmitidas em terras brasileiras por caboclos tupiniquins. Na obra *Geografia dos Mitos Brasileiros* é afirmado que:

Revisando os depoimentos sobre os nossos seres fabulosos, vemos que, num e noutros, encontramos sempre o monóculo como característica monstruosa. O Ciclope antropofágico e bruto deixou pegada enorme nas literaturas orais nascidas do latim. Levadas à

África e Ásia pelas legiões romanas, lá encontraram o vestígio da mesma estória conduzida pelos gregos das colônias asiáticas, pelas incursões, pelos traficantes, pelos marinheiros. A universalidade do episódio de Ulisses com Polifemo indica a expansão dos temas aventureiros e fáceis de reter e ainda melhor de lembrar nas horas de ócio (CASCUDO, 2002, p. 204).

Desta maneira, podemos notar o quanto histórias monstruosas assombram e encantam gerações transferindo-se e transformando-se através de novas terras e novas paragens. Com a colonização europeia das terras americanas, as narrativas acerca de monstros conquistaram seu espaço na região adaptando-se ao novo ambiente e adquirindo novas características obtidas na mesma por meio de intercâmbio cultural com os diferentes povos aqui encontrados.

3.1 O MONSTRO NA REGIÃO NORTE

Baseando-se nas afirmações anteriores acerca dos monstros que vieram a habitar o Brasil, podemos observar o quanto estes seres sofreram influências externas nas questões de suas representações físicas e também o quanto estes seres, vindos do além-atlântico transformaram-se ao chegar aqui. Devido a tantas características a serem analisadas, percebe-se que tecer um estudo que englobasse todo o território brasileiro seria uma tarefa difícil, a presente subseção abordará apenas as monstruosidades que fazem da região norte do território brasileiro, o seu *locus*. De acordo com a obra *Monstruário: Inventário de Entidades Imaginárias e de Mitos Brasileiros*, de Mário Corso (2004), observa-se a descrição do Mapinguari um dos mais famosos e temidos monstros da Região Norte do Brasil:

O Mapinguari é um monstro que lembra a forma humana, mas é bem maior e bem mais forte, coberto de pelos longos e eriçados, com grandes garras na mão como a onça. O seu aspecto mais assustador é a boca: ela é vertical, começa debaixo do nariz e vai até a altura do estômago. De seus lábios está sempre pingando o sangue de suas vítimas. Uns dizem que ele devora toda a sua presa; outros acreditam que ele só come a cabeça, que arranca com uma só mordida e fica mascando (CORSO, 2004, p. 129).

Desta descrição podemos destacar características de origem europeia, como o seu tamanho e porte, que somados ao seu olho único na altura da testa, poderia ser

comparável ao Ciclope grego, como Polifemo, enfrentado por Ulisses em *A Odisseia*. Além destas, podemos observar outros pontos nos quais o mito do Mapinguari em muito se assemelha a monstros medievais que povoaram o imaginário do homem europeu durante o processo de colonização como a sua boca que, apesar de vertical, nos remete ao mito dos Blêmios. Seu nome, em linguagem indígena, quer dizer: *aquele que tem os pés torcidos*, voltados para trás (CORSO, 2004), o que poderia ser um traço herdado dos Antípodas, homens mitológicos medievais que possuíam os pés virados ao contrário.

Por mais que não tenham sido comprovadas, não são raras as hipóteses de que o mito do Mapinguari, essencialmente de natureza indígena, tenha sido originado do contato dos povos nativos da região com a extinta preguiça-gigante (*Megatherium*). Cientistas como David Oren, promoveram, sem sucesso, expedições à floresta amazônica para tentar comprovar que o Mapinguari, na verdade, se trata de um exemplar deste animal que teria sobrevivido despercebidamente durante séculos no coração da Amazônia. Os índios o concebem como a encarnação do inimigo, de tudo aquilo que só quer a destruição do homem (CORSO, 2004). Tendo como base esta afirmação de Mario Corso, se uma população indígena que já possuísse em seu imaginário narrativas acerca da extinta preguiça-gigante projetasse essa “encarnação do inimigo” no povo português, seria fácil de imaginar o motivo de em muitos contos, o Mapinguari possuir os pelos claros ou avermelhados, o que seria uma “herança” de cabelos ruivos europeus. E considerando que muitos dos seres folclóricos brasileiros são frutos de um sincretismo entre narrativas de povos nativos e os mitos trazidos de fora por portugueses e africanos, somando-se as narrativas indígenas sobre o Megatério, com as europeias sobre Blêmios, Gigantes, Ciclopes e Antípodas, o resultado seria o atual Mapinguari amazônico. Um fato bastante curioso a respeito deste ser está no seu “ponto fraco”: é dito que para o infeliz caçador que tem o infortúnio de cruzar seu caminho na mata, a única esperança seja acertar um tiro no umbigo da feroz criatura, o qual seria o único lugar onde o Mapinguari poderia receber um ferimento mortal. Segundo Mário Corso:

O umbigo é a marca que liga algo ao nascimento, à natureza: se nasceu é então mortal. Esta lembrança é para, na lógica mítica, colocar este monstro no reino animal e não no plano de seres encantados criados por deuses (CORSO, 2004, p. 58).

De qualquer forma, o umbigo aponta o seu nascimento, e, deste modo, por ser natural e não encantado, seria mortal (CORSO, 2004). Na Região Norte do país, outro monstro compartilha com o Mapinguari desta mesma característica mortal ligada à região do umbigo. Este monstro trata-se do Capelobo, que em algumas regiões pode ser chamado de Cupelobo. De acordo com Câmara Cascudo:

O Capelobo ainda não tem o prestígio do Mapinguari. Sua área de influência está limitada pelos rios do Pará. [...] Como animal, o Capelobo parece com a Anta (*Tapirus americanus*), sendo maior e mais veloz. Tem cabelos longos e negros e patas redondas. A cabeça finda por um focinho lembrando o porco e o cachorro. No Maranhão é um focinho de tamanduá-bandeira. Sai à noite e ronda os acampamentos, barracões e residências perdidas na mata, catando cães e gatos recém-nascidos, como o Lobisomem. Apanhando animal ou homem, parte a carótida e bebe o sangue. Hematofagia do Lobisomem e mesma posição de ataque. Só pode ser morto com um ferimento no umbigo. Um meu informante, com doze anos de permanência nos rios paraenses, definiu o Capelobo como sendo o *Lobisomem dos índios* (CASCUDO, 2002, p. 204).

Desta forma, podemos identificar o Capelobo como um monstro que, assim como o Mapinguari, atua apenas como um agente fóbico para o meio em que vive, sendo um ser feroz e irracional, importando-se apenas em matar aqueles que cruzarem seu caminho. Porém, diferente do Mapinguari, o Capelobo tratava-se originalmente de um ser humano que, assim como o Lobisomem, posteriormente tornou-se uma fera. As lendas sobre o Capelobo indicam que determinados índios, já em idade bastante avançada, ao perceberem que a morte se aproxima, decidem transformar-se para sempre em Capelobo por meio da ingestão de uma poção mágica.

Essa subversão do “caminho natural da vida”, estendendo-a além do limite é o que obrigaria o velho índio a levar uma vida amaldiçoada como Capelobo, percorrendo matas e áreas habitadas em busca de animais menores ou carne humana. Esta alteração do tempo de vida de um ser humano, e seu consequente castigo, poderia ser comparada à doutrina cristã, onde um suicida, por interromper antes do tempo a vida que lhe foi dada por Deus, seria condenado à danação eterna. Ambas as formas dizem respeito a um tipo de subversão do tempo natural da vida humana; uma para prolongá-la além do previsto por Deus e outra para cessá-la antes da vontade divina. Nesta característica, o mito do Capelobo poderia provavelmente ter recebido

influência dos colonizadores católicos. Outro ponto no qual a interferência do homem colonizador europeu pode ter agido é o fato de o Capelobo ser semelhante e constantemente comparado ao lobisomem. De acordo com Corso (2004):

Embora seja um mito de origem indígena, podem-se notar elementos europeus, inclusive em seu nome. *Capê* quer dizer torto, que tem osso quebrado, perna torta. Somado a lobo, temos *lobo das pernas tortas*. O fato é que quem o viu nunca sobreviveu, por isso é difícil saber mais detalhes (CORSO, 2004, p. 57).

Assim como foi descrito por Cascudo (2002), o Capelobo seria uma espécie de lobisomem indígena devido às influências que sofrera de um povo que “trouxera” o próprio lobisomem europeu em suas caravelas. Assim sendo, no caso de seres humanos que se metamorfoseiam em monstros, o Capelobo viu-se dividindo espaço com o próprio lobisomem, agora também brasileiro.

O vocábulo “Monstro” deriva-se do latim “Monstrum”; ou seja, o monstro seria “aquele que mostra algo” ou “aquele que nos adverte de algo”. O monstruoso se faz presente em todas as diferentes culturas ao longo da história humana, sempre se adaptando a diversos contextos sociais como um reflexo de seu tempo, servindo-nos de exemplo a não ser seguido. De acordo com Cohen (2000), uma das mais distintas qualidades inerentes ao ser monstruoso é a sua alta capacidade de adaptação e resistência, pois o mesmo sempre retornará, provavelmente com outra aparência, porém sempre exercendo a mesma função. Dentro dessa perspectiva, Silva (2019) lança a questão:

Não seria o lendário Pé Grande das florestas norte-americanas e o folclórico Mapinguari da nossa cultura releituras do Homem Verde medieval enquanto entidade monstruosa que mostra o vínculo perdido do homem com a natureza? Os Homens-hienas, populares no folclore de regiões da África, atestam a adaptabilidade da crença de que existem pessoas capazes de subverter (ou seria restabelecer?) a fronteira entre o humano e outro animal. Assim como os homens-urso dos povos nativos norte-americanos, os homens-tigre da Índia e, para citar o mais famoso dos homens-fera, o lobisomem, esses seres tem sua origem no medo dos habitantes de comunidades próximas a florestas e selvas em relação ao principal animal predador de seu meio (SILVA, 2019, p. 07-08).

Assim sendo, o monstro seria um ser que representa fronteiras, e uma de suas funções é a de “mostrar”, como foi dito anteriormente, esta fronteira aos seres

humanos deixando-a explícita e ao mesmo tempo, mostrar sua capacidade de subvertê-las na maioria das vezes. Geralmente, tais áreas fronteiriças podem se tratar de fronteiras culturais, fronteiras físicas ou até mesmo fronteiras entre homem e animal como, por exemplo, culturas diferentes entre povos distintos, limites entre áreas vilarejos e florestas e a diferença entre o ser humano racional e o comportamento feral de animais selvagens, respectivamente. Ao discorrer sobre o papel subversivo do monstro com relação a essas fronteiras, Corso (2004) afirma que:

Existem alguns seres – presentes em quase todos os povos e todas as mitologias – que não respeitam fronteiras. O lobisomem é um deles. A ideia de um homem transformar-se em lobo é tão difundida que ganhou um nome: licantrópia. Em suas origens, o Lobisomem era um ser que sofria castigo que podia durar alguns anos. Essa temporada de Lobisomem servia como pagamento da pena e, caso o infeliz cumprisse certas regras, voltava a ser homem. Mas, em tempos remotos, essa mutação era única em toda uma vida, ao contrário do Lobisomem atual que é um ser em constante transformação. Também quanto à sua origem, ora era um homem comum, ora um lobo. Hoje parece guardar muito de homem em sua condição de lobo e, na condição de humano, tem peculiaridades distintas (CORSO, 2004, p. 117).

Considerando o monstro como um ser com alta capacidade de adaptação ao meio para o qual se desloca e também como um “subversor de fronteiras”, não é de se admirar o quanto um licantrópo dar-se-ia bem nas terras recém descobertas além-mar. O mito do Lobisomem não apenas criou raízes em solo brasileiro como também adquiriu novas “roupagens”. Em vários lugares do Brasil, especialmente na Região Norte, o Lobisomem é representado pela figura de um homem que se transforma em porco.

Considerando a afirmação de Silva (2019), nas mais diversas culturas, o mito dos homens-fera origina-se da apreensão dos habitantes de comunidades próximas a florestas com relação ao principal animal predador daquele *habitat* em questão. Levando-se em consideração o fato de que, com a chegada do Lobisomem europeu ao país, o povo brasileiro necessitaria de uma nova representação visual dessa criatura (uma vez que em solo brasileiro não há a presença de lobos) o porco foi o “escolhido” para representar este monstro, mesmo que a figura do suíno não represente um grande predador.

Este fato se deve às crenças religiosas majoritariamente católicas trazidas da Europa (onde ao porco é atribuída a imagem de um animal impuro e relacionado a hábitos pecaminosos). Tais crenças d'além-mar aqui mesclaram-se a outras de origens africanas e indígenas – sincretismo este que acabou criando a base para a religião do caboclo amazônico. Ainda sobre esses seres sobrenaturais provenientes dessa miscigenação cultural e que até hoje permeiam o imaginário da região Norte do país, podemos citar, de Acordo com Monteiro (2012):

Curupira (ou a Curupira) – é chamado "a Mãe do Mato", embora se apresente na forma masculina, feminina ou ainda assexuada. Geralmente parece uma criança, o calcanhar é para frente e os artelhos para trás. É considerado protetor da selva e da caça, protegendo o homem que derruba a selva ou que caça por necessidade, perseguindo, entretanto, aos que matam por prazer. Informa Galvão que os Curupiras habitam muito dentro da mata, porque não gostam de locais muito habitados (MONTEIRO, 2012, p. 229).

No município de Gurupá, de fato, tal entidade mágica é chamada de “A Curupira”, mesmo apresentando-se sob a forma de um ser do gênero masculino. Tal fato constata ser verdadeira a afirmação de Walcyr Monteiro em sua obra *Visagens e Assombrações de Belém*. Sendo assim, devido a isso, a partir deste ponto do estudo tal criatura será designada pelo artigo definido “a”.

Em uma entrevista realizada com um adolescente da região chamado Jean Carlos, 14 anos, o mesmo se refere à Curupira como “A Mãe Natureza”. Em Gurupá, a Curupira também assume a função de protetora das matas e dos animais, punindo aqueles que realizam desmatamento e caças predatórias. Apesar de, segundo moradores, punir aqueles que merecem, a Curupira pode também “malinar” qualquer pessoa com a qual não simpatize, servindo assim como um agente fóbico para a sociedade. De acordo com Monteiro, a Curupira evita habitar nas proximidades de vilarejos, preferindo os locais mais distantes na mata para fazer sua morada. O mesmo foi constatado em Gurupá durante entrevistas nas quais moradores informaram que este ser habita no “fundo da mata”, o que é um alívio para eles que creem em sua existência.

Em uma entrevista realizada com o senhor Correa, sexagenário da vila Carrazedo nas proximidades de Gurupá, o mesmo informa que já se encontrou com a Curupira quando era jovem. O idoso afirma que se trata de um homem pequeno,

com os pés virados para trás e que possui uma velocidade incrível apesar da condição de seus pés e do pouco tamanho. Em sua narrativa, o senhor Correa constata que, apesar de a Curupira não ter lhe feito nenhum mal, o fato de ter visto pessoalmente tal criatura lhe causou pavor por muito tempo.

De acordo com essas narrativas, pode-se inferir que as principais características da Curupira podem ter se originado das antigas narrativas medievais sobre os Antípodas, monstros humanoides que possuíam os pés ao contrário, enquanto que sua estatura e grande velocidade podem ser provenientes dos Ciápodes, pequenos homens dotados de apenas um pé que, segundo narrativas de viajantes da Idade Média, seriam velocíssimos.

4 AS FIGURAÇÕES DO MONSTRUOSO NAS NARRATIVAS ORAIS DE GURUPÁ – PA

Gurupá é um município brasileiro do estado do Pará. A cidade está localizada às margens do Rio Amazonas no Nordeste do estado; essa região tem sido palco de inúmeros estudos desde as primeiras visitas do antropólogo norte-americano Charles Wagley, em 1945. Nascido em 9 de novembro de 1913, em Clarksville, Texas, EUA, Wagley é considerado um dos pioneiros da Antropologia Brasileira e foi o autor da obra *Amazon Town: a study of man in the tropics* (1953).

Esse estudo abriu portas a novas pesquisas de naturezas variadas nessa comunidade, que atualmente é referência em pesquisas científicas. Segundo Pace (1998), em seu livro *The struggle for Amazon Town: Gurupá revisited*:

A razão mais convincente para estudar Gurupá é o fato de vários cientistas terem estudado a comunidade anteriormente. Desta maneira, um reestudo, proporciona uma visão detalhada de suas mudanças através do tempo, algo que poucos antropólogos têm a oportunidade de fazer (PACE, 1998, p. 04, **tradução nossa**¹).

É importante ressaltar que, no livro de Charles Wagley a cidade de Gurupá é chamada de Itá, pseudônimo dado pelo pesquisador na década de 1940 para preservar a cidade, fato este que foi alterado na mais recente edição do livro (2014), como afirmado em seu prefácio pelo Dr. Conrad Phillip Kottak:

Quando Wagley escreveu *Uma Comunidade Amazônica*, ele a batizou com o pseudônimo de Itá. Seu nome real é Gurupá, o qual usamos nesta edição baseados, entre outras coisas mais, nos desejos da população local de ter sua história lembrada, documentada e reconhecida (KOTTAK, 2014 *apud* WAGLEY, 2014, p. IX).

Como constatado, a cidade de Gurupá possui uma riqueza cultural imensurável. À época dos trabalhos de pesquisa de campo conduzidos pelo professor Richard Pace durante sua investigação acerca dos impactos das mídias eletrônicas na sociedade amazônica, percebeu-se o quanto o imaginário popular se faz presente na região de Gurupá, onde ainda é bastante comum presenciar conversas sobre seres

¹ “The most compelling reason to study Gurupá is that several social scientists have previously studied the community. A restudy, therefore, provides a detailed picture of change through time, something that few anthropologists have the opportunity to do”.

“encantados”, como a Matinta Perera, os botos, lobisomens etc. Importante notar que tais referências não são apenas do ponto de vista de quem conta histórias antigas ouvidas desde a infância, mas sim falas que buscam reproduzir testemunhos de contatos visuais ou físicos com tais entidades.

FIGURA 4 – Vista parcial de Gurupá a partir da Hidroviária Municipal.



Fonte: Acervo do pesquisador.

FIGURA 5 – Vista da Vila do Carrazedo, na região de Gurupá.



Fonte: John Bennett Soileau III, 2015.

Foi percebido, por certo, que grande parte daquela carga cultural em formato de narrativas permanecia naquela comunidade desde muitas gerações anteriores, mantendo, de pai para filho, a mesma estrutura e componentes de outrora, até os dias atuais. Porém, em decorrência do avanço tecnológico da segunda metade do século XX, que levou àquela população advenços midiáticos como rádios, aparelhos televisores e uma gama de novas informações, muitas de suas crenças originais passaram por reformulações. Com a crescente urbanização da cidade e a consequente chegada da *internet* na localidade durante a primeira década do século XXI, essa apoteose do universo informacional alavancou as transformações dos contos de tradição oral.

Assumindo os seres do imaginário amazônico como seres monstruosos sob a ótica do povo gurupaense e, também, do Horror de Encantarias, o presente capítulo analisará as principais manifestações do monstruoso em Gurupá de acordo com as teses de Jeffrey Jerome Cohen (1996). Dessa forma, avaliará os aspectos gerais do conceito do monstruoso e constatará quais desses aspectos se observam nos monstros das narrativas orais da comunidade.

Em Gurupá, são abundantes as histórias acerca de Lobisomens e, como dito anteriormente, apesar de sempre ser representado na figura de um homem que se transmuta em animal, sua manifestação física monstruosa também se transformou ao longo das décadas naquele município. Assim como dito por Cohen em sua obra *A Cultura dos Monstros: Sete Teses* (1991):

O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural [...]. O corpo monstruoso é pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o monstrem é, etimologicamente, “aquele que revela”, “aquele que adverte”, um glifo em busca de um hierofante. Como uma letra na página, o monstro significa algo diferente dele: é sempre um deslocamento; ele habita, sempre, o intervalo entre o momento da convulsão que o criou e o momento no qual ele é recebido — para nascer outra vez (COHEN, 1996, p. 26- 27).

Desse modo, o monstro é a incorporação do contexto cultural e social no qual está inserido e temê-lo seria um reflexo das inseguranças, angústias e ansiedades das pessoas com relação a alguém ou algo que lhes causa aversão. Compreendendo a ideia de “monstro” sob essa ótica cultural, faz-se possível perceber e julgar as metamorfoses ocorridas na constituição de semelhantes criaturas dentro de um

contexto social vítima das transformações e evoluções tecnológicas sofridas nas últimas décadas.

Portanto, um monstro como, por exemplo, o lobisomem, criatura bastante presente no imaginário ribeirinho amazônico devido às influências provenientes da imigração europeia na região, sofreu intensas modificações ainda em decorrência de intervenções externas.

As intervenções externas citadas no parágrafo anterior foram aceleradas pela evolução dos impactos de mídias eletrônicas na localidade, onde inicialmente o lobisomem era considerado um homem que transformava-se em porco e, com a chegada do advento da televisão na comunidade, o licantropo acabou perdendo a máscara de suíno para adotar a forma do lobo. Essa ausência de uma estruturação fixa para definir não só o homem-lobo em questão, mas sim os monstros em geral, pode ser exemplificada por Cohen (1996) quando ele afirma que:

O monstro [...] não se presta à categorização fácil. Essa recusa a fazer parte da “ordem classificatória das coisas” vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção (COHEN, 1996, p. 30).

Na década de 1940, durante as primeiras pesquisas realizadas na cidade de Gurupá pelo antropólogo Charles Wagley a respeito do imaginário popular, muito se falava sobre pessoas com a capacidade de se transformar em porcos devido a maldições, feitiçarias, penitência por atos cometidos ou pactos com entidades malignas. Essas pessoas, homens ou mulheres, durante as noites de sexta-feira ou noites de lua-cheia, metamorfoseavam-se em horrendos suínos de grandes proporções e percorriam a cidade para aterrorizar seus moradores.

Em 2015, sob a coordenação do antropólogo Richard Pace, realizaram-se novas pesquisas no município, por meio de entrevistas com moradores da comunidade e arredores. Dentre os entrevistados, destaca-se o Sr. Adelino Pantoja ou apenas “Seu Adelino”, conhecido octogenário, morador da Avenida Santo Antônio (chamada popularmente de “Segunda Rua”) que narrou, dentre outras, o caso de Raimundo Brito, um antigo morador da cidade que, em certa noite, deparou-se com um enorme porco que tentava mordê-lo a todo custo. Como o animal continuava a

investir, Raimundo usou como meio de defesa um machado que levava consigo, atingindo as costas do feroz suíno. No dia seguinte, no local do ataque, encontraram um homem seriamente ferido nas costas. Tratava-se de um outro gurupaense conhecido pelo apelido de “Mãozinha”, o qual acabou falecendo após ter sido levado de avião para Belém.

Com o passar do tempo, tais narrativas acabaram por se adaptar e sofrer alterações devido ao grande intercâmbio cultural originário de influências recebidas de centros urbanos mais desenvolvidos e pelos novos meios de comunicação emergentes na região. Segundo Roque de Barros Laraia, não resta dúvida que grande parte dos padrões culturais de um dado sistema não foram criados por um processo autóctone, mas sim copiados de outros sistemas culturais (LARAIA, 1986).

A afirmação de Laraia (1986) procede, de fato, pois com o processo de urbanização de Gurupá e a chegada da televisão, os protagonistas desses contos populares não tardaram a ser chamados de lobisomens. Um ponto curioso a respeito da aquisição da nomenclatura “lobisomem” às pessoas que se transformavam em porcos é que, uma vez que este termo é unicamente designado a pessoas do sexo masculino, com isto, excluíram-se deste grupo as mulheres que também se metamorfoseavam em suínos, as quais permeavam um grande contingente de histórias gurupaenses. Durante as entrevistas realizadas com o Sr. Adelino Pantoja, também foram contadas narrativas sobre tais seres.

O idoso relatou que durante sua juventude houve na cidade uma feiticeira que se transformava em porco. Porém, com o crescimento informacional recebido do exterior, tornou-se bastante sabido nas comunidades amazônicas que apenas indivíduos masculinos podiam ser chamados de lobisomens e que estas criaturas não existem sob o sexo feminino. A questão que se coloca diante de tal fato é saber qual a denominação deveria ser dada às mulheres que assumiam essa forma monstruosa durante a noite. Tal questionamento foi prontamente respondido pelo povo da comunidade, em uma clara adaptação de suas narrativas aos novos padrões estabelecidos pelas mídias eletrônicas e o surgimento do mito do lobisomem na região: os homens que se transformavam em porcos, dentro dessa nova perspectiva, seriam lobisomens enquanto que as mulheres que também sofriam esta profana metamorfose seriam matintas pereras.

As narrativas feitas por Seu Adelino chamaram bastante atenção da equipe do antropólogo Richard Pace pelo fato de relacionarem-se bastante com outras já

descritas por Walcyr Monteiro (1986) em sua obra *Visagens e assombrações de Belém*:

Sabemos dos poderes sobrenaturais da Matinta Perera: a mulher que é Matinta pode transformar-se em pássaro, emitindo, nestas ocasiões, um agudo assobio assemelhado ao seu nome, ou ainda nos animais que bem entender, dando preferência, ao suíno... Entretanto, em porcos também se transformam os Lobisomens, que, não sendo originários da Amazônia, aqui encontram a possibilidade de metamorfosear-se, também, em porcos e não só em lobos, como seu nome sugere, e como acontece em outras plagas... Na verdade, cria-se aí um problema: o porco, enquanto sua forma de porco, como distinguir se é Matinta ou Lobisomem? A resposta é dada pelo sexo do animal: se for do sexo feminino, é Matinta Perera; se for do sexo masculino, é Lobisomem... (MONTEIRO, 1986, p. 31).

Importante notar que, para Charles Wagley (1953), em seu livro *Uma comunidade amazônica*:

Outra aparição perigosa é a Matinta Perera. Enquanto que o Curupira e o Anhangá habitam as florestas densas e a Cobra Grande, os rios, a Matinta Perera aparece nos vilarejos e comunidades. É apropriado dizer que as crenças relacionadas a Matinta Perera sejam de origem principalmente Européia. A descrição de Matinta Perera se assemelha bastante com o conceito de Lobisomens do velho mundo. Alguns dizem em Gurupá que a Matinta Perera é sempre uma mulher, mas outros dizem que ela aparece também sob forma masculina (WAGLEY, 1953, p. 239).

Considerando-se que a pesquisa conduzida pelo antropólogo Charles Wagley em Gurupá se deu em idos dos anos 1940, podemos perceber a mudança ocorrida na nomenclatura dada aos indivíduos que, em sua terrível sina, submetiam-se à esta macabra metamorfose pois até então, “Matinta Perera” era o nome atribuído aos mesmos. Estes seres notívagos que aterrorizavam a pequena população gurupaense em suas narrações populares, após alguns anos passaram a ser diferenciados levando-se em conta a questão do gênero.

Ainda sobre este aspecto suíno da figura do lobisomem, é importante notar o seu impacto na cultura brasileira, assim como o seu alcance, já que o mesmo se estende além da região amazônica. O memorialista Lastênio Calmon Júnior, por exemplo, ao narrar relatos de antigos moradores de uma cidade do norte do estado do Espírito Santo, relata em sua obra *Vultos, fatos e lendas linharenses* o caso de um lobisomem encarnado sob a figura do porco:

O lobisomem só saía à noite. Era um homem transformado em porco. O homem que virava lobisomem era, geralmente, amarelo, desbotado, com cara de doente, e que procurava isolar-se de seus semelhantes. Durante o dia, vivia de qualquer maneira e, à noite, virava lobisomem. Saía pelas estradas a amedrontar pessoas, parava nos fundos das casas a comer detritos ou a triturar ossos com os dentes, mas quem tinha coragem de ir ver? Somente nas noites de lua clara, pelas frestas das janelas, era visto o bicho em formato de porco (CALMON JÚNIOR, 2009, p. 247).

Lastênio Calmon Júnior em seu estudo nos traz um relato bastante típico em regiões interioranas do Brasil, ou seja, um caso de lobisomens. Porém é relevante perceber o quanto este relato se difere do tradicional pelo fato de aqui termos um lobisomem sob a figura de um porco, figura bastante comum no imaginário do norte do nosso país. Por mais que o fato narrado por Calmon Júnior não se passe na Região Norte, podemos inferir que, ao chegar em regiões brasileiras o mito do lobisomem, assim como o seu personagem principal, sofreu uma metamorfose, adaptando-se a um animal da região, tal qual na África temos a presença de homens-hiena, no Japão temos os *kitsunes*, que são os homens-raposa e assim por diante. Devido a isso, nas zonas rurais do Brasil, há a presença dos temidos homens-suínos.

Durante a pesquisa de campo realizada em 2015, percebeu-se o quanto o mito a respeito do lobisomem havia evoluído até aproximar-se bastante do conceito mais popularmente difundido a respeito deste monstro. Ao entrevistar Denilson e Benedito Alho, jovens moradores da comunidade popularmente conhecidos como “Denis” e “Beninha”, foi levantado o questionamento acerca da existência de tal criatura naquela região amazônica e quais seriam suas principais características.

Os relatos desses dois primos chamaram a minha atenção pelo fato de serem bastante semelhante a conhecidos filmes hollywoodianos como *An American werewolf in London* (1981) ou *Silver bullet* (1985). Desta vez, o lobisomem amazônico assumia o papel do licantropo conhecido através das telas de cinema ou, no caso de Gurupá, através de filmes reproduzidos pela televisão. Desta forma, a ideia de um lobisomem que se transforma em porco começa a ser abandonada em Gurupá e é gradativamente suplantada pelo conceito do homem que, durante as noites de lua-cheia, assume a forma de um ser horrendo com características lupinas.

Ao questioná-los acerca da existência de homens que se transformam nos apavorantes suínos naquela região, eles informam que ainda há histórias a respeito

em toda a extensão do arquipélago marajoara; porém, eles garantem não se tratar de lobisomens, pois as referidas feras são apenas “homens que viram porco”, ou simplesmente “vira-porco”, como são chamados atualmente. Durante as entrevistas, estes informantes afirmaram que há também na região histórias de “lobisomens verdadeiros”, ou seja, indivíduos amaldiçoados que assumem a forma de lobos durante a lua cheia (mesmo que não existam de fato, lobos na região amazônica, em toda a sua extensão). De acordo com os informantes, sua metamorfose e características físicas assemelham-se ao processo descrito por Sady e Loyolla (2017):

O homem começa a se sentir ansioso e inquieto, e a transformação começa através de convulsões; enquanto a transição é feita, as características de lobo vão aparecendo. Há relatos de que os traços físicos do lobo permanecem quando esse ser volta à sua forma física humana, prevalecendo em sua aparência as orelhas pontudas, unhas curvadas e sobrelhas unidas (SADY; LOYOLLA, 2017, p. 308).

Dessa maneira, não é de se surpreender que, ao longo do crescimento, desenvolvimento e evolução da cidade de Gurupá, suas histórias de assombrações tenham também evoluído de acordo com o presente mundo globalizado. De acordo com Disiuta (2017), a literatura vive em uma constante transformação, de modo que com o passar dos anos, ela se modifica junto com as mudanças que ocorrem no mundo, tanto social quanto historicamente. Suas histórias e personagens vão se adaptando aos gostos das novas gerações (DISIUTA, 2017). Ainda seguindo essa mesma linha de pensamento, Monteiro (1986) afirma que:

É interessante como, ao longo da evolução de um povo, evoluem também as suas visagens e assombrações. Duendes das selvas e das águas, quando não se afastam com o progresso, como é de regra acontecer, adaptam-se rapidamente à vida citadina, convivem com os habitantes da metrópole, assustando-os, ou ainda protegendo-os; as almas penadas, igualmente, querem gozar das últimas conquistas da civilização.... (MONTEIRO, 1986, p. 167).

Esses raciocínios exemplificam o quanto um mito de tradição oral em uma determinada comunidade pode sofrer alterações com o passar dos anos enquanto a mesma se desenvolve e adquire acesso a adventos como televisores, *smartphones* e *internet*. Essa evolução tem influenciado, inclusive, na própria crença nesses mitos por parte de sua população, pois com todo este novo acesso a uma gama de

informações, uma grande parcela dos moradores desta região, predominantemente jovens, têm deixado de acreditar em tais contos e passado a tomá-los apenas como “crendice regional”, apesar de reconhecê-los como importante patrimônio cultural da cidade.

Ainda sobre tais transformações causadas pelo novo cenário informacional, é relevante analisar o papel desempenhado pelos monstros nesta região. Provocada pelo acesso a novas redes sociais na cidade, a população gurupaense passou nas últimas décadas por uma intensa evolução social e cultural e, assim sendo, tais inovações resultaram em uma transformação de suas crenças, considerando que estas fazem parte de sua cultura propriamente dita. Segundo Galvão (1955):

Algumas crenças derivam de tradições europeias conservadas e transmitidas pelos colonos dos primórdios do povoamento ou mesmo por imigrantes recentes, outras trazidas pelos escravos africanos e, finalmente muitas que se atribui ao ancestral ameríndio. Essas crenças se modificaram e se fundiram ao catolicismo constituindo a religião do caboclo (GALVÃO, 1955, p. 91).

Naquela época, o que foi chamado por Galvão de “religião do caboclo” ainda estava bastante presente naquela sociedade de maneira que, por causa das influências culturais europeias, africanas e indígenas, a crença nos chamados “bichos visagentos” ou visagens e assombrações era estreitamente ligada à sua religião, como afirmado pelo autor de *Santos e Visagens* (1955):

Qualquer descrição da vida religiosa de Itá, restaria incompleta se deixasse de incluir ao lado de crenças e instituições católicas, outras, igualmente arraigadas na mente do caboclo, mas de origem diversa. Essas últimas não podem ser postas de lado sob a alegação que se trata de superstições ou de sobrevivências “pagãs”, porque são igualmente ativas e capazes de despertar atitudes emocionais e místicas na mesma intensidade que as do corpo de catolicismo (GALVÃO, 1955, p. 88).

Devido a isso, qualquer manifestação cultural ou atividade cotidiana que de um ponto de vista etnocêntrico possa nos parecer supersticioso ou incomum, fazia parte da religião própria do povo gurupaense e esse “catolicismo amazônico”, ainda presente em diversas comunidades e municípios paraenses, não excluía as raízes e conceitos africanos e indígenas, peças fundamentais neste sincretismo, incluindo no

credo católico elementos do sobrenatural e vice-versa, como afirmado por Galvão (1955):

São conceitos que embora não façam parte do corpo formal de crenças católicas, são observados e devem ser encarados como parte da religião do povo porque exprimem atitudes e relações com o sobrenatural (GALVÃO, 1955, p. 90).

Em *Visagens e assombrações de Belém*, Monteiro (1986) exemplifica essa miscigenação ao afirmar que:

Se voltarmos nossas vistas ao passado, encontraremos nos três elementos componentes de nossa etnia a crença na alma e suas manifestações. Os católicos, com a crença em céu, purgatório e inferno, acreditam também em alma penada. Muitos dos mitos e lendas indígenas foram transformados pelos missionários e catequistas em manifestações demoníacas, como por exemplo ocorreu com Jurupari (MONTEIRO, 1986, p. 211).

Casos relacionados ao ser mítico Jurupari foram observados nas cercanias de Gurupá e o trecho mencionado por Monteiro a respeito do mesmo é corroborado por Mário Corso em sua obra *Monstruário* (2004):

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, trouxeram mais que uma busca por riquezas: tinham, de uma maneira desorganizada e não homogênea, um projeto civilizatório. A igreja católica estava integrada a esse projeto e não se furtou à parte que lhe coube. Para isto, muitos padres foram trazidos ao novo mundo para converter nossos índios à “verdadeira” religião. Aqui chegando, adequaram o cristianismo nesse desafio. A catequese católica precisou forjar um deus com os elementos das mitologias nativas e, assim, criou Tupã. Mas um opositor a Tupã fazia-se também necessário, e este papel de diabo coube a Jurupari. Essa é a razão pela qual ainda se encontra Jurupari como sinônimo de entidade maligna (CORSO, 2004, p. 109).

Em 2015, a equipe do antropólogo Richard Pace visitou uma comunidade ribeirinha de origem quilombola chamada Vila do Carrazedo. Situada a 51 quilômetros da cidade de Gurupá, ela possui, aproximadamente, duzentos habitantes. A vila Carrazedo é um secular vilarejo quilombola localizado nos arredores de Gurupá, num ponto de difícil acesso ao longo da margem de um dos afluentes do Rio Xingu. Seus moradores, pessoas de natureza pacífica e bastante hospitaleira, nascem, crescem e

morrem rodeados pelos mistérios amazônicos, habituando-se a eles de tal forma que os mesmos fazem parte de seu cotidiano. É como se estes se estendessem para além do conceito de meras “crenças” e adentrassem os campos da realidade.

Quem recebeu o professor Pace e seu grupo de pesquisadores foi o líder da comunidade, Benevaldo Marques Corrêa, um senhor idoso, conhecido popularmente como “Pajé” devido ao exercício de “pajelanças” na região, à sua habilidade em contar histórias de antepassados e à sua liderança exercida entre os membros de Carrazedo.

O senhor Benevaldo narrou várias histórias a respeito de seres míticos das matas e dos rios daquela região. Muito se falou sobre tais criaturas e alguns fatos acerca do sincretismo cultural foram identificados. Inicialmente, o líder contou sobre um grupo de homens que, a mando da Prefeitura, trabalhou na abertura de uma estrada em uma floresta nas proximidades do município de Porto de Moz (PA). O fato se deu na década de 1970, e pareceria uma narrativa comum se a construção da estrada em questão não tivesse sido interrompida pelo Jurupari encontrado pelos trabalhadores no meio da mata.

Segundo ele, o grupo, que logo em seguida abandonou o projeto da estrada, havia se aventurado em um território da floresta que não era “feito para gente comum” e, devido a isso, foram castigados com a presença do Jurupari, criatura maligna que assombra aqueles que entram em seus domínios. Um fato curioso que foi difundido por influências católicas está na figura maligna atribuída a esse ser, que anteriormente, era visto como o oposto pelos povos indígenas. Segundo Corso (2004):

Antes de os portugueses chegarem, ele não era nada disso para nossos índios, era um herói que trouxera muitos ensinamentos aos homens. Seu culto não tinha fronteiras muito precisas, mas era difundido em todo o norte do país e não era restrito a culturas específicas; provavelmente o culto ao Jurupari era uma religião em expansão, quando do descobrimento do Brasil, e seguiria conquistando tribos aos seus ritos e crenças não fosse a interferência dos catequizadores europeus (CORSO, 2004, p. 109).

No decorrer de sua narrativa, Benevaldo também contou ao grupo a respeito da presença do Anhangá naqueles arredores, tendo, inclusive, segundo ele, estado em sua presença quando era adolescente e quando começava a aventurar-se na arte da caça. Devido à sua falta de orientação sobre territórios permitidos à caça, períodos adequados para realizá-la, e quais animais poderia ou não caçar, o Anhangá o havia confrontado em sinal de advertência para que não cometesse erros em suas

atividades. Quanto a essa entidade, em sua obra *Monstruário*, Corso (2004) relata que:

Anhangá é um espírito protetor da caça, protege os animais do caçador que mata além da conta, que mata só para maltratar, que caça fêmeas prenhas ou amamentando filhotes. Era uma espécie de deus da caça, mas, para entendê-lo, é preciso esquecer o que se sabe de outros deuses da caça, como a Diana dos romanos. Ao contrário desses, Anhangá não aceita trocas com humanos, apenas vinga-se dos que erram. Por ser de uma severidade sem mediações, o nome de Anhangá evocava indescritível pavor nos índios brasileiros. No cotidiano indígena era também a representação de um de seus tantos medos: o medo do sobrenatural, do reino dos que já morreram, das almas dos antepassados [...]. É um ser incorpóreo, mas, quando precisa aparecer aos homens, mostra-se sob a forma de um veado, geralmente de cor vermelha (em algumas versões é branco), de chifres cobertos de pelo, olhar de fogo e uma cruz no meio da testa (CORSO, 2004, p. 23).

O fato de o Anhangá possuir o símbolo de uma cruz em sua testa, claramente indica influências europeias inseridas na cultura indígena, agora presentes na cultura do caboclo amazônico. Outra ocorrência que comprova isso está ligada ao fato de que, no final de suas narrativas, o senhor Benevaldo mencionou que, apesar de gostar bastante de beber, durante seus trabalhos com ervas e fumos, procura sempre estar o mais sóbrio possível, pois, segundo ele, “realizar pajelanças bêbado não é do agrado de nosso senhor Jesus Cristo”. Característica similar pode ser observada na obra *Santos e Visagens*, onde Galvão (1955) afirma que:

No vale do Amazonas, o pajé é um bom católico, mas ele não mistura suas práticas com aquelas da Igreja. A “pajelança” e o culto dos santos são distintos e servem a situações diferentes. Os santos protegem a comunidade e asseguram o bem estar geral. Seus favores e sua proteção obtêm-se através de promessas e orações que propiciam sua boa vontade. Contudo, existem fenômenos que escapam à alçada ou ao poder dos santos, assim a *panema*, o “assombrado de bicho”, o poder maligno do bôto. Nestes casos somente o pajé, que dispõe de poderes e conhecimentos especiais é capaz de intervir com sucesso. Embora as crenças e instituições religiosas católicas e as de origem ameríndia sirvam a objetivos diferentes, elas se completam como partes integrantes de um mesmo sistema religioso. O caboclo das freguezias não as distingue como forças opostas, para ele os santos e os bichos visagentos são entidades de um mesmo universo (GALVÃO, 1955, p. 6-7).

Em meados dos anos 1940, o antropólogo Eduardo Galvão, em sua passagem por Gurupá, registrou em sua obra o caso de “Seu” Mendes, o proprietário de uma grande roça que todos os dias era visitada por veados que se alimentavam de sua maniva e folhas de batata. Contrariado com isto, o senhor Mendes decidiu matar o máximo possível de cervídeos para afugentar o restante dos animais, de modo que ali não retornassem. E assim sucedeu-se, noite após noite, até que teve o seu medonho encontro com as temidas criaturas:

No dia de S. Bartolomeu, êle deixou chegar a noite e foi para a roça. Esquecera que o dia era aziago, e de que algo de mal podia acontecer-lhe. Após algum tempo na espera percebeu a aproximação dos veados. Quando entraram na roça viu que eram todos galheiros, as aspas muito longas e aguçadas. Os veados tinham olhos brilhantes como brasa de carvão. “Seu” Mendes teve medo. Faltou-lhe ânimo para atirar ou fazer qualquer movimento. Em sua casa, já passada a meia noite, seus filhos estavam preocupados com a demora. Chamaram os vizinhos e foram procurá-lo no caminho da roça. Quando estavam chegando avistaram os veados que fugiram com um tremendo tropel de cascos. “Seu” Mendes ainda estava na tocaia, mas frio e sem fala. Tiveram que descê-lo da árvore e conduzi-lo aos ombros para casa. Sofreu de uma febre terrível. Benzedores curaram-no após muitas rezas, banhos e defumações. Nunca mais “seu” Mendes voltou à roça ou atravessou um pedaço de mata. Acreditava firmemente que os galheiros da última noite eram anhangas. Vingavam a matança que fizera entre os veados (GALVÃO, 1955, p. 104-105).

Como constatado, a percepção das criaturas folclóricas na região amazônica sempre esteve relacionada a aspectos religiosos e morais de maneira que tais seres míticos assumiam papéis de guardiães e protetores da natureza, sempre prontos a castigar aqueles que a violassem ou molestassem de qualquer forma. Porém, em paralelo a isto, desde os estudos realizados por Wagley (1953) e Galvão (1955) na comunidade gurupaense, nota-se por meio de suas publicações que, mesmo naquela época, essas entidades já eram vistas como objetos de medo, apesar de sua função de protetoras.

Com o avanço das redes sociais e demais adventos que facilitaram a comunicação do povo gurupaense com o mundo exterior, houve uma notável transformação na sua percepção de seus monstros e formas de encarar os mesmos. Antes assombrados por entidades da natureza como o Curupira, Anhangá, Jurupari e botos, hoje estes seres sobrenaturais dividem espaço no imaginário gurupaense com vampiros, lobisomens (em sua forma lupina), múmias e zumbis, fato este que pode

ser constatado nas atuais festas de Halloween realizadas nas escolas da cidade ou entre familiares e amigos, que apesar de temê-los, não deixam de apreciá-los, comprovando, assim, a tese proposta por Jeffrey Jerome Cohen no seu ensaio *A Cultura dos monstros: sete teses* (1996), segundo a qual o medo do monstro é realmente uma espécie de desejo:

Para que possa normalizar e impor o monstro está continuamente ligado a práticas proibidas. O monstro também atrai. As mesmas criaturas que aterrorizam e interditam podem evocar fortes fantasias escapistas; a ligação da monstruosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atraente como uma fuga temporária da imposição. Esse movimento simultâneo de repulsão e atração, situado no centro da composição do monstro, explica, em grande parte, sua constante popularidade cultural, explica o fato de que o monstro raramente pode ser contido em uma dialética simples, binária (tese, antítese... nenhuma síntese). Nós suspeitamos do monstro, nós o odiamos ao mesmo tempo que invejamos sua liberdade e, talvez, seu sublime desespero (COHEN, 1996, p. 48).

Com a chegada do aparelho televisor na comunidade e, posteriormente, do advento da *internet*, aparentemente os monstros da hollywoodianos encontraram em Gurupá uma moradia próspera, rica em mentes férteis para alimentar. Um lugar em cuja cultura o fantástico sempre esteve presente mantém em si uma necessidade de renovação de seu imaginário monstruoso. As entidades míticas tradicionais amazônicas permanecem muito presentes naquela região, e seu papel de guardiões da natureza ainda é transmitido aos mais novos por meio das narrativas orais dos mais velhos, porém isso não diminui a sua atuação como agentes do medo e, tampouco, o crescimento das mídias eletrônicas na cidade os reduz a objetos de medo.

Contudo, com a evolução de suas mídias e redes sociais, a cidade de Gurupá presenciou uma notável transformação cultural em seus moradores e, conseqüentemente, uma grande transformação física em suas criaturas folclóricas, afinal, como afirmado por Cohen (1996), o corpo do monstro é um corpo cultural. Dessa forma, o corpo de um determinado monstro evolui e transforma-se de acordo com a cultura na qual está inserido. Assim sendo, ocorreu a transformação da aparência dos lobisomens narrada anteriormente, onde de homens-porcos, tornaram-se, definitivamente, homens-lobo na localidade. Da mesma maneira ocorreu nas

últimas décadas uma transmutação da imagem do boto na região. De acordo com Eduardo Galvão, na Gurupá dos anos 1940, relatava-se o seguinte:

Quando o bôto aparece sob a forma de homem veste-se, em geral, de branco, a côr preferida para as roupas de festa. É difícil assim distingui-los. Há, porém, uma peculiaridade que os identifica, tem os pés voltados para trás (GALVÃO, 1955, p. 96-97).

Recebendo influências de outros estados e cidade do país, na atualidade, na cidade de Gurupá, a característica dos pés voltados para trás é atribuída unicamente ao Curupira, o atarracado guardião da floresta, cuja crença e temor ainda permanecem presentes nas regiões mais afastadas da cidade.

4.1 ESTUDO DE RELATOS DOCUMENTADOS

Durante o processo de análise de narrativas orais de Gurupá constatou-se que, apesar da existência de muitos registros relativos a tais relatos populares, uma pequena parcela de tais publicações é, efetivamente, resultado de estudos acadêmicos – fato este que corrobora a afirmação de Monteiro (2012), para quem:

O inventário das manifestações folclóricas, na Amazônia, está longe de se realizar de forma completa e acabada. O que se conhece é o registro esparso de eventos populares, com ocorrência em determinados locais da região, a maior parte deles coletados sem respaldo metodológico, o que inviabiliza qualquer preocupação de se poder aferir a intensidade desses fenômenos, no contexto da sociedade regional em que o mesmo foi registrado (MONTEIRO, 2012, p. 09).

Os estudos acadêmicos específicos sobre mitos amazônicos em Gurupá, desse modo, são proporcionalmente inversos à riqueza cultural da região, fato este que por si só, sugere margem a vários estudos futuros. Desse modo, tomando como base o material coletado durante as visitas à cidade, discutir-se-á a seguir como se deu a análise dos relatos selecionados e de que maneira os mesmos viriam a se encaixar dentro do gênero horror e, principalmente, da expressão “Horror de Encantarias” aqui proposta.

Antes de mais nada, convém retomar uma questão já levantada na Introdução deste estudo, a qual diz respeito à noção de *horror de encantarias* enquanto concepção pautada na constatação de que o horror também se manifesta para além da fisicalidade da visão, uma vez que pode ser ativado pela figuração mental. Ou seja: é a imaginação do ouvinte a grande responsável pelos efeitos fóbicos que a retórica por trás das narrativas orais tradicionais produz.

O filósofo Immanuel Kant foi um dos pensadores que tratou da questão da capacidade de imaginar, própria dos humanos. Kant lidou com o tema através de um conceito que ficou conhecido como *esquematismo*. A reflexão kantiana acerca do imaginar está atrelada à sua explicação sobre como se dá o conhecimento humano. Para ele, o Conhecimento é estruturado através da união entre a Razão e a Experiência. Isso porque precisamos ter uma *experiência* (visual, auditiva, gustativa, tátil, olfativa) dos objetos para poder conferirmos existência aos mesmos. Nesse sentido, logo após a *experiência* há um trabalho do nosso intelecto visando produzir Conhecimento acerca dos objetos. E é justamente esse processo que envolve experiência sensorial e produção de conhecimento que Kant nomeia de *esquematismo* (PIMENTA, 2011).

Dentro dessa perspectiva, o pensador entende que é através do esquematismo que a imaginação fornece não apenas a imagem de um objeto que não se encontra realmente na nossa frente e que, por isso, pode ser observado. Para ele, é principalmente através do esquematismo que a imaginação pode compor a partir de imagens que não precisam necessariamente se referir imediatamente a quaisquer objetos no mundo físico, sendo, assim, eles mesmos reproduzidos na imaginação (SEHNEM, 2009).

A noção de *horror de encantarias* aqui proposta, como se pode compreender, está associada ao fato de que, no caso dos monstros amazônicos aqui investigados, não precisamos ver seus retratos, nem mesmo gravações em vídeo de tais entidades para que seja garantido no processo o efeito horroroso desejado. Daí o capricho percebido nos relatos em relação à caracterização física dos seres descritos – sempre com requintes de detalhes que lhes aumentem a monstrosidade. Através do esquematismo aludido por Kant, o ouvinte das histórias de assombrações e de seres encantados da floresta “visualiza”, mentalmente, a imagem do monstruoso.

Monteiro (2012) classifica as narrativas que coletou em Belém do Pará dentro das seguintes categorias: (1) Visagens mitológico-assombradoras (os personagens

das histórias estão ligados aos mitos amazônicos e assombram ou agridem as pessoas) e (2) Visagens de encantados (os personagens são originários de um "reino encantado" (sendo que, neste caso particular, foram considerados apenas os chamados "encantados do fundo"). Em seu livro, o autor descreveu outras categorias para classificar os seres sobrenaturais que estudou; porém, na presente dissertação serão citadas apenas estas duas, pois apenas nestas estão inseridas as entidades das narrativas de Gurupá com a capacidade de "assombrar" ou "malinar" seres humanos.

Em nossa abordagem das narrativas de Gurupá, usamos a mesma classificação de Monteiro (2012), exceção seja feita apenas a uma, que intitulamos como "À meia-noite, os santos caminham"², uma vez que, nesta, o fator causador do horror seriam as próprias imagens de santos da igreja da comunidade.

Segundo esse relato, na Gurupá dos anos 1940, o jovem soldado Antônio fazia sua ronda noturna pelas da cidade quando, por volta da meia noite, deparou-se com duas figuras que se vestiam muito estranhamente para o padrão gurupaense da época (usavam capas ou mantos longos que se arrastavam até o chão). Ao interpelar os desconhecidos, ordenando que eles se identificassem, o soldado foi ignorado, sendo obrigado a atirar contra eles. Para seu assombro, nada lhes ocorreu e os dois continuaram tranquilamente o seu caminho seguindo em direção à igreja, onde entraram.

O soldado ainda tentou capturar os suspeitos cruzando o portão principal do humilde templo, mas não encontrou ninguém. No dia seguinte, o zelador da igreja descobriu que as duas imagens de santos que lá existiam encontravam-se com os pés sujos de terra, e uma delas ainda apresentava uma estranha e curiosa danificação que parecia um buraco de bala. Após o ocorrido, o soldado Antônio passou a se comportar como louco, repetindo sem parar que tinha visto os santos caminhando durante altas horas da noite e que, inclusive, sem dar-se conta do que fazia, havia baleado aquele que possuía seu mesmo nome.

Segundo os moradores da comunidade que foram entrevistados, mesmo que o protagonista da história tenha sido "assombrado" por suas aparições, os santos não seriam assombrações propriamente ditas e nem monstros, mas sim figuras sagradas da comunidade, altamente milagrosas. Segundo os mesmos, a causa do "assombro"

² Ver ANEXO.

sofrido pelo rapaz se deve ao fato de o mesmo não os ter respeitado, desferindo, inclusive, um tiro de pistola a um deles.

De acordo o senhor Alencar, idoso entrevistado que narrou o caso, a melhor conduta a ser tomada pelo soldado seria ter deixado as figuras santas em paz para caminharem pelo vilarejo sem serem interrompidas; porém, como o mesmo não procedeu desta maneira, tendo até disparado sua arma contra eles, ele foi castigado por forças divinas, além de sua compreensão humana. Talvez, neste ponto, o Horror de Encantarias se assemelhe ao Horror Cósmico, pois em ambos o horror foi conduzido por figuras divinas, mesmo que no Cosmicismo Lovecraftiano, estas figuras sejam representadas pela forma mais profana da divindade.

Há, obviamente, aí, na caracterização através da estranheza dos mantos dos santos e seu aspecto um tanto quanto “etéreo” às vistas do soldado um bom exemplo do horror de encantarias, posto que a caracterização de suas imagens (mesmo que não propriamente disformes) assumem o monstruoso pelo próprio estranhamento mágico que produzem. Ao término da narrativa, faz-se questão de ressaltar, também, num efeito claramente retórico, que aumenta o tom do mistério, o fato de os pés dos santos encontrarem-se enlameados e de a imagem de Santo Antônio apresentar um buraco de bala de revólver. Também é interessante notar o fato de o episódio em questão ser narrado como acontecido à meia noite e ser reforçado o fato de que o soldado, antes do caso, era homem corajoso e valente, sem medo de nada – o que pode indicar um aspecto moralizante da história: a necessidade de se respeitar o desconhecido e de se guardar o dia para os vivos e a noite para os espíritos.

O conjunto formado pelas narrativas intituladas “A Cobra Grande do Rio Marajoí”, “À luz do luar, um lobisomem lhe observa” e “A feiticeira de Gurupá”³ podem ser agrupadas na categoria de visagens mitológico-assombradoras. Isso se deve ao fato de as pessoas que as protagonizam terem sido assombradas após depararem-se com seres típicos da mitologia amazônica, ou seja, a Cobra Grande, o Lobisomem e uma mulher “vira-porco”. As consequências desses encontros corroboram os momentos de horror vividos por seus protagonistas, os quais foram acometidos por febre altíssima, conduzidos quase à loucura por remorso e levados ao suicídio, respectivamente. Estas narrativas atestam a capacidade das criaturas folclóricas da Amazônia de gerar horror e terríveis consequências às pessoas da região.

³ Ver ANEXO.

Em “A Cobra Grande do Rio Marajoí” há o relato do senhor Manoel, o qual, ao lado de sua esposa Isabel, participou de uma experiência aterrorizante com a Cobra Grande. O próprio senhor Manoel e a esposa, portanto, contaram à equipe de pesquisadores que, certa vez, em companhia dos filhos, seguiam pelo Rio Amazonas numa pequena canoa até alcançarem um braço de rio, por onde seguiriam por mais algumas centenas de metros.

O trecho de rio por onde remavam era estreito e as árvores ao redor lhes impediam a visão do céu acima formando uma espécie de túnel. A noite anterior havia sido bastante chuvosa, o que fez com que muitos galhos despençassem das copas das árvores diretamente no rio, dificultando consideravelmente a passagem. A viagem tornou-se mais lenta, pois quando se deparavam com um obstáculo à frente, era necessário que parassem de remar, enquanto o filho mais velho, João, que estava à “proa”, tentava remover o que quer que estivesse à frente.

Em determinado momento do caminho, dona Isabel teve um mau pressentimento e pediu para que retornassem, o que foi negado pelo marido. Enquanto isso, o filho João concentrava-se no caminho à sua frente. Alguns minutos antes vira ao longe um estranho brilho na água que, a princípio, julgara ser alguma réstia de sol que passara por entre as folhas das árvores acima e que agora se refletia nas águas do rio adiante. Pouco mais de alguns metros além do estranho brilho, havia um grande tronco de árvore caído na água que com certeza haveria de lhes atrasar ainda mais a viagem.

Quando a embarcação se aproximou mais do brilho na água que João observara, o mesmo percebeu que não se tratava da luz do sol sendo refletida na água, mas sim de um crucifixo dourado, repousado em cima de uma grande pedra submersa. Quando João olhou mais cuidadosamente, porém, percebeu que a “pedra” com o crucifixo em cima possuía dois olhos enormes que o observavam fixamente. Ele, tomado de terror, observou que a cruz em questão repousava sobre a “testa” daquilo que parecia ser uma gigantesca sucuri, e aquele “tronco” que observaram anteriormente nada mais era do que parte de seu corpo emergindo do rio adiante deles.

Todos tentavam remar o mais rápido possível, para se afastar do apavorante animal. Ao alcançarem novamente o Rio Amazonas, ambos os filhos do idoso casal foram acometidos por tonturas, calafrios e sentiram suas forças esvaírem-se ao tentar remar. Passados alguns minutos, já estavam acometidos por uma forte febre. Seu

Manoel e a esposa tiveram de assumir os remos sozinhos, o que tornou a viagem mais lenta e cansativa. Por sorte, um conhecido da família encontrou-os no rio enquanto também voltava a Gurupá, e lhes ofereceu carona em seu barco a motor.

Assim, com sua família embarcada e sua canoa firmemente amarrada à lateral do barco, eles retornaram para casa. Segundo seu Manoel, a febre dos filhos perdurou por vários dias, e ambos tinham terríveis alucinações e pesadelos com cobras que tentavam invadir sua casa para pegá-los. Somente depois de muitas orações, ambos ficaram curados, mas mesmo assim, passou-se muito tempo até que os dois tivessem coragem para navegar nos rios ao redor de Gurupá, principalmente aquele onde tiveram tão assombrosa experiência, o misterioso Rio Marajoí.

Na Amazônia, em geral, a Cobra Grande, ou Boiúna, também chamada de Mãe do Rio em determinadas regiões, diz respeito a um mito fortemente ligado a um fator natural, qual seja, a existência de répteis, como a sucuri, que podem atingir muitos metros de comprimento. Muito provavelmente, o fato de uma cobra como a sucuri ser capaz de engolir um animal de grande porte e, até mesmo, um ser humano, sugere uma série de temores em relação a um possível animal de proporções monstruosas, bem maior do que as maiores anacondas já encontradas, que intimida aqueles que ousam adentrar em seus domínios.

A Cobra Grande, portanto, ultrapassa os limites de se confundir com um mero exemplar enorme de serpentes fixando-se na categoria de ente mágico. Daí o fato de seus olhos serem brilhantes qual facho de luz e, em grande parte dos relatos, sua presença estar associada a mau-agouros ou premonições. Na narrativa de seu Manoel e dona Isabel há ainda o detalhe do sinal da cruz que existe no meio da cabeça da Cobra Grande, fator visual este que associa a sua imagem forte elemento cristão-católico que, provavelmente, já seja efeito de sincretismos mais recentes.

As proporções gigantescas associadas à figura da Cobra Grande, na narrativa, misturam o seu corpo a imagens como “tronco” ou “pedra”. E as próprias dimensões físicas avantajadas do monstruoso, nesse caso, dão vazão ao horror de encantaria, de modo a horrorizar o ouvinte num misto de medo pela fisicalidade do animal e pelo mistério metafísico que encerra o seu corpo.

A narrativa “À luz do luar, um lobisomem lhe observa” traz o relato do senhor Adelino, que conta o ocorrido a um conhecido seu, o senhor Raimundo, nos idos dos anos 1960, tendo também com personagem um notório bêbado da cidade conhecido pelo apelido de “Mãozinha”. A narrativa conta que, numa semana em que trabalhava

cortando toras de madeira para um serviço de marcenaria, Raimundo, que sempre voltava para casa portando um machado (seu instrumento de trabalho), percebeu que estava sendo observado por um ser monstruoso que se escondia entre as folhagens.

Apavorado, Raimundo viu surgir na sua frente um enorme porco do qual vários gurupaenses já havia falavam. Além de seu extraordinário tamanho, sua pelagem era bastante desgrenhada e suja, seus olhos faiscavam e suas presas eram enormes e terrivelmente afiadas. Ao ser atacado pelo animal, Raimundo percebeu que os olhos do suíno, assim como seus grunhidos, rosnados e guinchos pareciam terrivelmente humanos. Seja como for, conseguiu golpeá-lo às costas durante o segundo ataque. O animal emitiu um grito precisamente humano e retornou correndo ao matagal de onde surgira.

Na manhã seguinte, o próprio senhor Adelino lhe batera à porta para contar a surpreendente novidade: que o bêbado Mãozinha havia sido encontrado em um matagal próximo, seriamente machucado às costas pelo que parecia ser um golpe de machado. Mãozinha havia sido encaminhado à sede do SESP, o posto de saúde da comunidade. Porém, como naquele local eles dispunham de poucos recursos para tratar de um enfermo naquela situação, o mesmo teve de ser encaminhado de avião para a capital para que, assim, pudesse receber o tratamento adequado. Mesmo assim, em Belém, Mãozinha veio a falecer e, como não possuía família, foi enterrado como indigente. Quanto a Raimundo, depois deste episódio, nunca mais foi o mesmo. Viveu o restante de seus dias perturbado e assombrado com o que havia feito em uma mistura de remorso e horror, pois agora, recordando-se do terrível grito do animal ao ser golpeado, ele reconhecia a voz do bêbado Mãozinha.

Neste caso o aspecto monstruoso do suíno em questão descarta as possíveis dúvidas que possam haver a respeito da procedência sobrenatural do mesmo. Geralmente em tais narrativas, inclusive nas documentadas por Monteiro (2012), os moradores dos vilarejos tendem a acreditar que o porco, trata-se de um animal de criação que tenha se desgarrado de algum sítio ou algo do gênero. Porém, ao depararem-se com o monstro, estas possibilidades são imediatamente descartadas. O aspecto físico deste ser é indubitavelmente sobrenatural e, segundo suas testemunhas, horrível. Seu grande porte, suas enormes e afiadas presas, seus pelos desgrenhados e seus olhos faiscantes são características principais dos relatos narrados por aqueles que afirmam tê-lo visto.

Em muitos casos narrados, este lobisomem suíno pode grunhir e rosnar com a voz semelhante à de sua forma humana atestando sua origem parte homem, parte animal. No interior da Amazônia, onde grande parte de seus habitantes são de natureza religiosa e supersticiosa, esta figura suína adotada pelo lobisomem pode nos remeter a um elemento cristão-católico proveniente do sincretismo cultural e religioso, pois segundo a Bíblia Sagrada, o porco seria um animal impuro. Desta forma, ao assumir a forma de um suíno, o homem se tornaria impuro aos olhos de Deus, seria então um ser profano. Sendo assim, esta criatura envolta por tal sina herege, somada à imagem monstruosa seria um veículo para o horror de encantarias, horrorizando assim o homem amazônico.

O relato intitulado “A feiticeira de Gurupá” conta uma história bastante trágica envolvendo Quitéria, uma costureira da cidade que era muito famosa por seu péssimo costume de importar-se demasiadamente com a vida alheia.

Quitéria vivia com seus pais e tinha como única amiga a jovem Augustina. Como nunca se casara, ainda residia na casa de seus pais, cuja idade avançada já não permitia que exercessem tarefas que contribuíssem para o sustento do lar; logo, esta obrigação ficava ao encargo da costureira, e de seu irmão, casado e pai de família, que morava a poucas casas de distância. Consequentemente, afora as atividades como tecelã, Quitéria ocupava-se em narrar à sua amiga Augustina, quando esta vinha lhe visitar em casa, todas as novidades que descobria a respeito dos vizinhos e conhecidos do entorno, geralmente distorcendo fatos e tecendo comentários maldosos. Augustina não aprovava este costume da amiga, e a mãe de Quitéria lhe repreendia constantemente, porém ela não lhes dava ouvidos.

Quitéria possuía muitos desafetos em Gurupá. Um deles era a “feiticeira” que morava na última casa da rua, próximo à mata. Na realidade tratava-se de uma mulher “desquitada”, como se falava em Gurupá, antes do termo “divórcio” ganhar popularidade. Seu marido a abandonara para ir viver com outra família, pois, aparentemente, ela não seria capaz de gerar filhos (sendo esta a razão da separação). A partir de então, passou a viver sozinha em uma pequena casa de taipa nos limites da cidade. Esse acontecimento tornou a desafortunada mulher em alvo das fofocas e boatos da população, especialmente falando, de Dona Quitéria.

Um dia, Quitéria presenciou um fenômeno estranho, pois foi assombrada por uma porca de olhos vermelhos e seus filhotes. Automaticamente, associou à

assombração suína a tal feiticeira da cidade, fato este que fez com que todos dali passassem a tratar mal a mulher que, num dia de desespero, cometeu suicídio.

Ocorre que, tempos depois, a porca e seus filhotes assombrados foram novamente vistos na cidade. Fato este que fez com que se organizassem milícias que se dispuseram a caçar tais assombrações. Numa noite, Gurupá inteira havia despertado no meio da noite com os gritos de vários homens que diziam “Pega! Pega!”, e também “Mata! Mata! ”. Por fim, depois de muita perseguição por matagais e pelas ruas adjacentes, ao chegar aos limites da cidade, os sete leitões e sua mãe desapareceram mata adentro sem deixar rastros, porém pouco antes disso alguém conseguiu golpear a porca no pescoço com um facão bastante afiado. Os que estiveram presentes na ocasião afirmaram que ao ser golpeado, o animal emitiu um terrível grito quase humano que arrepiou e causou tremores em todos os que lá estavam. Após terem ferido o misterioso ser, todos se dispersaram, prometendo voltar no dia seguinte para procurar o cadáver do animal com a ajuda da luz do sol.

Ao saber do ocorrido, no dia seguinte, Quitéria dirigiu-se até a casa de sua amiga Augustina para comentar sobre os fatos ocorridos na noite anterior. Ao chegar na casa da amiga, Quitéria percebeu imediatamente que algo não estava bem, pois o portão já estava aberto quando ela chegou e o terreno estava cheio de rastros de sangue que levavam até dentro da casa, cuja porta também estava aberta. Temendo o pior, ela entrou correndo na pequena residência e seguiu a trilha vermelha no chão, que a levou até o quarto de Augustina. Lá dentro a cena era terrível: o quarto estava coberto de sangue no assoalho e paredes, os poucos móveis estavam quebrados, reduzidos a uma pilha disforme de madeira e sobre a cama, nua e ensanguentada, encontrava-se Augustina, mortalmente ferida no pescoço. Seu cadáver tinha os olhos abertos como se olhasse diretamente para Quitéria.

Depois daquele fatídico dia, a costureira nunca mais foi a mesma. Não saía mais de casa, não falava mais com ninguém e pelo pouco tempo que viveu depois disto, nunca mais olhou nenhuma pessoa cara a cara, pois sempre se recordava dos olhos faiscantes dos suínos que vieram lhe assombrar e também dos olhos do cadáver de Augustina, focados acusadoramente sobre ela quando adentrou seu quarto. Tampouco dormia, pois, a noite toda ouvia abaixo do seu assoalho os guinchos estridentes dos sete leitões espectrais à procura da mãe, fuçando e grunhindo pelo terreno de sua casa. Dias depois, sem mais conseguir viver nesta situação, Quitéria

seguiu o mesmo destino da mulher injustamente acusada de feitiçaria, e enforcou-se em seu próprio quarto, sendo encontrada pelos pais no dia seguinte.

Neste caso, apesar de a figura fomentadora do horror estar representada por uma mulher que se transforma em suíno ao invés de um homem, os mesmos aspectos e motivos causadores do horror de encantarias da narrativa anterior podem se aplicar nesta, pois as características monstruosas e sobrenaturais do feroz animal também se evidenciam nesta narrativa. Um animal de grandes proporções, com olhos brilhantes e inconfundivelmente, como diz o informante, “de outro mundo”, agindo como um veículo transmissor do horror devido à estas características físicas monstruosas apavorando não só as suas vítimas, como também os ouvintes de tais narrativas.

Por sua vez, o último relato (“Sua irmã falecida lhe chama”⁴) enquadra-se na categoria denominada por Walcyr Monteiro (2012) como “Visagens de encantados”, pelo fato de a mesma se tratar de uma narrativa que envolve o contato do ser humano com os Caruanís, ou “companheiros do fundo”, habitantes de uma espécie de reino encantado submerso nas águas da Amazônia. A história nos relata os acontecimentos que se sucederam após a “morte” da irmã da informante que contribuiu para esta pesquisa, a qual teria permanecido “encantada” no fundo do Rio Amazonas, e as consequências provenientes das tentativas dessa moça encantada de entrar em contato com sua irmã.

Apesar do fato de a moça encantada não desejar o mal à sua família de Gurupá, e também do fato de os mesmos não a terem provocado ou desrespeitado em momento algum, a sua insistência em estabelecer contato com a família gerou momentos de horror aos mesmos e os levou a momentos próximos à loucura, pelo fato de a protagonista, ao ouvir o chamado de sua irmã encantada vindo do rio, tentou em seguida se jogar nas águas. Uma ocorrência similar, acontecida em Gurupá, foi descrita por Eduardo Galvão em *Santos e Visagens* (1955):

Há ocasiões em que sentindo-se atraídas pelos bôtos ou pelos *companheiros do fundo* as mulheres “correm para a água”. Fomos testemunhas de uma dessas ocorrências em Itá. Uma jovem da segunda rua estava em casa quando sofreu um desses acessos. Jogou-se ao chão rolando e gemendo. Levantando-se, correu para a rua arrancando o vestido. Agarraram-na, mas resistiu como possessa. Dominada caiu em convulsões pedindo que a deixassem ir para o rio.

⁴ Ver ANEXO.

Finalmente acalmou-se. Dizem que nesses acessos a mulher ignora o que está fazendo (GALVÃO, 1955, p. 96).

Assim como a protagonista deste conto, que no presente estudo foi chamada de “Bernardete”, uma de suas irmãs, que aqui foi chamada pelo nome “Graça” também sofreu momentos de horror devido ao contato com a “linha da encantaria”. Ao encontrar-se sozinha com o sobrinho na casa da irmã, Graça ouviu alguém lhe chamar pelo nome na floresta aos fundos da casa. Ao atender ao chamado, deparou-se com um espectro muito semelhante aos descritos por indígenas ao antropólogo Charles Wagley em seus estudos sobre Xamanismo Tapirapé:

Uma multidão de espíritos pousa o mundo sobrenatural dos Tapirapé. Esses espíritos, conhecidos pelo termo genérico de ancúnga, são de dois tipos gerais: espíritos, ancúnga iúnwera, as almas descorporificadas dos mortos; e seres malignos de muitas classes e naturezas. Os espíritos habitam os locais de aldeias abandonadas, onde revivem suas vidas terrenas. Frequentemente, porém, vagueiam à noite e especialmente durante a estação chuvosa, aproximam-se da aldeia dos vivos porque 'estão com frio' e acercam-se das habitações humanas para se aquecerem. Em razão disto, as pessoas têm medo de aventurar-se à noite, além da praça da aldeia. De vez em quando os espíritos aparecem às pessoas vivas, assustando-as, algumas vezes atirando sobre elas uma substância semelhante a poeira, e fazendo-as cair desmaiadas. Durante minha estada, várias pessoas passaram pelo susto de ter visto um espírito. Uma mulher avistou um, "banhando-se no córrego", quando, já noite, ali fora beber água. Disse ela que o espírito aproximou-se e bateu-lhe. Andando pela roça pouco após o cair da noite, um homem viu o espírito de uma pessoa conhecida, morta há alguns anos. "Era branco e sem olhos. Tinha alguma carne, e o cabelo estava pintado com urucu". Ainda outro homem encontrou um espírito que "era branco com grandes buracos em vez de olhos". Espíritos de indivíduos que morreram há muitos anos "não teem carne; teem somente ossos". Os espíritos que aparecem aos vivos seguem o padrão da desintegração gradual do corpo" (WAGLEY, 1943, p. 8-9).

Tal qual no relato descrito por Wagley, o espírito encontrado por Graça também era branco e descarnado, com as órbitas oculares vazias e, apesar de não ter lhe atirado poeira sobre o corpo, o fenômeno também lhe causou um desmaio. Segundo os informantes, estes fenômenos apenas terminaram depois de uma mãe de santo fazer fortes orações dentro de sua residência, porém, enquanto isto não aconteceu, todos sofreram com os assombros das encantarias.

Na área da Amazônia brasileira, especificamente falando nas regiões interioranas do Pará, muito se conhece a respeito de pessoas e lugares encantados: as temidas e respeitadas encantarias. Tratam-se de certos pontos da mata ou dos rios cobertos de misteriosas propriedades mágicas, de onde aqueles que ousam ir, jamais retornam. Os seres encantados que habitam tais lugares, chamados de “gente do fundo” ou simplesmente de “encantados”, são semelhantes aos humanos em todos os seus aspectos físicos, mas também podem manifestar-se sob a forma de diversos animais, como, principalmente, a cobra. Tais seres habitam espécies de reinos e cidades submersas que em muitos aspectos se assemelham às cidades “do mundo de cima”, mas que reluzem como o ouro e que jamais podem ser encontradas pelos humanos, a não ser que estes recebam a ajuda dos próprios “habitantes do fundo”.

Muitos seres encantados, também conhecidos pelos pajés como Caruanis, já nasceram nessa mística condição, sendo que, pela sabedoria popular, é também possível uma pessoa comum tornar-se encantada. Segundo a crença, estas seriam pessoas já desencarnadas que estariam em um processo de penitência ante faltas cometidas em vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que tudo indica, caso prestemos atenção ao mito grego, os homens antigos estabeleceram uma íntima relação entre a noção da monstruosidade e os fenômenos naturais que os circundavam. Do medo inicial ante tais imagens, transformadas em monstros, pode ter vindo uma subsequente deificação das mesmas.

Acima de todas as instâncias, a natureza será a principal intermediadora deste diálogo entre o ser humano e o monstruoso. Devido a isso, lugares relacionados à natureza e que ao mesmo tempo pudessem oferecer riscos e ameaças a qualquer indivíduo, como as florestas, as águas e as montanhas eram tidos como sagrados e *loci* do monstruoso, pois representam fronteiras em relação ao *habitat* do homem como os vilarejos, as pequenas cidades onde os humanos habitavam. O monstro, aliás, sempre estará ligado a questões de fronteiras. Uma de suas principais funções é ser um guardião de um determinado lugar sagrado, proibido ou esquecido, ou seja, o monstro colocar-se-á no lugar de quem guarda algo: um conhecimento, magia ou artefato que poderá trazer benefícios ou malefícios para quem adentra ou viola a sacralidade de seus domínios.

É pertinente ressaltar também que essas fronteiras ligadas ao monstro não se referem apenas aos limites de domínios entre humanos e monstruosidades, mas também se manifestam e se referem ao próprio corpo físico dos monstros daquele período. Isso pode ser constatado ao se observar as divindades monstruosas outrora veneradas pelo ser humano, onde há a predominância de seres e criaturas híbridas.

Ainda sobre o *locus* do monstro, podemos afirmar que de mistérios, incógnitas e segredos ocultos é feita a Amazônia, sendo assim um terreno fértil para o monstruoso. Seu povo, adaptado ao místico *habitat*, aprende desde tenra idade a conviver com certas restrições e precauções ensinadas pelos mais velhos a fim de resguardar os mais novos dos perigos a que os mesmos podem se expor se determinadas regras não forem cumpridas, como por exemplo: não perambular por matas, igarapés, furos, olhos d'água e outros acidentes geográficos nos horários considerados "visagentos" (ou seja, às seis horas da manhã e do fim da tarde e os horários de meio-dia e meia-noite); se necessário for, ao adentrar esses domínios, deve-se antes pedir licença ao seu "dono" para evitar futuras represálias por parte de seres encantados ou mães d'água. Assim é o cotidiano do ribeirinho na região, pois

para eles a Amazônia é repleta de perigos (tanto naturais como também sobrenaturais).

Muitas são as entidades monstruosas que assombram comunidades amazônicas, surgindo e desaparecendo conforme a evolução das mesmas; porém, na pequena cidade de Gurupá, apesar de todo o avanço tecnológico conquistado ao passar das décadas, o monstro sempre é uma constante. Na maioria das vezes, o mesmo assume uma forma humana, comum em todos os seus aspectos físicos, porém revelando sua faceta oculta quando a oportunidade é surgida.

Gurupá sempre conviveu com a presença do monstruoso, desde a sua fundação. O monstro, de fato, parece estar sempre presente nas narrativas ligadas à fundação de uma comunidade, presença esta que diminui à medida que a modernidade vai transformando a cidade e sua população. Muitas vezes, essa figura monstruosa pode se transformar junto com a comunidade, assumindo novas formas, ou até mesmo pode ser esquecida, sendo substituída por outras, mas o monstruoso propriamente dito sempre estará presente na mesma, pois o monstro nunca morre e sempre retornará para se fazer presente em nosso convívio. Como afirma a segunda tese de Jeffrey Jerome Cohen (2000), o monstro sempre escapa. O monstro é imortal.

Muito há a se discutir, em Gurupá, a respeito das figuras humanas com a herege capacidade de se metamorfosear em animais. Muitos moradores entrevistados já compartilharam, pelo menos uma vez, histórias dessa natureza misteriosa durante os fins de tarde reunidos com vizinhos à porta de casa. Uma pequena parcela da comunidade, inclusive, evita verbalizar este tipo de tema em diálogos pois indivíduos com tal habilidade decerto têm “parte com o coisa-ruim”. A população mais jovem da comunidade gurupaense afirma não acreditar em tais afirmações; porém, prefere não arriscar encontrar com tais criaturas, como foi dito pela moradora Ana Maria: “o seguro morreu de velho e o desconfiado está vivo até hoje”.

Uma destas manifestações mais populares está representada sob a figura suína do lobisomem amazônico. Gurupá está permeada de narrativas a respeito de homens que, em seu solo, assumiram a forma de porcos. O primeiro registro deste fenômeno encontra-se na obra *Santos e Visagens* (1955) do antropólogo brasileiro Eduardo Galvão, que descreve o caso de Frederico, habitante da região que teria se transformado em um suíno monstruoso no primeiro quartel do século XX. Deste então, é possível traçarmos uma linha acerca da história de Gurupá com relação às pessoas

que apresentaram este infortúnio de natureza maldita como Frederico, Mãozinha e muitos outros que os sucederam.

Porém, engana-se quem julga que em Gurupá tais fenômenos só são atribuídos a indivíduos do sexo masculino, pois nesse lugar também há em grande número relatos a respeito da entidade conhecida como Matinta Perera. Tais contos permeiam o imaginário local cultivando há décadas o pavor por essa criatura capaz de se transformar em pássaros agourentos e porcas “visagentas”. Considerando-se que ambos, homem e mulher, podem transformar-se em porcos, a diferenciação das criaturas dá-se pelo sexo: caso a figura se apresente como um porco macho, o mesmo trata-se de um lobisomem; caso contrário, muito possivelmente seja uma Matinta Perera, a qual também pode transformar-se em outros animais à sua vontade. O motivo do advérbio de dúvida “possivelmente” ter sido empregado anteriormente deve-se ao fato de que em Gurupá há um caso específico onde a mulher em questão não se tratava de uma Matinta Perera, pois esta metamorfoseava-se exclusivamente em porca. Neste caso específico, a mulher tratava-se de uma feiticeira.

É relevante observar nestas figurações o quanto a imagem do porco é relacionada ao oposto da pureza divina. Isto pode ser notado desde o *Levítico* onde o povo de Israel é proibido de se alimentar de sua carne, a qual era tida como impura; de fato, até os tempos atuais o seu nome é relacionado à sujeira. Supõe-se que por se tratar de um animal cujos hábitos incluem rastejar junto ao solo, na lama, ele simbolize a impureza dos instintos humanos. Insultar uma mulher com o nome de tais bichos é atribuir-lhe pouco valor moral (CORSO, 2004) e, considerando uma comunidade como a Gurupá do século XX, cuja moralidade católica de herança europeia ainda se fazia religiosamente presente, quaisquer hábitos que divergissem deste prisma haveriam de ser vistos com severa reprovação.

Com base nos estudos realizados na comunidade, em consonância com os materiais obtidos durante as pesquisas, percebe-se que o monstro ainda se faz bastante presente no imaginário gurupaense, assim como o seu papel de agente fóbico para com aquela população. Ao observarmos as obras de pesquisadores que conduziram seus estudos neste município durante o século XX, como Charles Wagley (1957) e Eduardo Galvão (1955), podemos constatar algumas transformações sofridas pelos monstros durante o decorrer das décadas até o período atual. Devido ao avanço tecnológico sofrido na região, em muitos casos o “homem que vira porco”

cedeu seu lugar ao “homem que vira lobo”, e os cidadãos mais jovens encontram-se divulgando histórias sobre vampiros e zumbis vistas em filmes ou internet.

Porém, mesmo com estas transformações, os tradicionais monstros amazônicos ainda permeiam a região e sempre manterão seu espaço fixo não apenas em Gurupá, mas também em todas as outras comunidades amazônicas e brasileiras em geral que, assim como em Gurupá, ainda mantêm suas histórias orais vivas de geração para geração, pois, como já dito neste estudo, a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, de modo que as narrativas sobre o monstro e seus horrores sempre encontrarão uma forma de subsistir.

Foi a partir da presença do monstruoso em tais narrativas coletadas na região de Gurupá que chegamos ao conceito de *horror de encantarias*. Com efeito, ao analisarmos a imagem do monstro (*aquilo que se mostra*) descobrimos que a caracterização de todas as entidades descritas nas histórias narradas pelos entrevistados trabalhava bastante a dimensão do *Horror* (pensado aqui em contraposição à noção também clássica de *Terror*).

A manifestação do horror nas narrativas orais tradicionais se dá para além da fisicalidade da visão, já que é principalmente na imaginação do ouvinte que se processam figurações mentais que tentam representar as monstruosidades físicas que lhes são narradas. É, portanto, nesse processo imaginativo, aqui aludido com base no conceito de esquematismo de Immanuel Kant, que se dá o horror de encantarias.

É como se a imagem construída na mente dos ouvintes tivesse o poder de mexer com seus medos mais primitivos. E o medo da população com relação a tais seres, mesmo que nunca os tenham visto, legitima tais criaturas enquanto agentes fóbicos em Gurupá.

Ao propormos a análise de tais relatos aqui expostos buscamos, obviamente, uma forma de difundir e, assim, também proteger certo legado cultural referente às narrativas orais do povo amazônico, como um todo. Dentro dessa perspectiva, analisar os relatos de moradores de Gurupá acerca de visagens, monstros e malinações lançando mão de dimensões acadêmicas incomuns ao tema, como o Fantástico e o Horror, também conferiu ao trabalho um caráter de incentivo a novas abordagens acerca de narrativas orais no âmbito da Amazônia.

A temática do horror de encantarias se coloca, portanto, como um dispositivo que visa atualizar as discussões no campo das narrativas orais; trata-se de uma forma

de resgate da tradição cultural de um espaço e também de perpetuação de seus encantos para outros públicos.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada*. Ed. Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

ÁLVARES, Maria Cristina; CURADO, Ana Lúcia; SOUSA, Sérgio Paulo (Orgs.). *O Imaginário das Viagens – Literatura, Cinema, Banda desenhada*. Braga: Edições Húmus, 2013.

BELLEI, Sergio Luiz Prado. *Definindo o monstruoso: forma e função histórica*. In: BELLEI, Sergio Luiz Prado. *Monstros, índios e canibais: ensaios de crítica literária e cultural*. Florianópolis: Editora Insular, 2000. p. 11-22.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. São Paulo: Editora Global, 2002.

COHEN, Jeffrey Jerome. “A cultura dos monstros: sete teses”. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 23-60.

CORSO, Mário. *Monstruário: inventário de entidades imaginárias e de mitos brasileiros*. 2. ed. Porto alegre: Tomo Editorial, 2004.

COSTA, Palmira Fontes da. Livros sobre monstros e prodígios. In: CARDOSO, Adelino; OLIVEIRA, António Brás de; MARQUES, Manuel Silvério (Orgs.). *Arte médica e imagem do corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2010.

DEL PRIORE, Mary. *Os esquecidos de Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DISIUTA, Priscila. Quando o vilão vestiu a purpurina. In: FERRAZ, Salma; LOYOLLA, Dirlenvalder; MARTINS, Patrícia Leonor; CANÊDO, Cátia (Orgs.) *Sobre o Vampirismo – De Drácula a Crepúsculo: a saga do vampiro na cultura ocidental*. São Paulo: Todas as Musas, 2017.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 2012 (Debates; 120)

ECO, Umberto. *História da feiura*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FONSECA, Luis Adão. O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16. *Estudos avançados*, vol.6 no.16 São Paulo Sept./Dec. 1992

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GÂNDAVO, P. M. *Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

GARRIDO, E. P; GOMES, E. F. Contos populares: tradição oral no município de Gurupá. *Colóquio de Letras da UFPA*, 2015. Disponível em: <http://coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/ii-coloquio/anais/120-elias-penagarrido.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2018.

KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror: an essay of abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LIMA, José Adil Blanco. Mitos, Monstros e Monstrenços. Contemporâneos: *Revista de Artes e Humanidades*, nº 11. 2012.

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MANDEVILLE, Jean de. *Viagens de Jean de Mandeville*. Tradução, introdução e notas de Susani Silveira Lemos França. Bauru: EDUSC, 2007.

MATTOS, Débora Michels, FORNAZARI, Sandro Kobol. A lepra no Brasil: representações e práticas de poder. *Diário de Tarde*, Florianópolis, n. 413, p. 45-57, 1º semestre de 2005. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp6/mattosefornazari.pdf>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

MONTEIRO, Walcyr. *Visagens e assombrações de Belém*. 6. ed. Belém: Cromos Editora, 2012.

MOURA, R. M. S; PEREIRA, E. M. *Narrativas orais de Gurupá: comunidade quilombola Gurupá-Mirim*. Colóquio de Letras da UFPA, 2015. Disponível em: <http://coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/ii-coloquio/anais/395-rose-mary.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2018.

PACE, Richard. *The struggle for Amazon Town: Gurupá revisited*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, Inc, 1998.

PELEN, Jean-Noël. *A Dinâmica Discursiva da Literatura Oral: Reflexões Sobre a Noção de Etnotexto*. 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10730/7962>. Acesso em: 15/09/2017.

PIMENTA, Olavo Calábria. *A imaginação de Kant e os dois objetos para nós: e ainda, a propósito da doutrina do Esquematismo e das duas Deduções das categorias*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. (Tese de Doutorado)

SADY, Vanessa de Souza; LOYOLLA, Dirlenvalder. *Vampiros e Lobisomens: a série Crepúsculo, de Stephenie Meyer, como veículo de renovação de mitos literários e cinematográficos*. In: FERRAZ, Salma; LOYOLLA, Dirlenvalder; MARTINS, Patrícia Leonor; CANÊDO, Cátia (Orgs.) *Sobre o Vampirismo – De Drácula a Crepúsculo: a saga do vampiro na cultura ocidental*. São Paulo: Todas as Musas, 2017.

SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus (contra os pagãos)*. Petrópolis: Vozes, 1990.

SEHNEM, Claudio. *A imaginação na Crítica da Razão Pura*. São Paulo: USP, 2009. (Dissertação de Mestrado)

SHAKESPEARE, William. *Otelo*. e-Books Brasil. 2000. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/otelo.pdf>. Acesso em: 13 de setembro de 2019.

SILVA, Alexander Meireles da; COLUCCI, Luciana (Orgs.). *Manifestações do monstruoso: a subversão das fronteiras de gêneros literários*. 1. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

_____. *Como criar monstros*. *Fantasticursos*, 2019. Disponível em: <http://fantasticursos.com/o-que-o-monstro-mostra/>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

_____. *E a palavra é... WEIRD FICTION*. *Fantasticursos*, 2018. Disponível em: <http://fantasticursos.com/o-que-e-weird-fiction/>. Acesso em: 23 de outubro de 2019

_____. *Os mortos-vivos existem: A lepra na literatura gótica*. *Fantasticursos*, 2017. Disponível em: <http://fantasticursos.com/mortos-vivos-existem-lepra-gotica/>. Acesso em: 26 de outubro de 2019

_____. *Os mortos-vivos existem! O medo dos morféticos na literatura fantástica. IV Encontro Nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional*. 2013. Disponível em: <https://sobreomiedo.files.wordpress.com/2015/10/26102015.pdf>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

SOUZA, Wanessa de. *O imaginário europeu, as visões sobre o “Novo Mundo” e suas gentes*. 2007. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/oimaginarioeuropeua/svisoessobreonovomundoesuaagentes.pdf>. Acesso em: 01/11/2020.

VASCONCELOS, Yuri (Ed.). *A origem das histórias de terror*. São Paulo: Abril, 2014. (“Coleção mundo estranho”)

WAGLEY, Charles. *Amazon Town: a study of human life in the tropics*. Anniversary edition. New York: Oxford University Press, 2014.

_____. *Xamanismo Tapirapé*, Boletim do Museu Nacional -- Antropologia. Rio de Janeiro, 1943.

ANEXOS

REGISTROS FOTOGRÁFICOS REALIZADOS DURANTE A PESQUISA ENTRE 2012 E 2015.

I – Bolsista André Vítor Silva Lima entrevista um morador de Gurupá – PA (2012).



Fonte: John Bennett Soileau III, 2015.

II – Um dos moradores entrevistados ao longo da pesquisa – PA (2012).



Fonte: John Bennett Soileau III, 2015.

III – Uma moradora também entrevistada ao longo da pesquisa.



Fonte: John Bennett Soileau III, 2015.

IV – Vila do Carrazedo 1.



Fonte: John Bennett Soileau III, 2015.

IV – Vila do Carrazedo 2.



Fonte: John Bennett Soileau III, 2015.

IV – Vila do Carrazedo 3.



Fonte: John Bennett Soileau III, 2015.

RELATOS DE MORADORES DE GURUPÁ ENTREVISTADOS ENTRE 2012 E 2015.

Encontra-se, a seguir, parte dos registros transcritos das entrevistas realizadas com os moradores de Gurupá e regiões circunvizinhas entre os anos de 2012 e 2015. Visando efeitos didáticos, os relatos foram aqui nomeados da seguinte maneira: “À MEIA-NOITE, OS SANTOS CAMINHAM”, “A COBRA GRANDE DO RIO MARAJOÍ”, “À LUZ DO LUAR, UM LOBISOMEM LHE OBSERVA”, “A FEITICEIRA DE GURUPÁ” e “SUA IRMÃ FALECIDA LHE CHAMA”.

Considerando-se o exposto acima, os relatos a seguir correspondem ao conto “À MEIA-NOITE, OS SANTOS CAMINHAM”, o qual foi baseado nesta conhecida narrativa oral de Gurupá:

“Essa é uma história muito conhecida daqui de Gurupá. Há muito tempo, lá pelos anos 40, tinha aqui um soldado de polícia que ficava rodando pra cima e pra baixo, vigiando a cidade de noite. Então, teve uma noite que ele tava passando pela primeira rua e reparou de longe dois homens com roupa parecida de padre, andando juntos na direção da igreja. Ele então achou estranha, né? aquela arrumação... dois homens que ele não conhecia indo tarde da noite pra igreja? E olha que ele conhecia todo mundo na cidade, se dava com todo mundo. Então, ele gritou pra eles pararem, né? pra ver o que eles queriam, o que era aqueles dois cidadãos. Só que eles não pararam, não. Só continuaram andando; aí, ele pensando que eles eram ladrão, atirou na direção deles. Aí só no outro dia o rapaz que cuidava da limpeza da igreja foi ver que o Santo Antônio tava com um buraco de bala. Depois disso, diz que o soldado até ficou doido, viu que tinha atirado no santo, que tinha visto os santos andando e ficou doido, não foi mais o mesmo. Devia ter deixado os santos andar em paz, mas olha, devia sim” (SEU ALENCAR, 2012).

Ainda sobre esta narrativa, a informante entrevistada Bernardete, moradora da vila de Carrazedo, nas imediações de Gurupá, acrescenta:

“Depois que o Santo Antônio apareceu com esse buraco de bala, eles mandaram foi trocar; não mandaram consertar, não. Minha mãe me dizia que teve um

dia aí que de noite apareceram uns homens de carro aí, e que colocaram os santos numas caixonas de madeira e foram embora na balsa que ia pra Belém. Depois disso colocaram duas imagens novas no lugar; por isso que até hoje ninguém nunca mais viu os santos andando por aí. Esses daí não andam, não; eram aqueles outros que andavam, os antigos. Esses não andam; Deus que me perdoe...” (BERNARDETE, 2015).

Os seguintes relatos, fornecidos pelos moradores de Gurupá, “Seu Manoel” e sua esposa “Dona Isabel”, referem-se à narrativa “A COBRA GRANDE DO RIO MARAJÓ”, narrativa baseada em experiências vividas pelo próprio casal e filhos nas proximidades de Gurupá.

“Essa história, meu filho, aconteceu comigo tem um tempinho atrás já, acho que uns dois, três anos. Tava no casquinho [pequena embarcação a remos, canoa] eu, minha mulher e meus dois filhos mais velhos. A gente tava saindo de Gurupá pra ir pra nossa outra casa que é lá no Marajoí. Lá que a gente vai com a família inteira pra passar fim de semana e feriado. Eu, minha esposa Isabel e meus dois filhos estava indo na frente pra preparar a casa, enquanto que o restante do pessoal ia mais tarde com os netos. Então chega num certo ponto e a gente não podia mais ir pra frente porque tinha um tronco empatando o caminho mais lá pra frente e defronte de nós meu filho viu uma pedra embaixo da água com um crucifixo em cima. Quando ele foi pegar o crucifixo ele viu que aquela pedra tava era olhando pra ele com uns olho assim desse tamanho [Seu Manoel gesticula fazendo uma espécie de círculo com os polegares e os indicadores]. Sabe por quê? Porque não era pedra não. Quando meu filho avistou direito ele viu que era é a cabeça duma cobra enorme, horrível, e o tronco mais adiante era o corpo dela. Parecia uma sucuri, igualzinha, só que muito maior, agora o senhor vê, se uma normal já é feia, imagine agora desse tamanho assim gigante! Horrível mesmo, coisa medonha, pense no susto do meu filho. A gente voltou de lá na hora, e antes de chegar em Gurupá meus filhos já tavam queimando de febre. Só depois de muita oração é que eles sararam. Ficaram vários dias na cama, os dois assombrados” (SEU MANOEL, 2012).

Sua esposa, “Dona Isabel”, continua:

“Meu filho, aquilo foi terrível. Não gosto nem de lembrar, Deus o livre. Desde a da gente sair de casa eu já tava assim, com um sentimento ruim, não tem? Depois foi ficando pior, eu já ia no casquinho com aquela gastura, aquele sentimento que ia acontecer alguma coisa de ruim. Alguma coisa de ruim ia acontecer, eu tava com aquela certeza dentro de mim. Depois quando a gente tava pra chegar, meu filho viu diz que viu uma cruz de ouro dentro da água e diz que ia pegar pra mim. Então foi que eu mandei ele deixar lá, que essas coisas assim que a gente acha não é bom a gente

tá mexendo não, com coisa séria assim. Foi então que eles viram essa cobra. Deus me livre! Quando a gente ia voltando, meus filhos já ficaram com febre, não tavam mais nem dando conta de remar. E eu e o Manoel também já não temos mais força pra tá remando também, e aí fica como? A sorte que passou de barco um conhecido nosso que deu a carona de volta. O barco dele é a motor, né? Daí embarcou nós e o casquinho foi amarrado do lado. Quando chegou em Gurupá a febre desses meninos não passava de jeito nenhum, ficavam passando mal, sonhando que a cobra queria pegar eles, toda hora sonhando isso. A gente rezou tanto, pediu tanto pra Deus, chamamo tanta gente pra rezar eles, que só depois de dias é que eles melhoraram” (DONA ISABEL, 2012).

Os dois relatos a seguir nos foram fornecidos por “Seu Adelino”, um conhecido morador da região que gentilmente nos recebeu em sua residência para contribuir na nossa coleta de dados. Dentre as diversas narrativas contadas por Seu Adelino, estas duas foram escolhidas para compor a presente seleção. Isto se deve ao fato de que ambas relatam sobre humanos que se metamorfoseiam em suínos na região de Gurupá, sendo estes um homem e uma mulher, os quais foram adaptados para os contos “À Luz do Luar, Um Lobisomem Lhe Observa” e “A Feiticeira de Gurupá”, respectivamente.

“Quando eu era rapazote, assim da tua idade tinha por aqui em Gurupá um cidadão que vivia porre, jogado pela rua. O nome dele eu já nem me lembro mais, mas todo mundo só chamava ele de Mãozinha, mãozinha é que conheciam ele porque ele tinha mão leve, que diziam. Roubava galinha, essas coisas, mas não era muito de fazer mal pros outros, não. Tinha gente que se dava com ele e tinha aqueles que não gostava (dele). Um desses que não gostava era o Raimundo, que era trabalhador, trabalhava muito, pai de família e não gostava de ver coisa assim, não. Trabalhava que só, de tudo ele fazia. Só gostava de beber, mas só bebia pouquinho, depois do trabalho, já voltando pra casa. Aí numa dessas voltas da marcenaria, saiu do mato um porcão preto, peludo, feio que só, avançando pra ele, assim, querendo morder, né? Avançava, ele fugia, avançava, ele fugia até que ele conseguiu acertar com o machado no porco bem por aqui (Seu Adelino apontava para as próprias costas). Nisso que foi o porco gritou que parecia gente. Diz que o Raimundo ficou logo todo arrupiado. No outro dia, quando foram ver o porco, era o Mãozinha que tava lá caído com o golpe na costa, mas ele ainda tava vivo. Levaram ele até de avião pra Belém pra ver se dava jeito, mas não deu, não. Morreu por lá, por lá ficou. Eu fui avisar o Raimundo lá na casa dele. O coitado ficou doidinho, arrependido, endoidou que nunca mais foi mesmo. Ficou assombrado e não queria mais fazer nada. ” (SEU ADELINO, 2015)

Seu Adelino ainda deu prosseguimento ao seu relato, onde narrou o caso de uma mulher que virava porca em Gurupá:

“... Agora de gente que vira porco teve uma mulher também. Eu tenho pra mim que foi assim pela mesma época. Tinha aí na outra rua uma mulher que diziam que

era feiticeira. O marido tinha deixado ela, e ela mexia com reza, essas coisas assim, aí chamavam de feiticeira. Aí na mesma rua tinha também uma solteirona costureira que ninguém gostava, a Quitéria. Ela morava com os pais dela, e acho que só eles é que gostavam dela. Ela só fazia roupa boa, mas não gostavam dela por causa que ela falava muito da vida dos outros, gostava de intriga que só, ô mulherzinha, meu Deus. Moravam na mesma rua, só que a Quitéria, essa que era costureira, morava mais pro lado de cá e essa que chamavam de feiticeira morava sozinha mais pro lado de lá, onde a rua findava. A Quitéria vivia fazendo intriga dela, falando isso e aquilo, que ela era isso e aquilo, desquitada, pagã, que virava porco. Nessa época todo mundo diz que andava vendo por aí uma porca feia que só, enorme, peludona com uns olho que brilhava assim no escuro, que andava com sete filhotinho debaixo fazendo visage por aí, coisa que não era desse mundo não, e diziam que era essa feiticeira que virava. Um dia a Quitéria falou pra todo mundo que a porca foi fazer assombração lá debaixo da casa dela, lá debaixo das tábuas do assoalho. E aí o povo comentando, comentando, até que a tal feiticeira se matou. No outro dia que acharam ela pendurada lá na casa dela. Só que aí que tá, ela depois de morta e a porca continuava aparecendo, grandona, feia, suja e com os olho vermelho, vermelho encarnado mesmo, brilhando no escuro.

Tanto foi que o povo se juntou pra ir atrás da porca, correram atrás dela quando ela apareceu, deram paulada nela e deram, deram, deram, com pau, com faca, com pedra, com tudo que tinha na mão eles davam. Era um pega, pega, mata, mata, até que a porca desapareceu no mato. No outro dia, quem apareceu morta foi uma amiga da própria Quitéria, a Augustina, uma mocinha que amanheceu toda arrebatada na casa dela, aí todo mundo viu que ela que era a porca. A Quitéria tinha ido avisar que tinham matado a porca e encontrou a moça caída lá na casa dela, nua no chão, toda cheia de sangue, toda baqueada e com um golpe de faca no pescoço, com os olho aberto assim como se tivesse olhando pra ela.

A Quitéria ficou até meia doida depois disso também, ficava diz que toda hora ouvindo o barulho dos porquinho debaixo da casa dela, ouvindo barulho de porco. Também não falava mais com ninguém, não olhava mais ninguém na cara. Então passou um tempo, ela se matou igual a feiticeira, se enforcou no quarto e no dia seguinte a família dela achou o corpo pendurado” (SEU ADELINO, 2015).

Os próximos relatos correspondem ao conto “Sua Irmã Falecida Lhe Chama”. O mesmo foi escrito com base nas narrativas fornecidas pelo casal Bernardo e Bernardete, moradores da Vila do Carrazedo, comunidade quilombola localizada nas imediações de Gurupá.

“Quando minha irmã faleceu, a gente tinha acabado de se mudar aqui pro Carrazedo. O barco que ela tava vindo pra cá acabou afundando e o corpo dela nunca foi achado, a gente fez de tudo mas não achou nada pra sepultar... Aí passa um tempo, a gente começou a escutar ela chamando. Naquela época ela queria tanto vir pra cá comigo que acho que ela continuou querendo. Ela morava lá em Gurupá com a minha mãe né, e ela era doida que só pra vim pra cá passar uns dias com o sobrinho dela que tinha acabado de nascer... E nisso a mamãe não deixava por causa que ela tinha aula, tinha que estudar, daí então só quando tivesse mesmo a oportunidade, né?

Foi então que quando a oportunidade apareceu, aconteceu essa fatalidade. Daí depois, a gente ficava ouvindo tipo ela chamando a gente daí de dentro do rio, eu ouvia a voz dela me chamando. Foi então que muita gente começou a dizer por aí que ela tava encantada no fundo do rio, morando lá. Ninguém dormia mais direito, sonhando com essas coisa. Já até veio uma mãe de santo aqui pra benzer a casa pra parar essas coisa. Na primeira vez ela veio rapidinho e na segunda vez ela passou a semana aqui com a gente, virou até a madrinha do nosso menino mais velho. Só depois dessas orações é que parou mais esse negócio, mas até hoje ainda tem pai de santo, espírita e benzedor que ainda aparece por aqui pra falar da minha irmã” (BERNARDETE, 2015).

Por este ser um assunto delicado relacionado à sua família, Bernardete preferiu não se aprofundar em seu relato, fato este que foi respeitado durante a entrevista. Porém, a informante disse não se importar que seu marido fosse entrevistado e que seus relatos fossem descritos em uma dissertação. Devido a isto, o relato de Bernardo foi o seguinte:

“A minha mulher não gosta de tocar nesses assuntos não, por causa que foi um golpe muito grande pra ela, perder uma irmã desse jeito, ainda mais a Ana Maria que era o mesmo que ser uma filha pra ela. Depois que o barco afundou, nunca acharam nem o corpo dela. Pois então, depois que ela morreu, passou um tempo e a

gente começou a ouvir a voz dela chamando a Bete (Bernardete). Era aqui em casa eu, a Bete e a outra irmã dela, a Graça, que ficava pra ajudar a Bete a cuidar do Bruninho. Daí a gente ouvia muito ela chamando, e teve uma vez até que a Bete quis pular no rio ouvindo a voz da irmã. A gente ficou foi demais preocupado. Toda hora parece que tinha alguém atrás da gente, dava aquele arrepio, sabe? Parece que tinha gente olhando, toda hora a gente tendo pesadelo, sonhando que chamavam que tinha alguma coisa feia querendo agarrar a gente. Parece que a gente não ter paz na vida.

Até que teve um dia que apareceu por aqui a Dona Domingas. É uma mãe de santo de lá de Belém que acabou ficando nossa amiga depois disso. Ela veio pra cá com dois filhos dela fazendo companhia e falou que a Ana Maria tava encantada e tava querendo que a Bete fosse morar com ela. Ela benzeu a casa e depois voltou pra Belém. Mas mesmo depois de benzer continuou essa perturbação. E era principalmente de noite, a gente escutava barulho de gente andando aí do lado de fora, era barulho de gente pulando no rio e até a Graça uma vez ouviu uma voz de homem chamando ela quando ela tava sozinha aqui, quando ela foi ver lá no fundo do quintal, diz que era um homem magro, magro, magro, todo de branco com dois buraco no lugar dos olhos, igual uma caveira chamando ela, dizendo que ia levar ela pra ver a Ana Maria. A Graça até desmaiou com essa arrumação de ver esse bicho.

Teve uma hora que não deu mais e a gente chamou a Dona Domingas, a mãe de santo, pra vim aqui de novo. A gente que pagou, foi até o Caranguejo (um conhecido barqueiro de Gurupá) que foi buscar ela e trouxe aqui. Ela ficou uma semana rezando a gente e a casa. Depois disso parou mais. Aí depois disso a gente foi ficando sossegado. Mas até hoje de vez em quando aparece por aí alguma história da Ana Maria. Um tempo desses veio até gente de Porto de Moz falando que ela tinha baixado num terreiro de lá, diz que querendo falar com a Bete” (BERNARDO, 2015).

NARRATIVAS ORGANIZADAS A PARTIR DOS RELATOS DE MORADORES DE GURUPÁ ENTREVISTADOS ENTRE 2012 E 2015.

Gurupá - 2012

RESIDÊNCIA DE “SEU ALENCAR”.

Era uma conversa bastante animada. As filhas de Seu Alencar ofereceram cadeiras e copos com água gelada para que os visitantes pudessem sentar-se à sombra e descansar da longa caminhada sob o fustigante sol amazônico. O senhor Alencar, aposentado, tratava-se de um antigo (e conhecidíssimo) morador da cidade de Gurupá, que passara décadas de sua vida dedicando-se aos diversos trabalhos braçais e administrativos realizados na Igreja de São Benedito, a primeira igreja católica do município. Devido aos anos vividos em contato com o povo gurupaense, vivenciando e ouvindo a respeito de seus testemunhos de fé e demais casos de natureza sobrenatural, Seu Alencar tornou-se um grande colaborador para qualquer visitante que desejasse ouvir as narrativas relacionadas aos encantos e mistérios da região.

Dessa forma, visitando a comunidade, dirigiu-se até a sua residência o casal de pesquisadores norte-americanos, Dr. Ricardo Peace e sua esposa Olivia, acompanhados do assistente André Lima. Os três buscavam informações e narrativas relacionadas aos pagadores de promessas que se dirigem anualmente ao município para agradecer a São Benedito por graças realizadas. Tendo o trio se acomodado em sua sala de estar, o gentil anfitrião pôs-se a narrar sobre “causos” vividos em sua infância e juventude, preferindo seguir uma narrativa não linear, que fluía conforme ia se recordando dos fatos de outrora. Por vezes seus contos e afirmações se entrecrocavam com as interrupções e opiniões de seus parentes, e todos davam boas risadas. Por vezes, o sexagenário interrompia seu discurso para mostrar aos “forasteiros” seus tesouros pessoais encontrados no solo de seu terreno: moedas antiquíssimas remetentes à época dos contos de Réis e pedras de ágata.

– Vejam só! Esta moeda eu encontrei enquanto “cavucava” o terreno aqui do meu quintal! – Afirmava, orgulhoso, enquanto empurrava nas mãos dos convidados a pesada moeda, quase do tamanho de suas palmas.

– Ela é muito linda, Seu Alencar! Como você encontrou? – Questionava Olivia com seu pesado sotaque do interior do Tennessee.

– Ah, minha filha, foi um verdadeiro milagre! Um dia eu estava cavando aqui no quintal de casa com a enxada, e de repente bati numa coisa dura na terra, quando fui ver o que era, achei essa moeda. Por isso ela tem essa marca de corte aqui no meio, foi aí mesmo que a enxada bateu. – O senhor Alencar fez uma breve pausa, bebeu um gole de água, tomou fôlego e continuou – Meu irmão uma vez até disse que era bom levar essa moeda para doar pra um museu, mas nunca que eu ia fazer uma coisa dessas! Essa moeda me foi dada pelo santo, de recompensa por tanto tempo dedicado a ele.

– O santo que você se refere é São Benedito? – Questionou Dr. Peace, para confirmar, pois a igreja de Gurupá possuía outro santo, o qual trata-se de Santo Antônio. Quando Alfredo assentiu, Dr. Ricardo continuou:

– Este é o santo que mais realiza milagres em Gurupá, não é? Como o senhor trabalhou na igreja por tanto tempo, deve conhecer muitas histórias de milagres atribuídos aos santos, não?

– Sim, senhor! – Respondeu ele, orgulhoso – Não só conheço, como posso mostrar a vocês vários objetos que foram deixados na igreja por devotos agradecidos por terem seus desejos atendidos. Vocês querem ir até lá?

– Queremos sim, se não for atrapalhar o senhor em nada – Foi a resposta dos pesquisadores.

– Que nada! É até bom que eu já estava com saudades de ir até a igreja! – E assim, após apanharem seus pertences, o pequeno grupo iniciou sua caminhada pelas pacatas ruas de Gurupá, enquanto Seu Alencar contava miraculosas histórias sobre pessoas que foram curadas de doenças das quais não haviam esperanças de salvação e de pessoas que obtiveram sucesso e superaram problemas aparentemente impossíveis de serem solucionados, e tudo isto graças aos santos da comunidade. Enquanto isto, André, o ajudante, enquanto os acompanhava de perto carregando as câmeras e tripés, travava uma batalha mental consigo mesmo, pois queria muito perguntar algo, mas tinha receio de parecer pouco respeitoso perante um idoso tão gentil e devoto. Escolhendo cuidadosamente suas palavras, o rapaz se pronunciou:

– Seu Alencar, o senhor poderia me informar, por gentileza, se há alguma história dessas aparições dos santos, em que alguém tenha ficado com medo? – O senhor Alencar deu gostosas gargalhadas.

– Tem sim, meu filho! O rapaz dessa história ficou foi assombrado de medo! E essa é uma das histórias mais antigas daqui de Gurupá, todo mundo conhece!

– E o senhor poderia nos contar esta, por favor? – Indagou o ajudante, sorrindo ansioso.

– Vamos indo que eu conto! – E assim todos continuaram seu caminho e André Lima ouviu, pela primeira vez, a narrativa que aqui será chamada de:

1 – À MEIA-NOITE, OS SANTOS CAMINHAM

A noite corria tranquila e silenciosa no pequeno vilarejo ribeirinho de Gurupá. Para ser mais exato, todas as noites se passavam dessa maneira durante a década de 1940, que é quando esta história se passa. A minúscula cidade, ainda livre dos carros, motocicletas sons de aparelhagem e eletricidade em geral, se recolhia às pequenas palhoças e adormecia em suas redes ao horário do pôr do sol. Durante aquela época iluminada por lampiões, o povo gurupaense, com a necessidade de levantar-se ainda cedo na madrugada para iniciar a pescaria do dia e prover o sustento de suas famílias, possuía o costume de dormir o mais cedo possível. Dessa forma, qualquer pessoa que fosse vista perambulando pelas ruas do vilarejo durante a noite era imediatamente encarada com desconfiança pelo restante da comunidade e, mais especificamente falando, pelos soldados que a patrulhavam durante a noite, pois, além destes, os únicos que permaneciam acordados durante a noite naquele lugar eram os funcionários do posto de saúde do SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), implantado na região no ano de 1942.

Naquela humilde comunidade nunca haveria de se imaginar que outros tipos de pessoas perambulavam sob o luar, além daquelas de índole suspeita. Os moradores de Gurupá estavam enganados, pois eles estavam alheios ao fato de que há muito, estranhos visitantes haviam chegado à cidade – visitantes estes muito conhecidos e venerados pela comunidade, porém dos quais não se esperaria tais “costumes notívagos”.

Durante essa noite em especial, tudo corria como de costume em Gurupá; todos os pescadores em suas humildes casas de taipa repousavam com seus familiares, dormindo o sono dos justos, e a cidadela repousava em silêncio na escuridão pontilhada de candeeiros. Porém, em meio à escuridão um homem

caminhava. O jovem soldado Antônio fazia sua ronda noturna pelas pobres ruas sem calçamento onde seus coturnos chutavam a “piçarra”. A noite estava amena e agradável e, ao percorrer as extensões dos cercados de ripas ao luar, ele podia ouvir os sons noturnos de grilos, sapos e demais animais de hábitos noturnos. Não sentia medo, apesar de o ambiente parecer tétrico, pois há muito já houvera se habituado às noites em Gurupá. Tampouco sentia medo de maus assombros ou visagens, pois era um homem cético com relação às histórias de Matinta Perera e encantarias que eram contadas pelos moradores. Antônio era um homem respeitado por estes e também pelos “colegas de farda”, conhecidíssimo por ser um homem corajoso e que não se assustava com facilidade. Assim sendo, o jovem militar caminhava com tranquilidade pelos arredores sem preocupar-se ou benzer-se quando o silêncio da noite era quebrado por gritos agourentos de pássaros noturnos ou pelo grunhido assustador de porcos atrás das cercas.

Por vezes, durante a caminhada deparava-se com vultos de moradores parados em suas janelas, com velas ao batente, ao contemplar a rua. Sob a luz das velas em contraste com a escuridão, suas faces adquiriam semblantes cadavéricos. O jovem lhes dirigia um “boa noite” e continuava seu caminho, assobiando. Algumas vezes ele parava para aceitar um cafezinho e trocar “dois dedos de prosa” com algum conhecido. Porém, naquela noite ele não havia encontrado ninguém, e tampouco observava velas nos batentes das janelas. A única coisa que iluminava a noite era o luar e os velhos lampiões da rua.

Detendo-se sob a luz de um destes, observou o relógio. “Realmente, a cidade está mais quieta que o normal”, pensou ele enquanto assobiava, tomando o caminho para a rua principal do vilarejo, conhecida simplesmente como “Primeira Rua”.

– Mas é claro, afinal já é quase meia-noite! – Disse o soldado para si mesmo e riu-se. Gostava daquela tranquilidade. A Primeira Rua realmente merecia esta alcunha, pois era considerada a rua mais importante de toda a comunidade. Nela haviam sido construídas a Prefeitura, a igreja e também nela se encontravam as residências de maior prestígio da cidade, construídas de alvenaria com telhas de cerâmica. Lá viviam famílias de maior poder aquisitivo na região como a abastada família judia Abenatar e a família Borralho, dona de casas de comércio de aviamentos na região. Antônio estava justamente passando por uma destas lojas quando avistou algo fora do comum. Algo que tiraria sua tranquilidade no que lhe restava da noite e que lhe privaria de sua sanidade no que lhe restava de sua vida.

Ao longe, descendo a rua em direção à igreja, duas silhuetas caminhavam sob as árvores que margeavam o caminho. Antônio apressou o passo para verificar do que se tratava. Aparentemente, os vultos pertenciam a dois homens adultos que percorriam o trajeto que levava em direção ao respeitado santuário cristão do vilarejo. “O que querem por lá?”, “Serão eles ladrões?”... tais eram os questionamentos que permeavam a mente de Antônio naquele momento. Eles andavam à sombra das árvores como se quisessem evitar a luz dos candeeiros da rua, atitude esta que, para o soldado, parecia muito suspeita. Antônio aproximou-se mais e constatou que aquelas figuras se vestiam muito estranhamente para o padrão gurupaense, o que indicava que se tratavam de forasteiros. Os estranhos usavam o que aos olhos do militar pareciam capas ou mantos longos que se arrastavam ao chão, fato este igualmente duvidoso. Com certeza eram pessoas mal-intencionadas se dirigindo à igreja.

– Ei! Alto lá! – Gritou Antônio, após tocar seu apito. Não obteve resposta ou reação dos suspeitos. Tocou o apito novamente.

– Parem aí, vocês dois! O que querem por estas bandas? – O rapaz insistiu.

Porém, desta vez Antônio não fora ignorado. Os dois homens detiveram-se, olharam para trás e o encararam diretamente. Neste momento o soldado também interrompeu seu caminhar, pois sentira um arrepio terrível percorrendo todo o seu corpo e, naquela hora, pela primeira vez, o soldado Antônio sentiu medo. As duas figuras estranhas haviam alcançado um trecho mais próximo da igreja, onde a rua possuía uma melhor iluminação; porém, seus rostos não eram visíveis. À distância, era como se uma sombra os escondesse. Mas mesmo assim Antônio sabia que estava sendo observado naquele momento, pois era capaz de sentir aqueles olhares mortalmente penetrantes que lhe eram dirigidos.

O pavor quase o dominara, mas não passou de alguns segundos. Logo em seguida, os homens de estranhas vestes tornaram a seguir seu caminho aproximando-se cada vez mais dos sagrados umbrais. Dominando seu medo, o rapaz sacou seu revólver apontando-o em direção aos desconhecidos. De arma carregada, insistiu mais uma vez:

– Alto lá, vocês dois, fiquem parados ou então vou atirar! – E, como não obteve respostas, assim o fez. O som do disparo fez muitos animais noturnos se sobressaltarem. Pássaros que adormeciam nas árvores em volta levantaram-se em

revoada, porém a figura dos dois homens não manifestou nenhuma reação, e desta forma, eles adentraram a igreja.

Praguejando contra sua péssima pontaria, Antônio saiu em disparada a fim de capturar os suspeitos. Porém, ao cruzar o portão principal do humilde templo não encontrou ninguém. Surpreso, ele percorreu toda a extensão da igreja e revistou-a de cima a baixo, não encontrando os homens que perseguia em parte alguma. Sentindo-se contrariado, decidiu desistir da busca. Ao retirar-se do local, virou-se para dar uma última olhada. Ao olhar para as imagens de São Benedito e Santo Antônio em seus altares ele sentiu uma sensação terrível de que eles lhe retribuía o olhar, e o mesmo arrepio que houvera sentido antes lhe percorreu o corpo novamente. Olhando para as imagens mais cuidadosamente, percebeu algo que fez seu sangue congelar. Apavorado, fitou-os novamente para ter certeza daquilo que vira. “Não! Não pode ser! Não pode ser!” – Repetia ele, sem parar. Sem precisar de mais motivos, o jovem rapaz abandonou o local imediatamente em desabalada correria.

No dia seguinte, enquanto o zelador da igreja cuidava de suas tarefas e afazeres, o mesmo teve uma grande surpresa: ambos os santos se encontravam com os pés sujos de terra como se as imagens tivessem saído durante a noite para um passeio pela cidade, e uma delas apresentava uma estranha e curiosa danificação, que o mesmo poderia garantir que a imagem do santo não possuía no dia anterior.

– Tudo bem – Ele disse para si mesmo. – Da terra eu posso cuidar, mas e essa marca aqui no Santo Antônio? Parece até um buraco de bala...

Naquele dia, a notícia sobre a forma como os santos foram encontrados se espalhou por Gurupá. Porém, esta não foi o único relato que se alastrou pelo vilarejo naquela manhã. Muitos moradores falavam também do soldado Antônio, que estava se comportando como louco e repetia sem parar que tinha visto os santos caminhando durante altas horas da noite e que, inclusive, sem dar-se conta do que fazia, havia baleado aquele que possuía seu mesmo nome.

Dessa forma, deu-se o início de uma série de narrativas de viés sobrenatural que tiveram, na cidade de Gurupá, seu palco principal. Tais contos foram narrados não apenas por Seu Alencar, mas por diversos outros ilustres membros da comunidade, cuja contribuição foi de fundamental importância para a realização da coletânea de narrativas que a pesquisa iria reunir. Com relação a esta coleta de dados, pode-se afirmar que a mesma foi realizada por meio de entrevistas informais com a população, não apenas em suas residências, mas também sentados em calçadas, em

bares do vilarejo e sob a sombra de árvores para fugir do escaldante sol gurupaense. A maioria das narrativas foi passada de pais para filhos através das gerações; porém, houve situações em que o próprio interlocutor vivenciou os eventos narrados, como é o caso do senhor Manoel que, em um rio nas cercanias de Gurupá, viveu com seus filhos momentos de horror que até hoje atormentam suas recordações. A história por ele narrada e aqui transmitida receberá o seguinte título: “A cobra grande do Rio Marajoí”.

2 – A COBRA GRANDE DO RIO MARAJÓ

Gurupá - 2015

VILA DO CARRAZEDO.

Em Gurupá, é de natureza indiscutível a presença de vocábulos provenientes do tupi-guarani. Muitos sufixos de origem indígena fazem parte da composição de palavras utilizadas no cotidiano gurupaense. A respeito disto, narrava o informante Bené:

– Pois é, Seu André. Como eu ia lhe dizendo, muita palavra que usamos aqui em Gurupá leva “açu”, que significa “grande”, no final. Como exemplo disso nós temos o jacaré-açu e a fruta Cupuaçu, que são os maiores de sua espécie. – Bené era um pescador residente de uma vila próxima chamada Carrazedo. Nessa vila, localizada no afluente do rio Xingu, o gerador de energia elétrica era desligado às dez horas da noite, sendo que após este horário, seus moradores teriam de recorrer a luzes de velas e lanternas para evitar a total escuridão. Era em uma destas noites que Bené, iluminado por uma lanterna que atraía um número considerável de insetos, compartilhava sua sabedoria.

Encontravam-se sentados em uma ponte de madeira de frente para o rio, o pescador Bené, acompanhado do pesquisador norte-americano J. B. Soleil e André Lima. A noite estava clara e propícia para conversas à porta de casa. O pescador preparava iscas para a pesca do dia seguinte e continuava:

– Aqui nós usamos também o “rana”, que significa “falso” ou “imitação”, como por exemplo, o Jambu que colocamos no Tacacá, que é uma erva deliciosa, mas também existe a “Jamburana” que é bem menos saborosa ao paladar.

– Você falou do “açu” que significa “grande”. Há algum desses sufixos que signifique “pequeno”? – Perguntou André enquanto tomava notas.

– Tem sim! Lembra que eu falei do Cupuaçu? Pois então, muita gente o chama apenas de Cupú, pois esse é o nome real dele! Agora tem também o Cupuaçu, que é o grande e o Cupuí, que é o pequeno, um tipo bem menor e mais doce.

– Então o equivalente de “pequeno” é apenas “i”? – Perguntou Soleil.

– Sim, senhor! Olhe por exemplo estas iscas que estou fazendo. – Disse ele nos mostrando pequenos embrulhos artesanais feitos com folhas de açazeiro que

continham coquinhos de Babaçu ralados em seu interior. – Estas iscas eu vou colocar dentro do Matapi (armadilha feita de talas de palmeira) para pegar um tipo específico de camarão, o camarói (que é um tipo bem menor de crustáceo).

Enquanto Bené explicava, André se recordou de uma coisa:

– Bené, aquela região aqui de perto, chamada de Marajoí, também se enquadra nessa designação?

– Sim! – Ele respondeu. – Nós estamos perto do arquipélago marajoara, onde tem a Ilha do Marajó propriamente dita, e aquela região de Gurupá se chama Marajoí, pois seria uma espécie de “Marajó pequeno”. Lá tem também um rio com o mesmo nome, o Rio Marajoí. Lá, além de ter muita cobra comum, tem também Cobra Grande.

– Pois é – André respondeu. – Realmente, já ouvi falar disso. – De fato, André já conhecia essa história, pois anos atrás ele a ouvira do próprio senhor que a vivenciou.

Pensando bem, para uma região que mereceu até um sufixo de origem indígena para indicar seu tamanho, a quantidade de mistérios e encantarias do Marajoí é tão grande quanto a cobra que lá habita. Seriam suficientes para abarrotar o Marajó inteiro.

Gurupá - 2012

RIO MARAJOÍ – PROXIMIDADES DE GURUPÁ.

O senhor Manoel remava a canoa com a ajuda dos dois filhos mais velhos. Ele, em companhia da esposa e dos filhos haviam saído de sua residência em Gurupá pouco antes do nascer do sol, para dirigirem-se à casa onde Manoel nascera e vivera durante sua juventude. Há muito haviam se mudado para a cidade de Gurupá; porém, ainda mantinham a casa no Rio Marajoí onde se reuniam com a família inteira durante os fins de semana e feriados para desfrutarem de animadas conversas, música, banhos de rio, peixe frito e demais sabores paraenses. E era para este lugar que eles se dirigiam. Ele, a esposa Isabel e os filhos, estavam indo à frente para preparar a casa, e o restante dos filhos e filhas iriam mais tarde com os netos do idoso casal.

Manoel não possuía mais a força de outrora para remar. Porém, ainda mantinha a destreza adquirida após mais de meio século de prática no manuseio do remo e,

com a ajuda dos dois filhos adultos, a canoa se deslocava com considerável rapidez. Seguiram pelo Rio Amazonas até alcançarem um braço de rio, por onde seguiriam por mais algumas centenas de metros. O trecho de rio por onde remavam era estreito e as árvores ao redor lhes impediam a visão do céu acima formando uma espécie de túnel. A noite anterior havia sido bastante chuvosa, o que fez com que muitos galhos despendassem das copas das árvores diretamente no rio, dificultando consideravelmente a passagem. A viagem tornou-se mais lenta, pois quando se deparavam com um obstáculo à frente, era necessário que parassem de remar, enquanto o filho mais velho, João, que estava à “proa”, tentava remover o que quer que estivesse à frente.

Passados alguns minutos concentrados nessa atividade, começaram a viajar em silêncio, o qual só era quebrado vez ou outra por Seu Manoel no final da pequena embarcação, passando instruções aos filhos que estavam adiante. Nenhum deles percebeu que a mata ao redor também havia se tornado anormalmente silenciosa. Somente Dona Isabel, com sua intuição que aparentemente só mães são capazes de possuir, levou as mãos ao peito, virou-se para o marido e disse:

– Manuel, meu velho, vamos logo embora daqui! Não quero mais seguir em frente! – E olhava para Seu Manoel, suplicante.

– O que houve, minha velha? Está se sentindo mal? – Indagou o esposo.

– Não sei. Estou sentindo um mal-estar, um aperto no peito, como se fosse um pressentimento... – Respondeu ela.

– Ora, deixe disso! Logo agora que já estamos tão pertinho! Não se preocupe não, meu bem! Nada de ruim vai acontecer, já fizemos esse caminho tantas vezes! Além do mais, o restante da família logo vai nos encontrar e vamos nos divertir bastante – Manoel tentava acalmá-la – Além do mais, hoje cedo tu só tomaste um copinho de café; com certeza é por isso que estás mal.

Enquanto isto, o filho João concentrava-se no caminho à sua frente. Alguns minutos antes vira ao longe um estranho brilho na água que, a princípio, julgara ser alguma réstia de sol que passara por entre as folhas das árvores acima e que agora se refletia nas águas do rio adiante. Pouco mais de alguns metros além do estranho brilho, havia um grande tronco de árvore caído na água que com certeza haveria de lhes atrasar ainda mais a viagem.

– Olha lá na frente, papai! – Disse o outro filho, que também se chamava Manoel – Tem um tronco ali na frente “empatando” a passagem. E agora?

– Meu Deus! É verdade, meu filho. Faz o seguinte: Quando chegarmos lá, tu e o teu irmão descem da canoa pra ver se dá pra empurrar o tronco pro lado, pra nós podermos passar, tá bom?

– Sim, senhor – Respondeu o filho.

Quando a embarcação se aproximou mais do brilho na água que João observara, o mesmo percebeu que não se tratava da luz do sol sendo refletida na água, mas sim de um crucifixo dourado, repousado em cima de uma grande pedra submersa.

– Olha, vejam só! – Exclamou o homem – A notícia ruim é que não vamos conseguir passar pra lá adiante! Além daquele tronco acolá, tem uma pedrona aqui na frente impedindo a passagem. Mas a notícia boa é que em cima da pedra, um pouco abaixo d'água, tem um crucifixo de ouro! Espera aí, mamãe! Vou pegar ele de presente pra senhora enfeitar a parede de casa. – Disse o filho mais velho inclinándose para fora da canoa, estendendo a mão enquanto seu irmão, também à proa, tentava lhe ajudar.

– Que é isso menino! Deixe disso! Não é pra mexer nessas coisas não – Advertiu-o Dona Isabel. – Deixa isso pra lá que deve ser coisa da Mãe D'água daqui. – Seu Manoel apoiou-a e, se benzendo, censurou o filho:

– Obedece tua mãe, menino! Vamos é dar meia-volta e retornar pra Gurupá, isso sim!

– Ora, não digam besteiras! Essas coisas não... – Porém, a resposta que o filho João ia dar se perdeu, interrompida pelo grito terrível que seu irmão acabara de dar. Todos alarmaram-se e tentavam perguntar o que havia acontecido. Mais gritos apavorados do irmão. Ele caíra ao chão da canoa e tentava desesperadamente remar para longe daquele lugar.

– O que foi, meu irmão, o que aconteceu? – Perguntava João.

– Fala, Manoelzinho! Responde, meu filho! – Dizia Seu Manoel, aflito. Dona Isabel apenas chorava, preocupada com o filho.

– A-a-aquilo n-não era pedra! Aquilo não era p-pedra! Olha lá! – Disse o rapaz apontando o dedo. Quando João olhou mais cuidadosamente, seu coração quase parou com tamanho susto. Ele acabara de perceber que a “pedra” com o crucifixo em cima, tinha dois olhos enormes que o observavam fixamente. Ele, tomado de terror, observou que a cruz em questão repousava sobre a “testa” daquilo que parecia ser

uma gigantesca sucuri, e aquele “tronco” que observaram anteriormente nada mais era do que parte de seu corpo emergindo do rio adiante deles.

Todos tentavam remar o mais rápido possível, para se afastar do apavorante animal, porém, ao alcançarem novamente o Rio Amazonas, ambos os filhos do idoso casal foram acometidos por tonturas, calafrios e sentiram suas forças esvaírem-se ao tentar remar. Passados alguns minutos, ambos já estavam acometidos por uma forte febre. Seu Manoel e a esposa tiveram de assumir os remos sozinhos, o que tornou a viagem mais lenta e cansativa. Por sorte, um conhecido da família encontrou-os no rio enquanto também voltava a Gurupá, e lhes ofereceu carona em seu barco a motor. Assim, com sua família embarcada e sua canoa firmemente amarrada à lateral do barco, eles retornaram para seu lar. Segundo Seu Manoel, a febre dos filhos perdurou por vários dias, e ambos tinham terríveis alucinações e pesadelos com cobras que tentavam invadir suas casas para pegá-los. Somente depois de muitas orações, ambos ficaram curados, mas mesmo assim, passou-se muito tempo até que os dois tivessem coragem para navegar nos rios ao redor de Gurupá, principalmente aquele onde tiveram tão assombrosa experiência, o misterioso Rio Marajoí.

3 – À LUZ DO LUAR, UM LOBISOMEM LHE OBSERVA

Gurupá – 2015 (RELATO QUE REMONTA AOS ANOS 1960)

Raimundo era um homem bastante trabalhador. Para o sustento de sua família, ocupava-se da caça, da pesca, da marcenaria e também fazia outros “bicos” pela cidade a fim de garantir a alimentação e conforto de sua esposa e filhos. Sua rotina de trabalho iniciava-se antes mesmo do nascer do sol e estendia-se pelo dia inteiro até o início da noite quando, cansado, retornava ao lar para jantar e, em seguida, dormir para que no dia seguinte a jornada se repetisse.

Vez ou outra, quando encerrava o dia, durante o retorno à sua casa, Raimundo fazia rápidas paradas em bares locais para tomar alguns “tragos de cana” com amigos e conhecidos. Esta era, para muitos, uma boa forma de descansar e passar o tempo naquela região, a qual, na época, ainda dispunha de pouquíssimas construções que gozavam da presença de energia elétrica e aparelhos televisores.

Era uma noite sem luar e com pesadas nuvens que cobriam o céu, deixando aquela pequena cidade rodeada da mais profunda escuridão amazônica. Raimundo voltava para casa depois de um longo dia de trabalho. Trazia suas ferramentas em um saco de aniagem que carregava com uma mão, e com a outra segurava seu chapéu de palha de carnaúba, que o vento anunciador de chuva insistia em tentar derrubar de sua cabeça. Naquele ano, o mês de dezembro chegara trazendo bastante chuva, o que na ensolarada Gurupá, deixava as ruas mais vazias e as noites mais escuras e melancólicas. Apesar disto, Raimundo não abandonava seu otimismo: “Já está chegando o final do ano!” Dizia ele para si mesmo. “Logo, logo, vai ter o festival de São Benedito com a procissão, a romaria fluvial, vai ter também o natal, ano novo e a cidade vai se encher de visitantes, daí tudo vai ficar com uma cara mais alegre”.

O seu dia havia sido bastante cansativo e, mesmo estando com muita vontade de chegar em casa e se atirar em sua rede, Raimundo achou que lhe cairia bem dar uma visita rápida ao bar e tomar um pouco de cachaça para “esquentar” a noite fria e a chuva que se aproximava. O bar ao qual se dirigia localizava-se na popular “Segunda Rua” de Gurupá, atualmente nomeada de Avenida Santo Antônio, mas que continua sendo chamada de “Segunda Rua” para todos os efeitos. Esse boteco, localizado atrás da prefeitura, tratava-se de uma simples construção de madeira, com

chão de terra batida e cujo teto não tinha forro, deixando visível a parte de baixo das telhas de barro que cobriam o local. No seu interior, o humilde botequim contava apenas com um balcão para atender a freguesia, um conjunto de mesas e cadeiras toscamente trabalhadas em madeira e uma mesa de bilhar ao centro, todos estes iluminados por uma fraca lâmpada incandescente que pendia de uma viga de perna-manca ao teto.

Em um vilarejo do tamanho de Gurupá durante idos dos anos 60, era comum o fato de todos se conhecerem na comunidade, de modo que a maioria dos presentes eram amigos e algumas pessoas, por se destacarem entre os demais, se tornavam gurupaenses conhecidíssimos e personagens célebres do pequeno município, como era o caso de Raimundo, conhecido e respeitado na comunidade por se tratar de um homem honesto e trabalhador. Porém, na pequena “birosca” em que acabara de entrar, também se encontravam presentes outras pessoas muito conhecidas na cidade. Uma destas pessoas era o extrovertido Adelino, melhor amigo de Raimundo, querido por todos e também famoso “contador de causos” da cidade. Além deste, também se encontrava ali o notório bêbado da cidade conhecido pelo apelido de “Mãozinha”. O motivo deste apelido devia-se ao fato de que, além de ser um homem de baixa estatura, ele possuía o péssimo hábito de ter a “mão leve” e praticar pequenos furtos por toda a extensão de Gurupá. Para Raimundo, a presença de Mãozinha naquele estabelecimento não era nenhuma surpresa, pois o mesmo praticamente morava nos bares da região, embriagando-se e arrumando brigas até ser expulso de um bar para em seguida ir para outro.

Ao adentrar no recinto, Raimundo cumprimentou a todos e abraçou seu amigo.

– Boa noite meu compadre! Não faça cerimônia, puxe uma cadeira e se sente aqui com a gente! – Convidou o rapaz. Adelino estava à vontade, rodeado de amigos que gargalhavam com uma piada que ele acabara de lhes contar. Ao sentar-se com um copo na mão, Raimundo não tardou a ser importunado por Mãozinha:

– E aí compadre Raimundo! O que é que há, hein? Não tem aí sobrando nenhum trocadinho pro seu amigo tomar mais uma dose, não? – Perguntou ele, passando o braço ao redor do pescoço de Raimundo e falando alto em seu ouvido.

– Me larga, vagabundo, e não me chama de compadre, que eu não batizei nenhum filho teu! Quer dinheiro? Então vai trabalhar, isso sim! – Todos ao redor riram, enquanto Mãozinha fechou a cara.

– Ora, Mãozinha, deixa disso, homem! Já tomou todas e ainda quer mais? – Ria-se Adelino, tentando apaziguar a situação.

– Olhe, Adelino, cuide da sua vida, que da minha cuido eu! – Respondeu o bêbado, levantando-se. Dirigiu-se trôpego à porta, virou-se cambaleante e emendou:

– Vocês são uns sovinas, isso sim! Bando de mão de vaca! Eu vou é embora, que é melhor ficar sozinho do que mal acompanhado! – Gritou ele, fazendo um gesto obsceno com a mão. Todos os demais gargalharam, menos Raimundo.

– Adelino, meu velho. Sinceramente, eu não consigo entender essa amizade que tu tens com esse vadio que não quer nada com a vida!

– Ora, deixe disso Raimundo. Quem somos nós pra julgar o peso da cruz que ele carrega? O coitado tem uma vida difícil e...

– Essa é boa! Vida difícil! – Interrompeu Raimundo. – Vida difícil é a nossa que somos trabalhadores e temos família pra sustentar. Isso sim é uma cruz pesada de carregar!

– É verdade, mas o Mãozinha deve estar nessa situação por penitência, castigo de Deus, vontade divina, entende? De qualquer forma, devemos é orar por ele, ao invés de ficar julgando! – Raimundo não dava ouvidos, então Adelino mudou de assunto:

– Ei! Já ouviu por aí o povo falando do lobisomem daqui de Gurupá? – Raimundo sorriu:

– Lá vem tu de novo com as tuas histórias...

– Não! É sério! Tão dizendo por aí que tem um bicho andando de noite pelas redondezas. Nas noites de sexta-feira ele aparece nas ruas desertas e nos terrenos baldios. Dizem que parece um porco enorme!

– Com certeza é algum porco que foge do seu terreno por algum buraco na cerca e o dono ainda não percebeu. – Respondeu Raimundo, cético.

– Não, compadre! É coisa de outro mundo, mesmo! A Dona Quitéria viu ele uma vez e me disse que não é um bicho normal, não! Escute, a história que ela me contou foi assim...

E assim se passaram os dias. Raimundo passava os dias trabalhando exaustivamente e, vez ou outra, ia até o bar beber um pouco e jogar sinuca com os amigos antes de ir para casa reunir-se com a esposa e os filhos. Algumas vezes caía nas provocações de Mãozinha e ambos acabavam discutindo, sendo em seguida

apartados por Adelino. Não havia jeito, os dois eram completos opostos. Enquanto isto, crescia em Gurupá o número de pessoas que afirmavam ter avistado o misterioso animal perambulando pela cidade. Já se falava, inclusive, em organizar um grupo de moradores para se iniciar uma caçada ao terrível suíno. Ao ser convidado a tomar parte no agrupamento, Raimundo apenas respondeu:

– Vão procurar o que fazer, seus desocupados! – E assim continuava com sua rotina diária. Na última sexta feira do ano, porém, Raimundo teve uma surpresa que mudaria sua vida para sempre.

Durante a semana inteira ele havia trabalhado cortando toras de madeira para um serviço de marcenaria e essa ocupação lhe esgotara ao máximo. Inclusive, há dias não ia até o bar encontrar os amigos e durante o final de semana a partir do dia seguinte, decidira que iria permanecer em casa descansando. Para isso, o rapaz decidiu estender seu horário de trabalho até tarde da noite para poder compensar os dias que não trabalharia. Ao fim do seu expediente, exausto, Raimundo tomou o caminho de sua residência. Carregava o seu instrumento de trabalho, um pesado machado, ao ombro e cansado, ia perdido em pensamentos. Ao passar por uma rua deserta, ao lado de um matagal, o trabalhador foi despertado de seus devaneios por um súbito ruído vindo das moitas à sua direita: algo o estava observando por trás do capim alto.

– Quem é? – Perguntou o rapaz, porém não obteve resposta alguma. Ele permaneceu no mesmo lugar encarando o matagal à sua frente, pois estava certo de que o ruído que acabara de escutar se tratava de uma voz humana seguida de passos esmagando folhas secas. Quando estava prestes a se questionar se por acaso não tivera sido sua imaginação, os arbustos adiante começaram a se agitar. Apavorado, Raimundo viu surgir na sua frente o enorme porco do qual todos falavam. Realmente, não havia dúvidas de que aquele era o famigerado animal, pois nenhum outro suíno dos arredores se assemelhava ao que estava diante de seus olhos. Além de seu extraordinário tamanho, sua pelagem era bastante desgrenhada e suja, seus olhos faiscavam e suas presas eram enormes e terrivelmente afiadas.

Raimundo mal teve tempo de esboçar alguma reação, quando o enfurecido suíno o atacou. Com a feroz investida do animal, Raimundo foi atirado para trás e ao cair no chão, ralara os braços e pernas. Ao procurar se levantar, observou o porco que se preparava para a segunda investida. Horrorizado, o homem percebeu que os olhos do suíno, assim como seus grunhidos, rosnados e guinchos pareciam

terrivelmente humanos. Então o animal atacou novamente, errando por pouco Raimundo que se desviara para o lado evitando as presas do enorme suíno sobrenatural. Naquilo que pareceu ser uma fração de segundo, o rapaz localizou seu machado caído ao chão, recolheu-o e preparou-se para o próximo ataque.

Quando o porco avançou, Raimundo conseguiu golpeá-lo às costas. O animal emitiu um grito precisamente humano e retornou correndo ao matagal de onde surgira. Raimundo voltou a sua casa, porém, em choque, não conseguiu adormecer a noite toda.

Na manhã seguinte, Adelino lhe batera à porta para contar a surpreendente novidade: Mãozinha havia sido encontrado em um matagal próximo, seriamente machucado às costas pelo que parecia ser um golpe de machado. Parcialmente consciente, ele não soubera afirmar como recebera o tal golpe pois dizia não se lembrar do fato. “Possivelmente bêbado”, dissera Adelino.

Mãozinha havia sido encaminhado à sede do SESP, o posto de saúde da comunidade. Porém, como naquele local eles dispunham de poucos recursos para tratar de um enfermo naquela situação, o mesmo teve de ser encaminhado de avião para a capital para que, assim, pudesse receber o tratamento adequado. Mesmo assim, em Belém, Mãozinha veio a falecer e, como não possuía família, foi enterrado como indigente. Quanto a Raimundo, depois deste episódio, nunca mais foi o mesmo. Viveu o restante de seus dias perturbado e assombrado com o que havia feito em uma mistura de remorso e horror, pois agora, recordando-se do terrível grito do animal ao ser golpeado, ele reconhecia a voz do bêbado Mãozinha.

4 – A FEITICEIRA DE GURUPÁ

Gurupá – 2015 (RELATO QUE REMONTA AOS ANOS 1960)

Dona Quitéria costurava como ninguém, disto ninguém duvidada. Suas habilidades como costureira eram admiradas por toda a região e, para ela, serviço não faltava. Naquela época, onde as grandes lojas de roupas ainda não tinham estabelecido seu palco no município, os recursos dos quais a população podia dispor eram as costureiras propriamente ditas e também as lojas de aviamentos da cidade, como a extinta Casa Borralho, onde se poderiam adquirir as melhores fazendas para a confecção de vestimentas. Dessa forma, boa parte da população, clientes fiéis, recorriam à Dona Quitéria para lhe fazer este serviço, quer fossem paletós ou vestidos, calças ou anáguas, todos estes fabricados com esmero e qualidades indiscutíveis, o que a tornava famosa na cidade. Porém, a sua fama não se baseava apenas em suas proezas como tecelã de trajes para outrem, pois a costureira também era bastante conhecida por seu gosto em tecer comentários a respeito da vida alheia.

Assim sendo, não havia sequer uma pessoa das redondezas da qual Dona Quitéria não conhecesse a vida em detalhes. Tarde da noite, a costureira punha-se diante da janela e empenhava-se a espiar a rua para observar aqueles que lá transitavam. Quando alguma pequena aglomeração passava próximo ao seu posto de observação, Quitéria tratava logo de tentar “pescar” algo do assunto que conversavam. Às vezes, tentava observar os seus vizinhos por cima da cerca para ver o que faziam, porém, sua principal atividade além da costura era observar os casais que passeavam durante a noite pela cidade, muitas vezes indo sentar-se no banco defronte à praça, a qual podia ser vista de sua janela. Procurava observar tudo o que faziam, para no dia seguinte ir narrar tudo à sua amiga Augustina.

Como nunca se casara, ainda residia na casa de seus pais, cuja idade avançada já não permitia que exercessem tarefas que contribuíssem para o sustento do lar; logo, esta obrigação ficava ao encargo da costureira, e de seu irmão, casado e pai de família, que morava a poucas casas de distância. Consequentemente, afora as atividades como tecelã, Quitéria ocupava-se em narrar à sua amiga Augustina, quando esta vinha lhe visitar em casa, todas as novidades que descobria a respeito dos vizinhos e conhecidos do entorno, geralmente distorcendo fatos e tecendo comentários maldosos. Augustina não aprovava este costume da amiga, e a mãe de

Quitéria lhe repreendia constantemente, porém ela não lhes dava ouvidos. Certa vez, já altas horas da noite, a curiosa costureira estava na janela tentando ouvir a conversa dos vizinhos quando sua mãe a surpreendeu:

– Minha filha, pare com essa mania de ficar querendo saber da vida dos outros! Não é assunto nosso o que eles fazem ou deixam de fazer! E feche logo essa janela!

– Quitéria, porém, não lhe dava ouvidos:

– Silêncio, mamãe! Eu quero ouvir! Parece que a sobrinha deles vai se mudar de casa e eu quero saber pra onde ela vai!

– Mas e o que é que isso tem a ver contigo, minha filha? Por acaso tu vais morar com ela? E trate de fechar logo essa janela! Onde já se viu? A gente não deve ficar procurando saber assunto que não é nosso, minha filha, Deus castiga! Ainda mais nesses horários, assim tarde da noite, não se deve ficar olhando lá fora.

– Ora, mamãe! O que é que tem de mais? – Indagou a filha.

– É que a noite é horário de gente morta, assim como o dia é horário de gente viva! Não é pra ficar olhando lá pra fora querendo saber da vida dos outros, não. Tudo isso tem um preço, minha filha. E feche logo essa janela e vá dormir! – Ordenou a mãe, enquanto Quitéria, a contragosto, obedecia.

No dia seguinte, a costureira correu até a casa de sua amiga Augustina para espalhar as fofocas da noite anterior. Após algumas canecas de café, a conversa prosseguia:

– ... Então foi isso, parece que aquela perdida tá esperando filho e agora os tios não querem mais ela em casa. Botaram ela pra fora, e foi muito bem feito! – Inventava ela. Enquanto isto, a amiga reprovava:

– Quitéria, deixe disso, mulher! Pra quê ficar assim ouvindo conversa dos outros só pra espalhar depois? Pare com esse costume feio. Daqui a pouco é tu que vai estar mal falada por aí. Tu já tens fama de fofoqueira, e ainda quer ser chamada de mentirosa? – Mas Quitéria não lhe dava ouvidos e prosseguia com seus relatos.

– Daqui a pouco é aquela perdida que vai estar mal falada, isso sim! Vai estar por aí, morando sozinha, igual àquela feiticeira maldita do final da rua. – E assim suas difamações continuavam...

Quitéria possuía muitos desafetos em Gurupá. Um deles era a “feiticeira” que morava na última casa da rua, próximo à mata. Na realidade tratava-se de uma mulher “desquitada”, como se falava em Gurupá, antes do termo “divórcio” ganhar popularidade. Seu marido a abandonara para ir viver com outra família, pois,

aparentemente, ela não seria capaz de gerar filhos (sendo esta a razão da separação). A partir de então, passou a viver sozinha em uma pequena casa de taipa nos limites da cidade. Esse acontecimento tornou a desafortunada mulher em alvo das fofocas e boatos da população, especialmente falando, de Dona Quitéria.

Em certa ocasião, ao notar que a moradora do fim da rua, provavelmente para evitar os falatórios ao seu redor, parara de frequentar a igreja aos domingos, Quitéria espalhara o boato de que a mesma provavelmente era praticante de feitiçarias, o que explicaria as ausências na casa de Deus e também o fato de ter sido abandonada pelo marido. A partir de então, ela passou a ser conhecida apenas como “a feiticeira”.

Apesar de nunca terem sequer trocado uma palavra, Quitéria nutria por esta vizinha uma grande antipatia e lhe desejava muitos males pelo fato da mesma não se enquadrar nos dogmas e tradições de sua religião. Para a costureira, a sua fé, mesmo que inconscientemente, servia como uma boa desculpa para manifestar suas visões e opiniões preconceituosas a respeito da sociedade ao seu redor. Desta forma, se algo na forma de proceder dos seus semelhantes não a agradava, a mesma tratava de, com suas palavras, condenar a pessoa e em seguida recorria à *Bíblia Sagrada* para corroborar seu preconceito. Quitéria era assim, todos sabiam, e assim ela conduzia o seu dia-a-dia.

– Olhe só, mamãe! – Exclamou Quitéria certa vez, novamente “pendurada” em sua janela. – A filha do Seu Pará, conversando lá na esquina com o menino da mercearia! Será que tão de namoro, nessa idade? O Seu Pará deve ser muito mole, mesmo, pra deixar a filha assim batendo perna na rua falando com esses rapazotes, igual mulher da vida... Se fosse minha filha...

– Mas não é tua filha! – Interrompeu a mãe. – Nem o rapaz é teu filho, então deixe de estar querendo saber da vida dos outros e sai já dessa janela, minha filha! Já está tarde e faz mal ficar procurando saber assunto que não é nosso!

– Tá bom, tá bom, mamãe! Já vou fechar a janela! – Disse Quitéria, impaciente. Porém, quando estava prestes a fechar a janela, algo a fez deter-se no meio do caminho. A “feiticeira” encontrava-se lá fora, parcialmente escondida pela escuridão das árvores defronte, caminhando de volta ao fim da rua.

– Desquitada maldita! – Disse Quitéria, para si mesma. – O que essa sem-vergonha tava fazendo a essas horas passeando na rua? Com certeza tava atrás de homem! Onde já se viu? – Esquecendo as recomendações de sua mãe, a curiosa mulher permaneceu na janela, pondo-se na ponta dos pés para tentar ver se a vizinha

realmente se dirigia para sua residência, ou se tomaria outro destino, porém o breu noturno não a ajudou e logo Quitéria a perdeu de vista. Sentindo-se frustrada, a mulher ainda permaneceu no mesmo lugar por alguns minutos e logo depois distraiu-se com os moradores da casa ao lado, dos quais conseguia, pela janela, ouvir um pouco daquilo que conversavam dentro de casa. Passados alguns momentos, notou que alguma coisa vinda da rua afrente atrapalhava a sua concentração ao tentar ouvir a conversa dos vizinhos ao lado. Começara como um ruído grave e distante, semelhante a um baixo rosnado, que se aproximava cada vez mais pela rua envolta na escuridão pontilhada por poucos lampiões a querosene. O arrepiante som se aproximava cada vez mais, agora acompanhado do barulho de folhas secas sendo pisoteadas. Quitéria teve medo e quis fechar a janela; porém, sua curiosidade falou mais alto. E esse seria o início de sua ruína e de seu castigo.

Enquanto àquilo, o que quer que fosse, se aproximava, Quitéria pôde perceber que emitia estranhos grunhidos, graves e agudos, o que somado ao som do mato sendo pisado, resultou no assustador ruído que escutara à distância. Assustada e com a respiração ofegante, a costureira notou que o responsável por estes grunhidos e guinchos já estava bastante próximo à sua casa e poderia passar diante da mesma a qualquer momento. À esta altura, já tomada pelo terror, a mulher fechou a janela o mais silenciosamente possível, lembrando-se das advertências de sua mãe: “Não se deve ficar olhando lá fora à noite querendo saber o que não é da nossa conta. Ainda mais tarde da noite, que é hora aziaga...”

Apesar do medo que lhe corroía, Quitéria não resistiu à vontade de saber qual mistério aqueles sons lhe revelariam, então decidiu fechar a janela deixando apenas uma pequena fresta de cerca de uma polegada para que pudesse observar a rua às escondidas. O que viu do lado de fora a surpreendeu, pois o que fitava através da fresta não se tratava de um ser humano como julgara à princípio, mais sim uma porca de grandes proporções, acompanhada de sete filhotes que lhe acompanhavam ao encalço. De imediato, a costureira percebeu três coisas: a primeira foi a origem daqueles guinchos assustadores pois a porca grunhia gravemente enquanto seus bacorinhos lhe respondiam emitindo “gritos” agudos. A segunda coisa que notou foi que o vislumbre daqueles animais lhe causou fortes arrepios que lhe congelaram naquele lugar, como se estivesse paralisada pelo medo. A terceira foi que a origem daqueles suínos não podia ser deste mundo.

Apesar de porcos serem animais comuns em Gurupá, sendo criados por um grande número dos moradores da cidade, e Quitéria ser acostumada com os mesmos, havia algo naqueles espécimes que lhe causava um grande desconforto, fazendo-a se sentir como se estivesse presa em um terrível pesadelo. Seus braços e pernas não lhe respondiam os comandos e sua mente era dominada pelo pavor a cada segundo que lhe pareceram longos minutos. Mesmo que, aos olhos, aqueles parecessem suínos normais, por alguma estranha razão, observar aqueles animais a fazia sentir como se estivesse olhando para algo que realmente não deveria ser visto por olhos humanos, como se fosse algo errado, algo fora do comum, algo profano. A amedrontada mulher, que não notara quando lágrimas começaram a lhe escorrer pela face, começara a se lamentar pelo fato de não ter dado ouvidos à sua mãe antes. Ela encontrava-se totalmente arrependida de não ter fechado a janela e ido dormir quando pôde e agora, paralisada pelo pavor, era obrigada a observar as terríveis criaturas que com certeza não eram deste mundo deterem-se diante de sua casa para fuçar o canteiro do vizinho defronte.

Mesmo tomada pelo medo, a curiosa costureira não pôde deixar de notar que os seres sobrenaturais que observava diante de casa haviam seguido o caminho contrário ao que fizera a feiticeira momentos antes, ou seja, a mulher tão detestada por Quitéria subira a rua e poucos momentos depois a horrível porca descera a mesma seguida de perto por seus estridentes leitões. “Isso só pode significar uma coisa”, pensou ela, observando pela estreita fresta da janela entreaberta: a feiticeira era a porca!

– Aquela mulher maldita vira porco pra depois ficar fazendo visagem para as pessoas decentes da vizinhança! – Exclamou para si mesma. E, contente com sua descoberta, Quitéria pôde perceber que acabara de recobrar seus movimentos. Porém, mal havia terminado de falar quando percebeu que aparentemente fora ouvida. Todos os suínos ficaram em silêncio e, muito lentamente, viraram suas cabeças em sua direção. Foi então que ela notou que todos possuíam olhos brilhantes que faiscavam como fogo na escuridão.

Quitéria logo percebeu que mesmo através da pequena fresta pela qual ela vislumbrava o exterior, os assombrosos seres da rua também conseguiam observá-la dentro de casa. Novamente aterrorizada, ela finalmente fechou a janela pouco depois de notar que os porcos começaram a cruzar a rua em direção à sua casa.

Ela colocou a tranca atrás da janela e sentou-se à beirada da cama enquanto começava a ouvir sons de passos e grunhidos ao redor de sua casa. Com medo, ela deitou-se e procurou nas suas cobertas alguma proteção contra o som arrepiante que aqueles animais causavam. Na escuridão, sentira vontade de chamar seus idosos pais para que a acudissem, porém ambos dormiam profundamente a roncamentos altos enquanto que Quitéria, novamente paralisada pelo medo, não conseguia emitir som algum. Lá fora os sons continuavam e se estenderam madrugada adentro. Sem conseguir adormecer, Quitéria fora obrigada a ouvir, noite afora, os grunhidos e guinchos dos assombrosos seres que agora, ao que lhe parecia, corriam ao redor da casa emitindo sons estridentes. Ela já não sabia se estava sonhando ou acordada. Paralisada em sua cama, coberta de lençóis, de suor e de pavor, ela não fazia ideia de que horas o relógio marcava e também de que horas começara a chover, pois quando deu por si, grossos pingos de chuva estavam caindo ao teto de sua casa e trovoadas faziam as janelas e paredes da casa de madeira reboarem como se a tormenta já estivesse caindo por horas a fio, sem que a costureira tivesse percebido.

Mesmo com a chuva forte que insistia em castigar o telhado de sua moradia, Quitéria continuou a ouvir o som dos porcos a rondar a casa, chapinhando nas poças de lama ao redor. Momentos depois os sons se tornaram cada vez mais próximos até que ela percebeu que os suínos se encontravam em baixo de sua casa, pois a modesta residência, feita de madeira, fora construída a cerca de um metro acima do solo para que assim não fosse vítima de possíveis alagamentos. Desta forma, o espaço entre sua casa e o solo enlameado abaixo era mais do que suficiente para que um animal de porte médio pudesse espreitar na calada da noite, como de fato acontecia neste momento.

Sob o seu assoalho, Quitéria ouvia os suínos se aproximarem cada vez mais, guinchando assombrosamente, farejando e acercando-se como se lhe chamassem pelo nome. Imediatamente, num acesso de pânico, ela percebeu que seus pés estavam descobertos. Temendo tolamente que algo pudesse agarrá-los, tentou se mover para cobri-los; porém, o medo a impedia, então a costureira se conformou em permanecer quieta, parcialmente embrulhada, suando e sentindo-se sufocada pelo cobertor sobre sua face enquanto ela ouvia os sons abafarem-se gradualmente e, aos poucos, silenciarem.

O calor a atormentava e a camisola lhe grudava ao corpo conforme seu suor escorria frio pelas costas. O momentâneo silêncio lhe deu coragem para se mover

novamente e assim ela pôde retirar o cobertor e respirar aliviada. Na escuridão do quarto e sentindo-se um pouco aliviada do calor, ela respirou profundamente em grandes arfadas e procurou ouvir algum sinal dos porcos que há pouco lhe assombravam. Passado um minuto e não tendo ouvido nada, Quitéria pôde, pela primeira vez naquela noite, sentir-se aliviada. Sentou-se na cama com a intenção de procurar pelo seu terço e iniciar algumas orações. Seus pés mal haviam tocado o chão quando, de repente: “BLAM!”, um impacto estrondoso sacudiu a casa inteira. Quitéria deitou-se novamente no mesmo instante em que o ruído dos porcos recomeçara, notavelmente mais estridente que antes. “BLAM! ”, um segundo impacto anunciou, pelo estremecer de sua cama, que os animais se encontravam agora exatamente em baixo do quarto de Quitéria, e que a porca mãe batia com a cabeça no lado inferior do assoalho de madeira agora que havia localizado sua presa. Os filhotes guinchavam em um volume agonizante enquanto Quitéria, na cama, chorava e tentava rezar sem conseguir acertar nenhuma oração. “BLAM! ”... a terceira batida foi acompanhada pelo primeiro canto de galo da madrugada, o que causou à mulher um pequeno alívio, pois este era um sinal de que a luz da manhã não tardaria a chegar.

Após alguns minutos, os ruídos abaixo de sua casa silenciaram por completo e, aos poucos, Gurupá despertava para mais um dia. Somente quando ouviu o som de sua mãe, que se levantava antes do nascer do sol para ir preparar o café, Quitéria teve coragem para se levantar também. Atordoada, ela se dirigiu até a cozinha, apoiando-se nas paredes do corredor.

– Bom dia, minha filha – Desejou sua mãe, distraída, enquanto limpava a mesa.

– A “bença” mamãe – Respondeu Quitéria sentando-se à mesa, em frente à idosa senhora.

– Deus te abençoe. Que é que tu tens? Tu estás pálida, menina! Não dormiu direito?

Quitéria então lhe narrou os fatos ocorridos durante a noite anterior. Após a surpresa da mãe por não ter ouvido absolutamente nada durante a noite toda, ela lhe repreendeu:

– Eu não te disse pra não ficar olhando lá fora de noite procurando saber de assunto que não é teu, minha filha? Com certeza isso foi castigo de Deus, essas visagens ficarem fazendo “malinação” contigo! – E em seguida a idosa pediu a seu marido que fosse olhar o terreno da casa para verificar se ainda havia algum sinal dos suínos misteriosos. “Olhem só aqui fora! Venham ver! ”, bradou o senhor do quintal,

chamando a esposa e a filha que, apreensivas, corresponderam ao chamado. Ao chegarem no quintal, a surpresa das duas foi considerável ao constatarem que não só os animais assombrosos haviam desaparecido, como também não haviam deixado para trás nenhum rastro aparente. Quitéria esperava ver, no mínimo, as pegadas daqueles animais impressas na lama que se acumulava no quintal após cada chuva, porém nem mesmo esta houvera deixado sinais que comprovassem algo dos fatos ocorridos na madrugada anterior, pois o lado exterior da casa, assim como o terreno e o restante da cidade inteira estavam completamente secos a não ser pelo orvalho matinal.

Após os misteriosos acontecimentos daquela noite, Quitéria começou a espalhar para todos aqueles que se mostrassem dispostos a lhe ouvir, que durante uma noite inteira de puro terror, houvera sido assombrada pela feiticeira que morava no casebre do fim da rua. Muitos não lhe deram crédito ao se recordarem de episódios anteriores onde a costureira andara espalhando histórias de lobisomens pela cidade, porém, alguns dias depois a história da misteriosa porca havia se espalhado de tal maneira que a pobre casa do final da rua começara a ser vítima constante de pedradas por parte de uma parcela mais intolerante da população de Gurupá.

“Bem feito para aquela feiticeira maldita!” Dizia Quitéria, inflexível. Depois de passar por tamanha experiência, o seu preconceito parecia só haver aumentado, assim como o seu ódio pela mulher a quem julgava ser responsável por fazê-la vivenciar semelhante trauma. Entretanto, mesmo após estes fatos, a costureira envaidecia-se pela atenção que começara a receber da comunidade depois que sua história se disseminou. Passadas algumas semanas, várias pessoas já afirmavam ter avistado a espectral porca e seus sete filhotes, vagando por terrenos baldios e encruzilhadas escuras na madrugada. Sempre que ouvia tais relatos, Quitéria retrucava com “sim, mas a primeira pessoa que viu fui eu!”. Enquanto isso, as hostilidades contra a mulher que, supostamente, se transformava na porca só aumentavam.

Em certa ocasião, na saída da missa dominical, ela narrava, não pela primeira vez, a sua noite de terror à sua amiga Augustina:

– ... E eu não acredito que ainda não lincharam essa desquitada nojenta. A população devia é derrubar aquela casa com ela dentro! – E a amiga, que já conhecia a história de cor, apenas respondia cansada:

– Mas minha amiga, deixe disso. Pra quê tanto ódio? Acabamos de sair da igreja! Pare de ficar desejando o mal pros outros! – Mas Quitéria não lhe dava ouvidos:

– Essa mulher pagã é quem deseja o mal dos outros andando por aí à noite virada em porca! Eu, como mulher cristã, só quero o bem! Por isso que essa mulher tem mais é que desaparecer daqui! – Augustina apenas silenciava.

Dito e feito. No dia seguinte, após ser xingada publicamente na rua principal enquanto comprava hortaliças, a moça que chamavam de feiticeira não suportou mais as hostilidades das quais vinha, há tempos, sendo vítima. Ao chegar dentro de sua casa, no final da rua, amarrou uma corda nas madeiras do telhado e com ela se enforcou. Seu cadáver só foi descoberto dias depois, quando o fedor de decomposição chamou a atenção dos vizinhos mais próximos. Quitéria não coube em si de contentamento quando soube da notícia.

Porém, para a surpresa de todos, a porca e seus sete leitões continuaram sendo avistados por toda a cidade nos dias seguintes. “Como isso é possível?” Diziam uns. “Será que a feiticeira não morreu?” Diziam outros. Enfim, para que não restassem mais dúvidas, uma parte da comunidade, formada por seus mais valentes membros, decidiu reunir-se à noite para caçarem o assombroso animal.

Dias depois, após várias tentativas sem sucesso, os suínos finalmente foram avistados, esgueirando-se por uma rua deserta, iluminada por lampiões e por seus olhos brilhantes como fogo. Naquela noite, Gurupá inteira havia despertado no meio da noite com os gritos de vários homens que diziam “Pega! Pega!”, e também “Mata!” Por fim, depois de muita perseguição por matagais e pelas ruas adjacentes, ao chegar aos limites da cidade, os sete leitões e sua mãe desapareceram mata adentro sem deixar rastros, porém pouco antes disso alguém conseguiu golpear a porca no pescoço com um facão bastante afiado. Os que estiveram presentes na ocasião afirmaram que ao ser golpeado, o animal emitiu um terrível grito quase humano que arrepiou e causou tremores em todos os que lá estavam. Após terem ferido o misterioso ser, todos se dispersaram, prometendo voltar no dia seguinte para procurar o cadáver do animal com a ajuda da luz do sol. “Ninguém sobreviveria a um golpe daqueles!” Foi o que disseram, e assim todos se foram para as suas casas, ansiosos para que o dia não tardasse a chegar.

O sol mal havia raiado quando a notícia de que a porca fora finalmente abatida correu por toda a cidade, a qual amanhecera cheia de rastros de sangue por toda a parte, para atestar a execução daquele bicho assustador. Muitas pessoas se

levantaram o mais cedo possível para procurar o cadáver do animal e assim, solucionar o mistério de sua real identidade uma vez que a “feiticeira” já estava morta há dias atrás. Quitéria também se levantara com o cantar do galo para ir até a casa de sua amiga Augustina para comentar sobre os fatos ocorridos na noite anterior, sem dar ouvidos aos apelos de sua mãe que dizia “fique em casa, minha filha, não vá pra rua ficar olhando essas desgraças! Deus me livre!”.

Ao chegar na casa da amiga, Quitéria percebeu imediatamente que algo não estava bem, pois o portão já estava aberto quando ela chegou e o terreno estava cheio de rastros de sangue que levavam até dentro da casa, cuja porta também estava aberta. Temendo o pior, ela entrou correndo na pequena residência e seguiu a trilha vermelha no chão, que a levou até o quarto de Augustina. Lá dentro a cena era terrível: o quarto estava coberto de sangue no assoalho e paredes, os poucos móveis estavam quebrados, reduzidos a uma pilha disforme de madeira e sobre a cama, nua e ensanguentada, encontrava-se Augustina, mortalmente ferida no pescoço. Seu cadáver tinha os olhos abertos como se olhasse diretamente para Quitéria, cujo grito de horror grande parte da comunidade ouviu. Passado algum tempo, muitos daqueles que tomaram partido na caçada do suíno afirmaram que o grito de Quitéria naquela manhã foi pior que o emitido pela porca na noite anterior.

Depois daquele fatídico dia, Quitéria nunca mais foi a mesma. Não saía mais de casa, não falava mais com ninguém e pelo pouco tempo que viveu depois disto, nunca mais olhou nenhuma pessoa cara a cara, pois sempre se recordava dos olhos faiscantes dos suínos que vieram lhe assombrar e também dos olhos do cadáver de Augustina, focados acusadoramente sobre ela quando adentrou seu quarto. Tampouco dormia, pois, a noite toda ouvia abaixo do seu assoalho os guinchos estridentes dos sete leitões espectrais à procura da mãe, fuçando e grunhindo pelo terreno de sua casa. Dias depois, sem mais conseguir viver nesta situação, Quitéria seguiu o mesmo destino da mulher injustamente acusada de feitiçaria, e enforcou-se em seu próprio quarto, sendo encontrada pelos pais no dia seguinte. Poucas pessoas compareceram ao seu velório, pois, apesar de excelente costureira, não era querida por boa parte da população. Quanto aos sete filhotes visagentos da porca, eles nunca mais foram vistos por ninguém e muitos poderiam dizer que também morreram, a não ser pelo fato de que, no cemitério do município, grama mastigada e pegadas suínas terem sido constantemente vistas sobre dois túmulos: um em cuja lápide está o nome de Augustina e outro em que está o nome de Quitéria.

5 – SUA IRMÃ FALECIDA LHE CHAMA

Gurupá – 2005.

O pescador Beno e sua esposa Bete sempre se divertiram com o fato de possuírem praticamente o mesmo nome. Bernardo e Bernardete, conhecidos por todos pelos apelidos citados anteriormente, eram moradores de Gurupá e sempre que caminhavam juntos pela cidade, as pessoas que os conheciam gritavam “Lá vem os Bernardos!”... e assim todos davam risadas alegres e os queriam bem. De fato, era um casal bastante querido na cidade, ou seja, o último tipo de pessoas às quais se desejaria que uma tragédia acontecesse, isto é, se é que alguém naqueles pacatos arredores seria capaz de desejar algum mal a um semelhante.

Assim como Beno e Bete eram queridos, também os eram suas famílias. Todos bastante conhecidos, alegres, trabalhadores e de bom caráter. Bete tinha várias irmãs: seis, para ser mais exato. Dentre estas, sua maior confidente e amiga era a caçula, Ana Maria, que ainda não se casara. Ana Maria também era, das irmãs, a mais popular na cidade e todos a conheciam e a tinham como amiga. Dessa forma, todos eles, apesar de bastante humildes, constituíam uma grande e respeitada família em Gurupá.

Pouco depois de casarem-se, Beno e Bete iniciaram sua vida juntos ainda morando na casa dos pais da esposa. Um ano depois, a oportunidade surgiu para o jovem casal durante um almoço em família. Enquanto todos estavam sentados à mesa, Nilson, que era casado com uma das irmãs de Bernardete, entrou na cozinha:

– Olá, gente, bom dia! Estou entrando, hein?

– Bom dia meu filho! Entre e vá se servindo. Olha só, tem peixe frito, tem açaí, tem camarão... – Convidou a matriarca da família, mãe de Bernardete, conhecida por toda a cidade como “Dona Preta”, mulher austera, porém generosa e de grande coração.

– Não, Dona Preta, obrigado! Acabei de comer na rua; estou cheio. Eu só vim falar rapidinho com o Beno, e... – Porém a dona da casa não quis saber de conversa.

– Ora essa, e onde já se viu chamar essas porcarias que vendem na rua de almoço, menino? Trate já de se sentar e servir seu prato! – O rapaz ainda tentou argumentar, mas não houve saída. Assim sendo, alguns minutos e tigelas de açaí

depois, com todos reunidos à mesa, Nilson informou aos presentes o motivo de ter vindo procurar Beno:

– Então, como eu ia dizendo, vocês se lembram do meu vizinho, o Jê? Pois então, o irmão dele vai se mudar pra Porto de Moz e tá querendo vender a casa dele lá no Carrazedo, baratinho! – E dirigiu-se ao jovem casal: Vocês não estão interessados?

E assim começou a vida a sós de Beno e Bete. Após algumas negociações, empréstimos e a venda de um pequeno barco a motor de Bernardo, o casal, enfim, mudou-se para a Vila do Carrazedo. Lá a vida era pacata e os vizinhos já eram seus velhos conhecidos, de modo que ambos se adaptaram ao lugar rapidamente. Tempos depois, com a chegada do primeiro filho, eles puseram em prática o plano de ampliar a pequena casa de madeira. Assim sendo, aos fundos da casa, foi construído um quarto extra para que uma das irmãs de Bernardete pudesse ocupá-lo e auxiliá-la nos cuidados do bebê.

A voluntária foi Maria das Graças, conhecida apenas como “Graça”, que já possuía dois filhos crescidos e, dessa forma, poderia ausentar-se por algum tempo de Gurupá e ajudar sua irmã Bete sem causar maiores preocupações. Graça instalou-se no quarto dos fundos e passava o dia com Bernardete cuidando do recém-nascido, ajudando nas tarefas domésticas e se dava muito bem com seu cunhado Beno, a quem tinha como grande amigo. Porém, enquanto na Vila de Carrazedo a vida seguia tranquilamente, em Gurupá alguns atritos familiares ocorriam:

– Por favor, mamãe! Deixa eu ir!

– Eu já disse que não, menina! Quantas vezes mais vou ter que falar?

Ana Maria, a irmã caçula de Bernardete, não se conformava com o fato de não ter sido escolhida para ir cuidar do seu novo sobrinho na vila do Carrazedo, e insistia para que sua mãe reconsiderasse:

– Mas por favor, eu quero ver o neném! Ainda nem vi meu sobrinho! Deixa mamãe...

– E tu vais fazer o quê pra lá, menina? Só vais atrapalhar tua irmã. Além do mais, tu ainda tens escola! Tem mais é que estudar, isso sim! – E com este argumento a mãe dava a conversa por encerrada; contudo, Ana Maria não se dava por satisfeita. Telefonou para a casa de Seu Valdir, o único morador de Carrazedo que possuía telefone naquela época e, por intermédio dele, enviou um recado para sua irmã Bete. Quando ela lhe retornou a ligação, Ana Maria lhe narrou todo o ocorrido e desta forma,

quando Bete conversou com sua mãe, ambas puderam chegar a um consenso: A irmã caçula poderia lhe visitar no Carrazedo, contanto que tais visitas se resumissem aos finais de semana, de modo que não viessem a interferir em seus estudos.

E assim aconteceu. No primeiro final de semana após o combinado, Ana Maria, acompanhada dos pais, já se encontrava no trapiche de Gurupá aos primeiros raios de sol, com a mochila às costas aguardando ansiosamente o barco que a levaria à vila de Carrazedo. Quando este atracou na beirada de concreto, a garota despediu-se rapidamente de seus pais, que lhe deram a bênção, e subiu na embarcação. Foi a última vez que eles a viram.

Anos haviam se passado após aquele terrível naufrágio. Benó e Bete já possuíam dois filhos fortes e saudáveis, os quais ainda nem mesmo haviam chegado na fase da adolescência, mas já remavam e pescavam tão bem quanto o pai. Benó se orgulhava dos filhos e também de ter uma família feliz; porém, ele tinha de admitir que sua família nunca mais fora tão feliz quanto o foi na época anterior ao terrível acidente fluvial. Sua esposa e sogros sempre se culpavam pelo ocorrido, mesmo que, na verdade, não possuíssem culpa alguma pelo fato e, sempre que podiam, faziam longas visitas ao túmulo da garota. Bete nunca tocara no assunto, mas sempre desconfiou que o que mais os fazia sofrer era o fato de terem sepultado um caixão vazio, pois o corpo de Ana Maria nunca fora encontrado após o naufrágio. Seu cadáver foi o único que desapareceu, aparentemente levado pelas águas do Rio Amazonas.

Carrazedo (ALGUNS MESES APÓS O SEPULTAMENTO)

Benó agarrara sua esposa e ambos caíram rolando pelo pequeno cais de madeira defronte ao rio.

– Tá ficando doida, mulher? Olha o que tu já ias fazendo! Ias se jogar no rio! – Dizia Bernardo, transtornado.

– Eu ouvi a voz dela me chamando, Benó, eu ouvi! – Respondia sua esposa, desabando no ombro do marido e chorando aos gritos. Bernardo abraçou a esposa, também se pôs a chorar e lá, sob a chuva, ambos ficaram vários minutos. Era uma chuva torrencial e a maré estava cheia. A família estava protegida dentro de casa e o bebê estava dormindo em uma rede na sala de estar quando Bernardete, que embalava a rede de seu filho, estancou pálida. Ficou parada por alguns segundos e de repente disse que tinha ouvido a voz da irmã lhe chamando. A mulher correu para

a chuva, parou e escutou novamente. Ouviu o chamado mais uma vez. Concluiu que a voz viera do rio e no mesmo instante atravessou a ponte de madeira, disposta a atirar-se nas águas do rio Xingu, até que fora impedida pelo marido.

– Eu ouvi Beno, juro que ouvi! – Repetia Bernardete.

– Tudo bem, meu amor. Mas já passou, vamos sair dessa chuva, vamos pra dentro de casa, vamos! – Amparava-a Bernardo, também chorando. Enquanto sua cunhada Graça os observava da porta, embasbacada, com o bebê no colo, Beno enxugava as lágrimas. Na verdade, não chorava pela sua esposa, e sim pelo choque de também ter escutado em meio ao barulho da chuva, a voz distante da finada Ana Maria gritando do rio: Bete! Sou eu, tua irmã Ana Maria! Eu estou bem, estou aqui! Vem cá comigo!

Nos meses que se seguiram, vários outros casos misteriosos vieram a acontecer com aquela família. Em certa ocasião, enquanto almoçavam alguém batera à porta anunciando “ó de casa!”. Beno, sempre hospitaleiro, quando recebia visitas, sempre costumava gritar para a pessoa entrar e se servir de um prato; porém, dessa vez, não reconhecera a voz que lhe gritava e, sabendo não se tratar de um vizinho, preferiu ir até a porta para averiguar de quem se tratava aquela voz. Ao abrir a porta, deparou-se com uma senhora idosa, toda vestida de branco que lhe desejou boa tarde e identificou-se como Dona Domingas de Oxóssi. Acompanhados dela estavam dois homens de meia-idade, também vestidos de branco, que ela apresentou como sendo seus filhos e atrás deles, em uma pequena embarcação a motor, estava o homem que os trouxera até o Carrazedo, um pescador de Gurupá conhecido como Caranguejo, velho conhecido de Beno.

– Oi pessoal, muito prazer! Oi Caranguejo, tudo bem, meu amigo? “Vamo” entrando, “vamo” entrando – Convidava Bernardo.

– Boa tarde, meu filho, com licença – Dizia Dona Domigas, adentrando a residência.

– Podem ficar à vontade, minha gente, a casa é de vocês. Então, em que eu posso ajudar? – Perguntava Beno enquanto lhes oferecia copos d’água. E assim, com todos devidamente acomodados, a idosa se apresentara.

Ela tratava-se de uma maranhense que há muitas décadas viera residir em Belém do Pará para chefiar uma das Casas de Nagô da cidade, pertencentes à religião afro-brasileira do Tambor de Mina. Dona Domingas de Oxóssi, como era conhecida, comungava com vários entes sobrenaturais e divindades em seu terreiro localizado

no bairro da Pedreira em Belém, dentre eles voduns e caboclos encantados; porém, dias atrás, em um festejo devotado à cabocla Mariana, entidade muito respeitada no Tambor de Mina, outra entidade “descera” para dançar e se alimentar: uma garota de nome Ana Maria, que dizia morar “lá pras bandas de Gurupá”.

– Mas que menina insistente, meu Deus, e sabe dobrar os outros na conversa! Deve ter sido por isso que a cabocla Dona Mariana simpatizou com ela e a deixou baixar em seu lugar. Elas são parecidas até no nome: Mariana e Ana Maria – Dizia a idosa, se recordando da entidade que se manifestara em seu terreiro – Depois disso, todo dia essa pequena baixava em uma das feitas da casa e pedia pra eu vir aqui deixar um recado! Tanto fez, tanto fez, que viemos aqui, eu e meus filhos trazer o recado da pobrezinha. Ela nos informou direitinho como proceder e com quem se informar quando chegássemos na cidade. Daí em Gurupá nós falamos com o rapaz do barco e ele nos trouxe até aqui – Benó e Bernardete observavam a senhora diante deles, boquiabertos.

– E o que foi que ela disse, Dona Domingas? Qual foi o recado que ela deu? – Perguntava Bernardete, aflita.

– Então, minha filha, ela manda dizer que não está morta, pois foi encantada. Agora ela mora no fundo do rio na “linha da encantaria” com outros encantados. Por isso o corpo dela não foi encontrado; ela agora é “gente do fundo” e está feliz e bem, morando numa cidade dourada onde só as pessoas encantadas podem chegar. – Naquela região, as histórias de encantarias são bastante comuns, então os habitantes da pequena residência não se surpreenderam quando ouvem tais relatos. A verdadeira surpresa os pegou em cheio quando Dona Domingas prosseguiu:

– ... a pequena manda dizer que sente muito a tua falta, minha filha – Disse a mãe de santo dirigindo-se a Bernardete. – E disse que quer te ver. – Todos ao redor empalideceram, menos a senhora Domingas e seus filhos. Caranguejo decidira voltar ao seu barco, pediu licença dando uma desculpa e se afastou dizendo “Deus me livre!”, enquanto se benzia. Bete estava à beira das lágrimas:

– Vou poder ver minha irmã? – Perguntava esperançosa.

– Sim, minha filha, mas tem uma coisa. Tua irmã manda dizer que quer que tu vás morar com ela. Ela mandou fazer esse convite e se tu tens coragem, vá até Gurupá na próxima sexta-feira de lua cheia à meia-noite, naquele barranco que dá para o rio, defronte à igreja de Santo Antônio. É lá que ela vai estar te esperando.

Bernardo agarrou o ombro de sua esposa como que para impedi-la de atender a tão sinistro convite, mas isto não era necessário pois Bernardete agora encontrava-se apavorada.

– Mi-minha i-irmã quer que eu vá morar junto dela? – Gaguejava a moça.

– Sim, ela disse que ama todas as irmãs, mas era mais apegada contigo, que era a melhor amiga dela. – Afirmou a mãe de santo, e emendou – Mas olha, minha filha, eu não recomendo isso, não. Tu tens família, tens filho pra criar, e quem vai pro fundo nunca mais volta. A linha dos encantados não oferece retorno pra quem a cruza. Tua irmã tem que se desapegar das pessoas que ficaram neste plano, mas ela vai aprender isso com o tempo, não se preocupe. Mas por enquanto, eu, se fosse tu, ignorava as insistências dessa menina, que logo, logo ela se aquieta. Mas por enquanto, fica feliz, ela está vivendo bem, e está feliz onde está.

– Então a senhora acha que eu não devo ir? – Perguntou Bete.

– De jeito nenhum, minha filha, aquele lugar não é pra você, não – E com isso, a idosa encerrou o assunto. – Vamos, meus meninos – Falou ela, se dirigindo aos dois homens que a acompanhavam – Vamos embora pra Gurupá, que a balsa pra Belém vai passar hoje à noite.

Antes de retornar ao barco de Camarão, Dona Domingas receitou ao casal alguns “banhos de cheiro” para limpar a alma e afastar energias negativas. Tomando à mão uma folha de Maranta e um chocalho de semente de Buiúçu ela “rezou” a casa para tirar mazelas, “malinações” e protegê-los de espíritos ruins. Quando terminou, abraçou os dois e se despediu.

– Bem, meus filhos, agora eu já vou. Por favor, vão me desculpando qualquer coisa e quando forem pra Belém, venham me visitar no terreiro, que a casa é de vocês – Falou ela entregando a eles o seu endereço anotado em uma folha de caderno.

– Pode deixar, Dona Domingas, vamos sim, obrigado por tudo e boa viagem pra vocês! – Despediu-se o casal. Entrando no barco de Caranguejo, a idosa se virou e falou para os dois:

– Que as três irmãs turcas abençoem vocês e sua família! – E assim, a velha mãe de santo partiu, deixando Beno e Bete sem entender o que a sua benção queria dizer.

Com o passar do tempo, Bete dormia cada vez menos. Muitas vezes passava a noite em claro e nas raras ocasiões em que era vencida pelo sono, era atormentada por terríveis pesadelos onde se perdia por uma cidade no fundo das águas barrentas

do rio. Em seus sonhos, ela sempre escutava uma voz lhe chamando às costas, porém nunca tinha coragem de se virar e atender ao chamado; tentava nadar para cima, mas alguma força a segurava ao chão e a conservava presa tendo que andar lentamente pela cidade submersa, lutando contra a força das águas e sentindo-se sufocar cada vez mais. Muitas vezes percebia, em meio à névoa barrenta das águas, peixes de enormes proporções nadarem lentamente ao seu redor pelas ruas da cidade e por diversas vezes pensou ter visto a silhueta enorme da cobra grande passando por trás das casas inundadas. Enquanto sufocava, a voz que lhe chamava se aproximava cada vez mais. Pensando que iria morrer afogada, podia ver pelos cantos dos olhos uma sombra mover-se às suas costas, e a voz lhe chamava mais de perto. Decididamente se afogando e engolindo grandes quantidades de água, Bernardete fechava os olhos no mesmo momento em que sentia uma mão gélida lhe agarrar o ombro. Nestas horas, ela sempre acordava muito suada e gritando, acordando todos da casa, inclusive o bebê, que também despertava aos berros.

Desde então, decidira dormir o menos possível, com o intuito de evitar tais pesadelos. Porém, algumas vezes durante suas noites em claro, ela preferia ter ido dormir anteriormente, pois nestas noites escutava o som de passos pisando nas folhas secas ao redor da casa, e também o som de vários mergulhos no rio adiante, como se várias pessoas em festejo estivessem pulando da ponte do vilarejo para as águas frias da madrugada. Esses estranhos sons prosseguiram até o amanhecer, e Bernardete, a cada dia, ficava mais aterrorizada.

Bernardo também pouco dormia, preocupado com a esposa, e fazia o máximo possível para confortá-la. Ele também estava passando por momentos difíceis. A todo momento, durante suas pescarias nos igarapés próximos, era surpreendido por estranhos arrepios na nuca e nos braços, e tinha a sensação de estar sendo observado por alguém escondido atrás das moitas ao redor. Certa noite, ao não conseguir dormir, e em uma das raras vezes em que sua esposa conseguira, Beno ouvira o som de passos em volta de sua casa. Ao aproximar seus olhos a uma das frestas entre as tábuas da parede, Beno observou com espanto o que seria no mínimo dez pessoas estranhamente vestidas, caminhando sob a luz do luar no terreno de várzea ao redor da humilde palafita. Algumas trajavam-se com vestimentas de séculos passados, enquanto que outras vestiam-se com plumas habilmente trançadas, como indígenas. Tomado por fortes arrepios no corpo, o pescador levantou-se silenciosamente e foi verificar se as portas e janelas estavam devidamente trancadas.

Após a breve verificação, retornou ao quarto evitando ao máximo causar rangidos no assoalho de madeira e deitou-se ao lado da esposa, porém sem a esperança de conseguir dormir após a peculiar visão. Beno não teve coragem para olhar novamente para fora de casa, então ficou desperto a noite inteira rezando e só ousou se levantar depois do nascer do sol, quando ouvira o som de seus vizinhos andando pela ponte da vila e cumprimentando uns aos outros.

Graça, por sua vez, também vivenciara momentos sobrenaturais de medo e tensão relacionados aos seres encantados que por lá rondavam. Em certo dia ela estava nos fundos da casa e, enquanto sua irmã e cunhado estavam fora comprando mantimentos e o bebê dormia no quarto, ela aproveitava este momento para lavar as louças no jirau que se localizava do lado exterior do parapeito da janela da cozinha. A janela em questão, por posicionar-se exatamente na parte de trás da residência, possuía uma vista privilegiada das matas de floresta densa que permeiam a retaguarda do vilarejo, de modo que a pessoa que está em pé diante da mesma, ao lavar louças como era o caso de Graça, pode admirar um verdadeiro espetáculo natural amazônico. Contudo, foi deste espetáculo que a irmã de Bernardete ouviu chamarem o seu nome.

– Graça! Graça! – A mulher interrompeu os seus afazeres e apurou os ouvidos. Nada ouviu, então pensou que talvez tivesse sido sua imaginação. Voltando à tarefa, ela mal pusera suas mãos nas panelas, quando de repente:

– Graça! Graça! – Desta vez ela ouviu claramente. Saindo da cozinha, ela desceu a pequena escada de madeira que levava ao terreno de trás. Sentindo-se castigada pelo sol quente, olhou ao redor para tentar identificar quem a chamara, porém nada viu além de patos e galinhas ciscando o chão. Passados alguns minutos, ela ouviu novamente:

– Ei! Graça, venha aqui! – Agora ela tinha certeza. Tratava-se de uma voz masculina que a chamava de dentro da mata adiante. Sob circunstâncias normais, Graça jamais iria ao encontro de uma voz misteriosa que chamava por seu nome mata adentro, porém algo naquela voz a atordoava, entorpecia seus sentidos e, quanto mais tentava evitar, mais seus pés a levavam em direção ao som. Sentindo vertigens, ela chegou até os limites que separavam o vilarejo da floresta atrás do mesmo. Olhando para as árvores que pareciam estar girando ao seu redor ela perguntou:

– Quem está aí? – Sua voz lhe parecera um sussurro, e ninguém lhe respondeu. Reunindo suas forças e sentindo suas pernas fraquejarem, ela puxou o fôlego, apoiou-se em uma árvore e gritou:

– Quem é que tá aí? Quem tá me chamando? – Prestes a sentir que ia desmaiar, ela segurou-se em um galho baixo e, procurando respirar profundamente, ela obteve sua resposta.

– Aqui, Graça! – Ela olhou na direção da voz e quase morreu de susto. Ao longe, entre árvores e arbustos estava parado um homem, que Graça imediatamente notou que não pertencia a este mundo. Ele estava inteiramente vestido de roupas brancas, era magérrimo e sua pele e cabelos eram tão brancos quanto sua vestimenta. Seus olhos eram como os de um esqueleto, no lugar dos mesmos somente haviam duas órbitas vazias, dois poços de escuridão, como se ao invés de globos oculares e pálpebras ele apenas possuísse sombras na área destinada à visão. Percebendo que ela lhe observava ele disse:

– Graça, eu venho de parte de sua irmã caçula, Ana Maria. Ela quer ver vocês. Venha até aqui que eu lhe levo até ela! – Mas aquilo tudo fora demais para Graça e ela tombou ao chão. Quando acordou, a lua já estava no céu e seu corpo estava sujo e cheio de mordidas de formigas. Ela se levantou desesperada e voltou para casa correndo e gritando pela irmã. Quando chegou em casa, ela encontrou Bernardete aflita, com o filho no colo.

– Ei mana, onde tu tava? Eu tava morrendo de preocupação. Quando cheguei em casa o neném tava chorando e eu não te achei... – Então Bete viu o estado em que se encontrava a irmã – Graça, o que foi que aconteceu contigo? – Ela perguntou, assustada, e então Graça narrou todo o ocorrido. Naquela noite eles não adormeceram.

Fatos estranhos continuaram a ocorrer para aquela família. Alguns dias depois durante a madrugada, todos foram acordados no meio da noite por vozes estranhas de pessoas ao redor da casa que cantavam cantigas em idiomas desconhecidos, “língua de gente do fundo” disse Beno na manhã seguinte. Frequentemente, a vila passou a ser visitada por pajés, rezadores, pais de santo e médiuns espíritas que iam até a casa de Bernardete levar recados de Ana Maria, a irmã encantada.

Não aguentando mais viver naquela situação, Bernardo e seus parentes reuniram o pouco dinheiro que possuíam e custearam a volta de Dona Domingas de Oxóssi a Gurupá e pagaram ao barqueiro Caranguejo para trazê-la de volta ao

Carrazedo. Já no vilarejo, a mãe de santo passou uma semana inteira rezando a casa para afastar de lá a presença dos “companheiros do fundo” e para que os mesmos deixassem aquela família em paz. Quando a sábia idosa teve certeza de que eles não mais retornariam, ela também se despediu e retornou a Belém, com a promessa de que um dia Beno e Bete a visitariam pois ela agora era a madrinha de Bruno, o bebê dos “Bernardos” e também fora ela que pressentira que Bernardete estava grávida, e que o outro bebê também era um menino que se chamaria Breno.

PORTO DE MOZ, PARÁ. 2015.

Era noite de festejo no Terreiro de Pai Bento. Tudo havia sido preparado de antemão para aquela data alegre. Um despacho para Exu havia sido colocado em uma encruzilhada para que o mesmo não viesse interromper a festança, todo o terreiro estava colorido e as filhas de santo e feitas da casa tinham preparado com grande esmero as melhores refeições para serem servidas em homenagem à cabocla que desceria. Porém agora, durante a festa, tudo silenciara e todos olhavam perplexos para o centro do terreiro, sem saber o que fazer. Pai Bento, que havia se preparado tanto para aquele festejo, havia “baixado” uma entidade desconhecida ao invés daquela para qual era devotada aquela festa. A entidade agora dançava sozinha no centro do terreiro e ria-se das expressões confusas de todos os presentes. Um jovem filho de santo foi o primeiro a se aproximar. Bastante nervoso, o garoto cumprimentou:

– Axé... Ca-cadê a Dona...? – Porém, foi interrompido pela entidade incorporada no pai de santo, que respondeu com voz de garota:

– Ah! Tu queres saber da santa que vinha hoje? Ela demorou muito pra baixar, então eu vim na frente! – E em seguida deu grandes gargalhadas.

– E quem é você? – Perguntou o rapaz. A entidade olhou fixamente em seus olhos, depois virou-se e anunciou a todos:

– Meu nome é Ana Maria! E eu quero falar com a minha irmã!